



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA

TÍTULO: INFRA-ESTRUTURAS DE APOIO, PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE
ALVOR:
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PATRIMÓNIO RURAL E
ALBERGUE DE JUVENTUDE.

ANDRÉ ALEXANDRE PALMA LOPES

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA ANA MOYA PELLITERO

ANDRÉ ALEXANDRE PALMA LOPES

**INFRA-ESTRUTURAS DE APOIO, PARQUE AGRO-
PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR: CENTRO DE
INTERPRETAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PATRIMÓNIO
RURAL E ALBERGUE DE JUVENTUDE.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 17/10/2014 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º. 21/2014, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Hugo Philipe H. da Nazareth
Fernandes de Cerqueira (Professor Auxiliar,
ISMAT)

Arguente:

Prof. Doutor Mostafa Zekri (Professor
Auxiliar, ISMAT)

Orientador:

Prof.^a Doutora Ana Maria Moya Pellitero
(Professora Auxiliar, ISMAT)

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2014

Resumo

Palavras-chave: Ria de Alvor, Parque Agro-patrimonial, Sistemas integrados sustentáveis, Infraestruturas de apoio, Organicismo.

Para promover sustentabilidade urbana, torna-se necessário compreender as comunidades periurbanas, dotá-las dos equipamentos necessários, promover dinâmicas e inverter a tendência da periferia enquanto bairro dormitório, transformando lentamente estes territórios em peças essenciais e complementares aos centros urbanos.

Conhecer a Mexilhoeira Grande é observar o seu carácter rural, a sua relação com a Ria de Alvor, perceber a importância deste território e do seu património material e imaterial. Adotando a formulação do binómio agro-patrimonial, aliando os achados arqueológicos ao carácter produtivo da sua estrutura de desenvolvimento. Torna-se assim imprescindível a planificação da figura de Parque Agro-patrimonial, com infraestruturas de apoio. As premissas do projeto arquitetónico de estas infraestruturas de apoio deverão pertencer à paisagem e explorar relações e transições entre edificado e território natural/agrícola. Quer o conceito arquitetónico quer o programa do edificado e materiais utilizados deverão convergir para a revalidação socioeconómica, produtiva e natural do lugar, promovendo a sustentabilidade do território em todas as suas escalas.

Para que tal aconteça pretende-se a implementação de um Centro de Interpretação e Conservação do Património Rural. O Centro de Interpretação, está localizado perto do sítio arqueológico da Abicada, no terreno da antiga vacaria, na Freguesia da Mexilhoeira Grande. Atua como centro de gestão patrimonial, dotando-o de todos os serviços essenciais e definindo uma premissa, no que toca a revalidação das suas matrizes culturais (gastronomia, agricultura, técnicas construtivas e técnicas agrícolas) aliadas a um desenvolvimento tecnológico. Paralelamente torna-se imprescindível a integração do edificado na paisagem circundante, mantendo o *Genius Loci* da Abicada (Transparência na Arquitetura Vernacular). O Albergue de juventude, localizado na Quinta da Rocha, e perto da zona de sapal. Pretende promover um turismo sustentável. O equipamento destaca-se, sem que com isso, se sobreponha ao meio natural circundante, por esse motivo foi tentada uma reinterpretação do edificado existente no local (Reinterpretação da Arquitetura Vernacular).

O *Genius Loci* define uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade, ou seja, o lugar define o Homem e vice-versa. Para que a identidade seja

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

preservada, todo o projeto arquitetónico deverá pertencer à paisagem e explorar relações e transições entre edificado e território natural/agrícola. Quer o conceito arquitetónico quer o programa do edificado e materiais, quer a vegetação endógena utilizados deverão convergir para a reinterpretação da arquitetura tradicional. Procura-se a relação entre a identidade cultural e as suas atividades, recorrendo a uma integração do edificado na paisagem explorando assim a vertente organicista do projeto arquitetónico com o intuito de promover a validação socioeconómica, produtiva e natural do lugar, bem como a interação social e cultural entre os aglomerados urbanos de Portimão/Alvor e Mexilhoeira Grande.

Abstract

Keywords: Ria de Alvor, Agro-Heritage Park, integrated sustainable systems, Support infrastructure, Organicism.

In order to promote urban sustainability, it is necessary to understand the peri-urban communities, providing them with necessary infrastructures, promote dynamics and reverse the trend of the periphery as dormitory neighborhoods, slowly transforming these suburban territories in key pieces, complementary to the urban centers.

To know Mexilhoeira Grande is to observe its rural character, its relationship with the Ria de Alvor, realize the importance of this territory and its tangible and intangible heritage. Adopting the formulation of a binomial agro - heritage, combining archaeological findings with the productive character of nature and its development framework, thus becomes essential the planning figure of an Agro - Heritage Park, with the required support infrastructures. The assumptions of the architectural design of these support infrastructures should belong to the landscape and explore relationships and transitions between the building and natural/agricultural territory. Both the architectural concept of the building and the program and materials used should converge to the socio-economic, productive and natural revalidation of the place, promoting the sustainability of the territory in all its scales.

In order for all this objectives to happen it is intended to implement an Interpretation Center and Conservation of Rural Heritage (Abicada peninsula, Mexilhoeira Grande Parish, near the Abicada archaeological site, a former cowshed. The Center acts as central asset management, providing all the essential services and setting a premise, when it comes to renewing the cultural matrices of the territory (food, agriculture, construction techniques and farming techniques) combined with technological development. Parallel to that, it becomes imperative to integrate the buildings into the landscape, keeping the *genius loci* of Abicada (Transparency in Vernacular Architecture). The youth Hostel, is located in Quinta da Rocha, near the marshland. It aims to promote sustainable tourism. This equipment should stand out, without imposing itself in the surrounding landscape, therefore it was attempted the reinterpretation of the existing buildings on site (Reinterpretation of Vernacular Architecture).

Genius Loci defines a phenomenological approach to the environment and the interaction between identity and location, with the intention that the location sets the man and vice versa. For identity to be preserved the architectural design must belong to the landscape and explore

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

the relations and transitions between the built and natural/agricultural territory. At the same time the architectural concept of the building the program and materials and the endogenous vegetation used should converge to reinterpret traditional architecture. The objective of the present dissertation is to relate cultural identity with their traditional activities, using an integration of the building within the landscape, therefore exploring the organic aspect of architectural design in order to promote and validate the socio-economic, productive and natural heritage of the place, as well as the social and cultural interaction between the urban clusters of Portimão/Alvor and Mexilhoeira Grande.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Moya Pellitero e ao Mestre Arq. Josué Eliziário, muito agradeço por todo o acompanhamento e apoio disponibilizado no decorrer desta dissertação. Agradeço solenemente a transmissão de conhecimentos e sugestões apresentadas, todas elas imprescindíveis para a consolidação de conhecimentos, fundamentais, quer para a minha vida académica e profissional, quer para o meu desenvolvimento humano.

Um grande obrigado a todo o corpo docente do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, por me terem ensinado a “ver” a arquitetura em todas as suas formas e espectros.

Aos meus pais, irmã, namorada e amigos por compreenderem a minha ausência durante 5 anos, pela sua paciência e apoio incondicional no decorrer desta etapa.

Agradeço também aos Magos da informática do ISMAT, o Mago Luís e o Mago Paulo, importantíssimos no dia-a-dia de qualquer aluno do Instituto.

Um grande obrigado à minha fantástica turma, sem a qual não teria sido possível o meu crescimento e desenvolvimento pessoal e académico.

Um especial obrigado ao grande colega, amigo, mestre e irmão Marco Bailhote. Esta é para ti, estarás sempre connosco.

“Um neurónio isolado é, de facto, estúpido. É a interação complexa de um grande número deles que pode produzir coisas maravilhosas.”

(Pimenta, 1999, p.207)

“E, coisa estranha, apesar disso essas mãos que no palco adquiriram uma beleza quase inquietante, nos meus joelhos eram apenas umas mãos banais.”

(Tanizaki, 2010, p. 50)

“ [...cada obra contém a sua própria gramática.]

(Sacriste, 1976, p. 11)

Conteúdo

Resumo	2
Abstract	4
Agradecimentos.....	6
Índice de Figuras	11
Introdução	15
Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor	22
Infraestruturas de apoio: Objetivos de pesquisa através do projeto.....	23
Metodologia	26
Relevância.....	26
1.Ria de Alvor	28
1.1Património natural da Ria de Alvor	28
1.2 Contextualização Geográfica da Mexilhoeira Grande	31
1.3 Geomorfologia da Mexilhoeira Grande	32
2. História da Mexilhoeira Grande	33
2.1 Neolítico e Calcolítico.....	33
2.2 Alcalar.....	34
2.3 Idade do Ferro.....	36
2.4 Ocupação Romana	36
2.4.1 Villa Romana da Abicada	37

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

2.5 Domínio Árabe	40
3. Comunidades Periurbanas.....	42
3.1 Plano de gestão e objetivos	45
3.2 Parques Patrimoniais	50
3.3 Parques Agrários.....	54
3.4 Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor, Algarve.....	58
4. Caracterização e Estudos gerais do Território.....	61
4.1 Dinâmicas: aspetos funcionais do território	61
4.2 Morfologia: Aspetos Formais do Território.....	64
4.3 Perceção Territorial, aspetos visuais do território	66
5. Estrutura e Zonamento, Propostas de Planeamento Territorial.....	69
5.1 Grupo de trabalho <i>Terra Salgada</i>	70
5.2 Grupo <i>O que separa une</i>	74
5.3 Grupo de trabalho <i>Quinta do Mar</i>	76
6. Genius Loci.....	81
6.1 Aldeias Rurais Algarvias	86
6.1.2 Habitação Rural.....	89
6.1.3 O Sótão e o Sobrado.....	91
6.1.4 O Palheiro e a Ramada.....	92
6.1.5 A Cerca.....	92

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

6.1.6 O Poço.....	92
6.1.7 A Nora	94
6.1.8 A Eira.....	94
6.1.9 O Telheiro.....	95
6.2 Materiais de Construção Tradicionais	95
7.2.1 <i>Materiais de Origem Mineral</i>	95
6.2.2 Materiais de Origem Vegetal.....	100
6.3 Técnicas de Construção Tradicionais	104
7 Organicismo	115
8.Projeto	123
8.1.Albergue de Juventude - Unidade Hoteleira	123
8.2. Centro de Interpretação e Conservação de Património Rural	131
9.Conclusão.....	136
10.Bibliografia.....	137
11 Anexo 01- Estudos Territoriais	144
Anexo II- Desenhos técnicos.....	172

Índice de Figuras

FIG. 1 OCUPAÇÃO DO SOLO (RIA DE ALVOR). HTTP://WWW.RIADEALVOR.ORG/RIA-PT/2950-DSY/VERSION/DEFAULT/PART/IMAGEDATA/DATA/LARGE-OCUP-SOLO.JPG?LANGUAGE=DEFAULT , A 16 DE FEVEREIRO 2014. -FONTE: GOOGLE MAPS, A 17 FEVEREIRO DE 2014.....	16
FIG. 2 LOCALIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS DE APOIO (1. ALBERGUE JUVENTUDE;2. CENTRO DE INTERPRETAÇÃO).....	23
FIG. 3 IMAGEM AÉREA DAS RUÍNAS DA VACARIA, LOCALIZAÇÃO 2. -FONTE: GOOGLE MAPS, A 17 FEVEREIRO DE 2014.....	24
FIG. 4 IMAGEM AÉREA DE QTA. DE SANTA ISABEL, LOCALIZAÇÃO 1. -FONTE: GOOGLE MAPS, A 17 FEVEREIRO DE 2014.....	24
FIG. 5 VISTA DE VACARIA, LOCALIZAÇÃO 2. .FONTE: AUTOR.....	25
FIG. 6 VISTA DE QUINTA DE SANTA ISABEL, LOCALIZAÇÃO 1. .FONTE: AUTOR	25
FIG. 7 LONTRA. -FONTE: HTTP://IMAGENS7.PUBLICO.PT/IMAGENS.ASPX/384137?TP=UH&DB=IMAGENS , A 22 DE JANEIRO DE 2014.....	29
FIG. 8 RÃ DE FOCINHO DE FERRADURA. FONTE: HTTP://OLHARES.SAPO.PT/CLIENT/FILES/FOTO/BIG/220/2200895.JPG , A 22 DE JANEIRO DE 2014.....	29
FIG. 9 FREGUESIA DA MEXILHOEIRA GRANDE.FONTE: (SIMÕES, 2007) P. 13.....	32
FIG. 10 VISTA AÉREA DE MONUMENTOS MEGALÍTICOS DE ALCALAR. FONTE: HTTP://ESTRELASEOURICOS.CRESCER.SAPO.PT/BACKOFFICE/IMAGES/IMAGE___1_290945333.JPEG , A 4 DE MARÇO DE 2014.	35
FIG. 11 ESQUIÇOS DE MONUMENTOS DE ALCALAR, POR ESTÁCIO DA VEIGA.FONTE: (SIMÕES, 2007),P.22.	35
FIG. 12 INTERIOR DE MAMOA, ALCALAR.FONTE: HTTP://WWW.CULTALG.PT/ALCALAR/350CRIPTAARQ.JPG , A 4 DE MARÇO DE 2014.....	35
FIG. 13 PLANTA GERAL DA VILLA DA ABICADA. FONTE: (TCHEINER, 2007)P.99.	37
FIG. 14 CORTE TRANSVERSAL DA UNIDADE A FONTE: (TCHEINER, 2007)P.100.	38
FIG. 15 CORTE TRANSVERSAL DA UNIDADE B. FONTE: (TCHEINER, 2007)P.100.....	38
FIG. 16 VISTA INTERIOR DE <i>PORTICUS</i> UNIDADE B. FONTE: (TCHEINER, 2007)P.100.....	38
FIG. 17 DIAGRAMA DO CICLO DE REVITALIZAÇÃO PATRIMONIAL. FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.106.	45
FIG. 18 ESQUEMA DE PREMISSAS PATRIMONIAIS. FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.106.	48
FIG. 19 LLOWEL APÓS REABILITAÇÃO. FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.106.	51
FIG. 20 LLOWEL APÓS REABILITAÇÃO DE CANAIS. FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.104.....	51
FIG. 21 ALLEGHONY PORTAGE RAILROAD. FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.108.....	52
FIG. 22 ALLEGHONY RIDGE, MASSACHUTTETS. FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.109.....	52
FIG. 23 SISTEMA REGIONAL E CIDADES PORTA DE ALLEGHONY RIDGE HERITAGE PARK (1990). FONTE: (SABATÉ J. , 2004)P.113.....	53
FIG. 24 ZONAMENTO POR ATIVIDADES PRODUTIVAS DE LA PIANA E LOTEAMENTO AGRÍCOLA DE LA PIANA, 1954 A 93. FONTE: . HTTP://HABITAT.AQ.UPM.ES/EACC/ATOSCANA.HTML , A 9 DE ABRIL DE 2014.....	54
FIG. 25 ÁREA DO PARQUE AGRÁRIO DE BAIX LLOBREGAT. FONTES: AUTOR E . HTTP://WWW.JARDINIERABORDAS.COM/BLOG/WP-CONTENT/UPLOADS/LOGO-PRODUCTE-FRESC.JPG , A 10 DE ABRIL DE 2014	56
FIG. 26 DELTA DO LLOBREGAT INTEGRADO NA MALHA URBANA DE BARCELONA.	56
FIG. 27 PARQUE DO LLOBREGAT.	58
FIG. 28 PARQUE AGRÁRIO DE BAIX LLOBREGAT E LOGO DE PARQUE AGRÁRIO.....	60
FIG. 29 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA.....	62
FIG. 30 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA.....	62

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

FIG. 31 ©CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS.....	64
FIG. 32 ©CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS.....	64
FIG. 33 ©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA.....	66
FIG. 34 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA.....	70
FIG. 35 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA.....	70
FIG. 36 ©CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS.....	74
FIG. 37 ©CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS.....	74
FIG. 38 ©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA.....	76
FIG. 39 ©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA.....	76
FIG. 40 LOCALIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS DE APOIO COMPLEMENTARES NA PENÍNSULA DA ABICADA.FONTE: AUTOR.....	79
FIG. 41 ALDEIA RURAL DE BELICHE DE CIMA, TAVIRA. FONTE: (SINTRA, 2004) P.126.....	86
FIG. 42 HABITANTE DE ESTEVAIS, TAVIRA. FONTE: (SINTRA, 2004) P.126.....	87
FIG. 43 CASA CAIADA, ESTEVAIS, TAVIRA. FONTE: (SINTRA, 2004) P.47.....	87
FIG. 44 TIPOS DE MATERIAIS CONSTRUTIVOS VERNACULARES UTILIZADOS NO ALGARVE.....	88
FIG. 45 HABITAÇÃO RURAL AGOXA, MEXILHOEIRA GRANDE, PORTIMÃO. FONTE: (KEIL DO AMARAL, 1980)P.294.....	89
FIG. 46 HABITAÇÕES ATÉ CINCO CÉLULAS DAS ALDEIAS DE VIÇOSO, CARVALHINHOS, FORTES, SILVEIRA, VALE ROSA, BELICHE DE CIMA, CORTE GAGO, LARANJEIRAS E MONTINHO DAS LARANJEIRAS. FONTE: (SINTRA, 2004)PP.26 E 27.....	90
FIG. 47 HABITAÇÃO COM SOBRADO, CORTE GAGO E HABITAÇÃO COM SÓTÃO, SILVEIRA. FONTE: (SINTRA, 2004)P.84.....	91
FIG. 48 CERCA DE PROPRIEDADE RURAL, CORTE GAGO. FONTE: (SINTRA, 2004)P. 86.....	92
FIG. 49 POÇO REDONDO. FONTE: (SINTRA, 2004)P.96.....	92
FIG. 50 NÓRA. FONTE: (SINTRA, 2004)P.106.....	94
FIG. 51 EIRA COM PAVIMENTO EM TERRA E BARRO. FONTE: (SINTRA, 2004)P.122.....	94
FIG. 52 PEDRA DE XISTO AZUL. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.39.....	95
FIG. 53 PEDRA DE XISTO PARDA. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.39.....	95
FIG. 54 ARGAMASSA DE BARRO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.41.....	96
FIG. 55 LAJETAS DE BARRO CRU. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.41.....	96
FIG. 56 CAIAÇÃO COM PIGMENTOS (SANGUE-DE-BOI). FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.50.....	98
FIG. 57 CAIAÇÃO COM PIGMENTOS (AMARELADOS). FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.50.....	98
FIG. 58 PROCESSO DE SECAGEM DE CANA. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.53.....	100
FIG. 59 REVESTIMENTO. DE COBERTURA. CÓNICA EM FEIXES DE PALHA DE CENTEIO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.58.....	102
FIG. 60 FIXAÇÃO DE ESTEIRA DE CANAS COM SISAL. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.61.....	102
FIG. 61 ALVENARIA. DE XISTO COM ARGAMASSA DE BARRO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.44.....	104
FIG. 62 ALVENARIA. DE XISTO COM PEDRAS DE GRANDE PORTE PARA REFORÇO DE CUNHAL. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.44.....	104
FIG. 63 PORMENOR DE PAREDE DE TAIPA. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.65.....	105
FIG. 64 PAREDE DE ADOBE COM EMBASAMENTO EM ALVENARIA. DE XISTO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.65.....	106
FIG. 65 TABIQUE ENTRELAÇADO DE CANA. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.70.....	106
FIG. 66 PAVIMENTO IRREGULAR DE XISTO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.75.....	107
FIG. 67 CHAMINÉ DE FUMEIRO DE GRELHA. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.77.....	110
FIG. 68 CHAMINÉ DE FUMEIRO DE BALÃO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.78.....	110
FIG. 69 TÉCNICA DE FINGIDO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.79.....	111
FIG. 70 TÉCNICA DE ESGRAFITO. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.26.....	111
FIG. 71 PORTA DE TAIPAL DE MADEIRA. FIG. 72 PORTA DE POSTIGO DE VIDRO. FIG. 73 PORTA DE TAIPAL INTERIOR. FONTE: (RIBEIRO, 2008)P.118.....	113
FIG. 74 RETRATO DE FRANK LLOYD WRIGHT. FONTE: HTTP://NL.STEELCLASSIC.COM/MEDIA/CATALOG/CATEGORY/WRIGHT.JPG , A 22 DE JUNHO DE 2014.....	115

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

FIG. 75 FRANK LLOYD WRIGHT COM SEUS ALUNOS EM TALIESIN EAST (1936). FONTE: . HTTP://PRODOS.THINKERTOTHINKER.COM/FILES/2012/04/FRANK-LLOYD-WRIGHT- 1.JPG, A 22 DE JUNHO DE 2014.	115
FIG. 76 VISTA TALIESIN WEST (1937). FONTE: . HTTP://ASSETS.INHABITAT.COM/WP- CONTENT/BLOGS.DIR/1/FILES/2012/03/TALIESIN-WEST-4-537X340.JPG, A 22 DE JUNHO DE 2014.	118
FIG. 77 VISTA INTERIOR TALIESIN WEST STUDIO (1937). FONTE: HTTP://NEWS.NATIONALGEOGRAPHIC.COM/NEWS/2009/10/PHOTOGALLERIES/WOR LD-MONUMENTS-WATCH-LIST-UNITED-STATES/IMAGES/PRIMARY/091013-08- TALIESIN-WEST-FRANK-LLOYD-WRIGHT_BIG.JPG, A 14 DE JUNHO DE 2014.....	118
FIG. 78 KAUFMANN HOUSE (1936). FONTE: HTTP://ENGENHARIAEARQUITETURA.COM.BR/MIDIA/TINYMCE/BORK_ARCHITETUR AL_DESIGN/FLW_JACOBSII/FLW_ARQUITETURA_ORGANICA/FALLING-WATER- FRANK-LLOYD-WRIGHT.JPG, A 22 DE JUNHO DE 2014. FONTE: HTTP://4.BP.BLOGSPOT.COM/-21TQB8PECZA/TN6IDLHJLI/AAAAAAAEMC/XJ-KPW- EDCA/S1600/3.JPG, A 22 DE JUNHO DE 2014.....	119
FIG. 79 KAUFMANN HOUSE, ENTRADA (1936). FONTE: HTTP://ENGENHARIAEARQUITETURA.COM.BR/MIDIA/TINYMCE/BORK_ARCHITETUR AL_DESIGN/FLW_JACOBSII/FLW_ARQUITETURA_ORGANICA/FALLING-WATER- FRANK-LLOYD-WRIGHT.JPG, A 22 DE JUNHO DE 2014. FONTE: HTTP://4.BP.BLOGSPOT.COM/-21TQB8PECZA/TN6IDLHJLI/AAAAAAAEMC/XJ-KPW- EDCA/S1600/3.JPG, A 22 DE JUNHO DE 2014.....	119
FIG. 80 ACESSOS E CIRCULAÇÃO. ACESSO VIÁRIA E ESTACIONAMENTO (1), DEQUE DE TRANSIÇÃO E ACESSO ALBERGUE (2), DEQUE ACESSO PRIVADO AOS QUARTOS (3). FONTE: AUTOR	124
FIG. 81 EDIFICADO DE ALBERGUE DE JUVENTUDE. SALA COMUM (6), QUARTO TIPO (7), RESTAURANTE /RECEÇÃO (4) E CLUBE NAVAL (5). FONTE: AUTOR	125
FIG. 82 IMAGEM 3D DE EDIFÍCIO RESTAURANTE/RECEÇÃO. FONTE: AUTOR.....	126
FIG. 83 PLANTA DE PISO TÉRREO - RESTAURANTE E RECEÇÃO. FONTE: AUTOR	127
FIG. 84 PLANTAS DE SALA COMUM DE ALBERGUE E QUARTO TIPO. SALA COMUM (1), QUARTO TIPO (2).	128
FIG. 85 CORTE DE MÓDULO/QUARTO. FONTE: AUTOR	129
FIG. 86 ALÇADO DE CLUBE NAVAL (ALÇADO Q). FONTE: AUTOR.....	130
FIG. 87 DINÂMICAS VISUAIS E PERCURSO. FONTE: AUTOR	131
FIG. 88 PLANTA DE CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO RURAL, PISO TÉRREO. FONTE: AUTOR	134
FIG. 89 PLANTA DE CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO RURAL, PISO SUPERIOR. FONTE: AUTOR.....	135
FIG. 90 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – ASPETOS FUNCIONAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 1 DE 4.	145
FIG. 91 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – ASPETOS FUNCIONAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 2 DE 4.	146
FIG. 92 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – ASPETOS FUNCIONAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 3 DE 4.	147
FIG. 93 ©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – ASPETOS FUNCIONAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 4 DE 4.	148
FIG. 94 ©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 1 DE 7.	149
FIG. 95 ©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 2 DE 7.	150
FIG. 96 ©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 3 DE 7.	151
FIG. 97 ©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 4 DE 7.	152

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

FIG. 98©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 5 DE 7.	153
FIG. 99©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 6 DE 7.	154
FIG. 100©ÂNGELO JESUS E CRISTIANA MATIAS – ASPETOS FORMAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 7 DE 7.	155
FIG. 101©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – ASPETOS VISUAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 1 DE 6.	156
FIG. 102©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – ASPETOS VISUAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 2 DE 6.	157
FIG. 103©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – ASPETOS VISUAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 3 DE 6.	158
FIG. 104©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – ASPETOS VISUAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 4 DE 6.	159
FIG. 105©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – ASPETOS VISUAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 5 DE 6.	160
FIG. 106©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – ASPETOS VISUAIS DO TERRITÓRIO. PAINEL 6 DE 6.	161
FIG. 107©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 1 DE 3.	162
FIG. 108©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 2 DE 3.	163
FIG. 109©DUARTE CORREIA E RICARDO CABRITA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 3 DE 3.	164
FIG. 110©CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 1 DE 4.	165
FIG. 111© CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 2 DE 3.	166
FIG. 112© CRISTIANA MATIAS E ÂNGELO JESUS – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 3 DE 3.	167
FIG. 113©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 1 DE 4.	168
FIG. 114©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 2 DE 4.	169
FIG. 115©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 3 DE 4.	170
FIG. 116©ANDRÉ LOPES E CAROLINA SEQUEIRA – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PAINEL 4 DE 4.	171

\

Introdução

“[O homem habita quando pode se orientar e se identifica com o meio, ou de outra maneira, quando experimenta o meio como significante.]” (Norberg-Shultz, 1980, p. 5)

Existe cada vez mais uma indefinição entre território rural e urbano. Podemos afirmar que a cidade se apossou do campo como resultado das suas ilimitadas extensões e tentativas de aproximar núcleos urbanos, por esse motivo, cada vez mais assistimos à dissociação das suas barreiras identitárias, seus costumes e cooperativismos. O Homem já não reflete o lugar. O lugar deixou de pertencer ao Homem. O campo deixou de ser visto e lido como um território caracteristicamente autónomo e passou a ser visto como a mera parcela de uma estrutura “pseudo urbana”, ou seja, a sua estrutura passa a ser alterada e adaptada às necessidades da cidade e do seu crescimento. Assistimos ao “nascimento” das comunidades rurais periurbanas. Estas comunidades ou territórios periurbanos mantêm a sua conotação rural, sem que no entanto se levem a cabo quaisquer das atividades rurais. Deparamo-nos assim com um território esquecido, seja ele devido à reorganização macroeconómica europeia ou simplesmente ao abandono das atividades rurais em prol da adoção de outras atividades económicas, atividades essas, sustentadas pela proximidade entre estes povoados e uma estrutura urbana consolidada que conseqüentemente transformam estes povoados em “dormitórios periféricos”. (Portas, 1998, p. 30). A paisagem é somente uma reinterpretação do meio a partir de uma base cultural, ou seja, é a nossa ideia de ser, lembrar e sentir que define o nosso conceito de paisagem e como tal, a paisagem é desde a sua origem uma “criação romântica” imposta ao território e uma manifestação da nossa identidade cultural. (Corboz, 2004, p. 29).

A Mexilhoeira Grande é uma das freguesias do concelho de Portimão, delimitada pela Freguesia de Alvor, Monchique, Odiáxere, Bensafrim e Marmeleite. Ocupa uma área de 94.4km² correspondente a cerca de 60% da área total do concelho do Portimão onde habitam 4029 pessoas. Esta freguesia vocacionada para a agricultura e detentora de uma relação única com o mar e a Ria de Alvor que abarca uma série de habitats ecológicos e sítios arqueológicos protegidos.

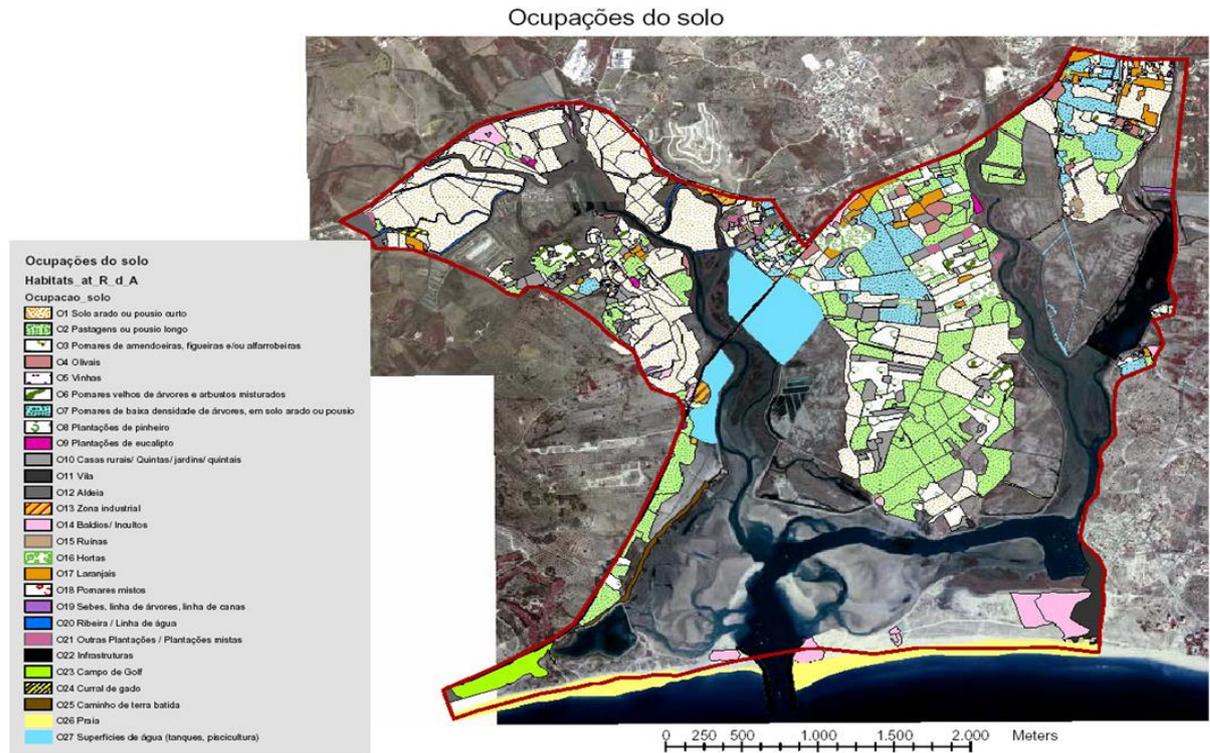


Fig. 1 Ocupação do solo (ria de Alvor).

Na região Algarvia denota-se um declínio acentuado do território agrícola, alterando as práticas a tradicionais por recém-criadas atividades económicas, consequência da reorganização macroeconómica global levada a cabo nas últimas décadas, e pela política agrícola europeia. O território durante séculos se apresentava sustentável deixou de o ser, no espaço de algumas décadas foi descaracterizado, e despojado das suas atividades agrícolas, piscícolas e industriais, passando a existir apenas como um retiro turístico, um mero postal sendo vendido apenas como uma região litoral, uma região de praia.

Mas por que motivo seria esta imagem postal idílica de turismo balnear incompatível com as estruturas fundiárias dos territórios delimitadores da Ria de Alvor?

O desenvolvimento económico da Mexilhoeira Grande, tal como o de todo o Algarve, centrou-se sempre nas atividades ligadas ao mar e com o cultivo da terra, procurando enquanto região pobre e subdesenvolvida explorar os seus recursos naturais como forma de subsistência, desde o estabelecimento de pequenos povoados humanos no paleolítico e calcolítico,

passando pelo estabelecimento Romano e conseqüente produção agrícola e piscícola (preparados de peixe) intensiva. (Santos & Da Veiga, 1971p.20.)

Na Península da Rocha constatamos que na atualidade as poucas propriedades agrícolas em funcionamento detêm um carácter familiar. Por outro lado a falta de manutenção leva à degradação dos sistemas de rega existentes (fossas de água, canais de água, etc.). Tampouco existe uma planificação coerente do traçado viário, sendo que os caminhos não possibilitam um fácil acesso à Ria e às várias herdades da Península da Rocha

Na Abicada por sua vez constatamos que para além das anomalias encontradas na Península da Rocha, devido à falta de planeamento, a estrutura agrícola foi-se degradando aos poucos e o território foi sendo reocupado por novas atividades. Na zona da Abicada surgiram duas vacarias ilegais, que durante anos contaminaram o solo e ocuparam de forma desregrada a paisagem, a sua ilegalidade comprova o abandono a que foi submetido este território, ainda assim podem ser identificados no local vários elementos destinados à prática agrícola (noras, canais de rega, muros de suporte, taludes para contenção de aterros agrícolas, etc.).

É certo que o território tem sua própria paisagem e que a paisagem define-se tendo em conta a identidade cultural dos seus ocupantes e povos nativos, ainda assim, a generalização dos conceitos de uma economia de base terciária, a expansão das áreas urbanas e a redefinição dos principais motores económico-sociais, atualmente centrados num único tipo de atividade económica (turismo), levam a que esta memória e identidade sejam perdidas e re assimiladas apenas e só como povoados semiurbanos e não como povoados de características rurais.

Pretende-se então nesta dissertação, entender este território em estudo como um território unitário, que definirá a zona de transição entre comunidade agrícola e cidade turística de litoral. Este seria o cenário ideal para a recuperação, preservação do património e da paisagem, promovendo as relações entre comunidades e destas com o seu território, absorvendo e adequando os conceitos de [*sistema de proximidade relativa*] com o intuito de formalizar uma semi-trama. Esta semi-trama afasta o conceito padronizado e rígido de desenvolvimento/planeamento urbano, apresentando a hipótese de uma série de “tramas” interligadas. Consequentemente, na presente dissertação a proposta programada para o futuro edificado dentro de este território ocupa zonas intermédias, permitindo centralizar e redistribuir os utilizadores do território e naturalmente as relações entre as suas comunidades. (Alexander, 1965, pp.13-14).

Este território devoluto da Península da Rocha e Abicada, expectante para o investimento imobiliário e turísticos, coloca em risco o enorme potencial do património agrícola e consequentemente o *Genius Loci* do território. A hipótese defendida na presente dissertação, valida o papel essencial da agricultura de proximidade e de qualidade geográfica, como base para a proteção e regeneração (recuperação) do *Genius Loci* do lugar e dos seus valores patrimoniais, reinventando e transformando a paisagem agrícola através da figura de planificação de um Parque Agro-Patrimonial e do conceito de *branding* territorial. O Parque Agro-Patrimonial surge como figura regularizadora do património rural e suas atividades agrícolas, sustentado pela implementação de um plano territorial de gestão. Dentro do conceito de Parque Agro-Patrimonial, as infraestruturas de apoio possuem um papel de enorme relevância, possibilitando a articulação de todos os diferentes mecanismos nele contidos. Para além da sua funcionalidade, inserem-se na paisagem estabelecendo uma relação dinâmica com o território. A figura de parque Agro-Patrimonial promove o desenvolvimento regional, partindo da revitalização do potencial agrícola, onde, através de uma gestão inteligente (Centro de Interpretação Centralizado) se aposta na manutenção do património rural e incentiva-se o turismo local. Este binómio Agro-Patrimonial possibilita a manutenção do carácter do lugar e a subsistência económica dos seus ocupantes. O parque Agrário de Baix Llobregat é um exemplo de aplicação exitosa de esta figura de planificação do território. Este será o caso de estudo que permitirá adequar este conceito à realidade Algarvia e a relação entre a cidade de Portimão e a Freguesia da Mexilhoeira Grande.

O intuito não passa somente pela utilização de um território como produtor agrícola intensivo, mas também pela utilização de um território produtivo como principal definidor de uma “marca”, que visa o fortalecimento da relação de identidade através da comunicação dos “atores” do território com a paisagem. A “marca” de identidade territorial irá ser o reflexo de uma base cultural estabelecida e que de forma consciente permitirá desenvolver as bases socioeconómicas imprescindíveis para a manutenção das suas características primordiais. (Puig, 2012, pp. 58-60).

Perante estas afirmações, constata-se que uma das possíveis formas de desenvolvimento desta Freguesia passa pela implementação da figura de planificação do parque Agro-Patrimonial, detentora de um forte carácter de revalidação económico-cultural, integrando-se no quotidiano dos seus habitantes. O *Genius Loci* e a tradição local deverão ser preservados acima de qualquer outro conceito, levando a Freguesia a desenvolver-se a partir de um plano de crescimento estruturado e operacional. A Abicada será sustentada pela sua imagem

identitária, produtos, património e marca comercial, elevando-se todo este território ao patamar de qualquer Parque Agrário internacional e afirmando-se enquanto destino educativo, produtivo e turístico de excelência, utilizando a Ria como catalisador de todo o projeto.

Mas em que medida poderão estas comunidades periurbanas ser integradas nas dinâmicas económicas territoriais e de que forma poderão estas comunidades manter a sua identidade pós esta integração?

A necessidade de uma imagem vendável seria assim tão premente, ao ponto de provocar uma rotura entre o território produtivo e sua população, substituindo-a por uma relação imaginária e condizente com uma imagem turística idealizada, enquanto consequência das políticas e sinergias económicas da comunidade europeia. Atualmente com o sonho europeu moribundo torna-se urgente a reexploração dos recursos regionais e a formulação de novas ideias de cariz económico e social. Pede-se e requer-se inovação. Exige-se um corte na despesa e a produção de riqueza. A Mexilhoeira Grande tal como uma série de outras Freguesias Algarvias subsiste, no mesmo lugar, quase que intocada e com as mesmas características que fizeram dela uma potência agrícola milenar. Por esse motivo, torna-se urgente uma proposta híbrida que reponha as características iniciais e atue como um alicerce da economia local e regional. Este êxodo sucessivo dos habitantes dos povoados rurais levou a um decréscimo da população produtiva e a um abandono das atividades agrícolas. Os terrenos destinados à prática destas atividades foram sendo adquiridos por privados e presentemente o Património Agrícola encontram-se em deterioração, ainda assim, se a abordagem for repensada tendo em conta uma análise escrupulosa do território, a tendência pode ser invertida e rentabilizada.

A tentativa de revalidação dos conceitos rurais como meio para a introdução da produção agrícola enquanto parte integrante dos sistemas urbanos, disseminou-se a nível global, demonstrando a crescente consciencialização para a importância do território rural dentro do contexto de sustentabilidade urbana. Torna-se urgente a formulação de um novo modelo urbano-rural que permita a preservação da identidade cultural e patrimonial da paisagem. Paralelamente, este modelo irá permitir o desenvolvimento de atividades tradicionais enquanto elemento chave para a sustentabilidade alimentar das cidades e mais tarde para a estruturação de um novo motor económico a partir da formulação de um modelo sinérgico de Ação, explorando assim os Sistemas Integrados Sustentáveis (este modelo varia consoante a área de estudo, características gerais e densidade populacional). Este modelo sinérgico de

ação visa a conjugação de uma diversidade de recursos económicos, naturais e culturais que irão após sua assimilação assegurar o desenvolvimento da estrutura em questão, sendo estes indissociáveis entre si e da estrutura, afirmando-se com o intuito de reverter o estado atual do território. Esta abordagem pretende assim contrariar a assimilação nociva do meio rural por parte dos tecidos urbanos, tendo como ponto de partida a definição destas comunidades periurbanas de carácter agrícola e a sua preservação a partir de um modelo económico de proximidade (carência urbana + valência agrícola e vice-versa), para que este modelo económico ocorra e para que o meio urbano se torne sustentável no contexto de obtenção de bens alimentares, necessita que a preservação do meio rural/agrícola seja assegurado. (Sabaté (Coord.)e Schuster, 2001, pp. 11-12)

A paisagem da Freguesia da Mexilhoeira Grande está definida pelos símbolos culturais da sua população, em suma, é correto afirmar que se deverá manter um princípio arquitetónico organicista nas infraestruturas a edificar. Uma vez que o espaço pode ser reformulado e repensado, o edifício pode não seguir uma tipologia tradicional, mas, se os símbolos (materiais utilizados, técnicas construtivas, respeito pelo património material e imaterial) forem considerados e se o conceito geral do projeto for ao encontro da “ideia do lugar”, o denominador *Genius Loci*, então a memória do território será preservada e devido à sua sustentabilidade, irá subsistir como tal, integrando-se naturalmente no conceito operativo do edificado e consequentemente invertendo a tendência pós-modernista de originar paisagens cenográficas, tal como podemos constatar no “Shopping” da Guia e Fórum de Faro nos quais se procurou a “reprodução de elementos vernáculos” (descrição de uma cena), utilizando-a de forma a “reproduzir a identidade”. (Rabaça, 2005, pp.17-20). A base da arquitetura orgânica está diretamente relacionada com os materiais e as suas propriedades e resulta também pelo respeito e pela relação harmónica entre forma e função do edifício com o meio ambiente no qual se localiza. O objetivo passa pela integração dos espaços arquitetónicos e pela sua conjugação com o ambiente natural, geográfico e cultural formulando assim um todo coerente, ou seja, a conjugação do sítio e do edificado e ao mesmo tempo uma união entre o contexto e o edifício, unindo as duas escalas de trabalho num todo coeso e funcional. (Sabaté, 2004, pp. 127-130), o organicismo enquanto corrente filosófica passa essencialmente pela assimilação do edificado pela paisagem, atuando como a extensão dessa mesma paisagem e um reflexo da paisagem cultural do território em questão (Tilzey, 2005) . O respeito pelos materiais locais e as suas propriedades, bem como a relação entre o contexto e o edificado são os pontos comuns da arquitetura vernacular e organicista. Enquanto a arquitetura

vernacular assenta as suas bases nas condicionantes territoriais (matérias construtivas, território produtivo, topografia e recursos) a arquitetura organicista assenta as suas bases na descodificação dos elementos singulares do território, permitindo consequentemente a leitura contemporânea do edificado e ao mesmo tempo a leitura da paisagem e edificado enquanto um todo. A arquitetura organicista adquire um carácter mais crítico e possibilitando uma reinterpretação do meio por parte do objeto arquitetónico, ao mesmo tempo afasta-se da mimese vernacular, dando ao utilizador/observador a imagem contemporânea pretendida.

“ [Inevitavelmente, este sentido mais profundo da construção como um produto integrante do espírito do homem serve para a construção do corpo físico da nossa era mecanizada. Mas isso em si mesmo não será suficiente. A não ser que essa construção seja para permitir um sentido mais amplo, um melhor sentido de viver, como algo a ser vivido ao máximo, todos os recursos de tempo, lugar e do homem no lugar para nos dar uma arquitetura que é por si um ambiente inspirador, e ao mesmo tempo a verdadeira expressão do que a vida, caso não aconteça o ideal terá novamente falhado] ” (Rigth, 1936,p. 191).

Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor

Uma base de desenvolvimento sustentável dentro da Figura do Parque Agro-Patrimonial poderia ser adequada à realidade Algarvia e à reformulação dos núcleos periurbanos de baixa densidade encontrados no território da Ria de Alvor. Esta figura planeamento estabelece uma nova relação de complementaridade entre comunidades periurbanas de carácter rural e tecidos urbanos consolidados no contexto da Ria de Alvor. Devido às situações económicas atuais no Algarve (decréscimo no turismo e na construção), devem ser procurados novos motores económicos para a revitalização das áreas agrícolas. Para a elaboração da presente dissertação no contexto da Ria (Península da Rocha e Abicada), parte-se de um Plano estratégico de Parque Agro-Patrimonial, elaborado durante o curso académico, na cadeira de Urbanística III, onde é estabelecida a nova estrutura de um território que alia a tecnologia à tradição, retornando à herança do povoado e suas atividades, através de uma nova ocupação agrícola dos solos e da exploração dos recursos da Ria de Alvor, sempre de forma controlada e sustentável, unindo a viabilidade económica à preservação do património natural. A proposta de Plano Estratégico do Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor assume a ruralidade de uma forma estruturada e organizada, para desenvolver um turismo (sustentável) de qualidade e a integração das comunidades locais e periféricas, com o objetivo de permitir um envolvimento e usufruto por parte das populações, promovendo em paralelo uma ligação aos núcleos urbanos mais próximos.

Esta proposta responde também à falta de Parques Urbanos à escala regional de carácter lúdico, cultural e agrícola cercanos à cidade de Portimão, o que irá reforçar a relação entre as gentes de Portimão e Mexilhoeira Grande e ao mesmo tempo conferindo à Abicada um novo carácter que irá acelerar o processo de expansão do Parque Agro-Patrimonial. Este actuará como elemento chave para a relação dinâmica entre a Freguesia da Mexilhoeira e a cidade de Portimão sem desrespeitar as características de ambas as partes. O Parque Agro-Patrimonial, transforma-se também num Parque Urbano de características produtivas e na sua utilização enquanto distribuidor e agregador social, económico e educativo, aproveitando a Ria como catalisador e o seu património como dinamizador, assegurando assim a relação entre tecidos urbanos e rurais.

A presente dissertação centra-se em dois projetos de equipamentos dentro do Plano Estratégico do Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor. A dissertação apresenta o trabalho de pesquisa desde a escala territorial (Parque Agro-Patrimonial) à escala de intervenção

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

destes dois equipamentos. Estas escalas estão inter-relacionadas, porque é a intervenção arquitetónica aquela que articula e viabiliza o conceito geral do Parque.

Infraestruturas de apoio: Objetivos de pesquisa através do projeto.



Fig. 2 Localização de infraestruturas de apoio (1. Albergue Juventude;2. Centro de Interpretação).

O Plano Estratégico de Parque Agro-Patrimonial visa o desenvolvimento de uma zona verde e produtiva complementar à estrutura consolidada da cidade de Portimão. Para o desenvolvimento da presente dissertação de pesquisa arquitetónica foram escolhidas duas

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

das várias infraestruturas necessárias na estrutura de funcionamento de um Parque Agro-Patrimonial.

Na presente dissertação realiza-se um Centro de Interpretação do Património Rural, imprescindível para o bom funcionamento, gestão e articulação dos trabalhos desenvolvidos no Parque e um Albergue de Juventude com restaurante e Clube naval. Este último equipamento lúdico albergará visitantes e permitirá o desenvolvimento de atividades de lazer complementares a estrutura geral do Parque Agro-Patrimonial. Paralelamente poderá também converter-se numa referência gastronómica de toda a região.

O Centro de Interpretação e Conservação de Património Rural ocupará a pré existência de uma das vacarias da Abicada, perto da *Villa Romana*, tirando assim partido da sua localização com o objetivo de minimizar o impacto do edificado e conjugar o seu carácter produtivo com o património arqueológico. Terá uma área total de aproximadamente 5000m². O Albergue de Juventude ocupará a pré existência da Quinta Santa Isabel, na Península da Rocha, entre as zonas protegidas de sapal e Ria. Este equipamento terá uma área total de aproximadamente 2000m² com Albergue, restaurante e Clube naval.

O programa para o Centro de Interpretação e Conservação do Património Rural, pretende dotar o Parque Agro-Patrimonial com todos os serviços essenciais e definir uma premissa, no que toca a revalidação das suas matrizes culturais (gastronomia, agricultura, técnicas construtivas e técnicas agrícolas) aliadas a um desenvolvimento tecnológico. Paralelamente torna-se imprescindível a integração do edificado na paisagem circundante, mantendo o *Genius*



Fig. 3 Imagem aérea das ruínas da vacaria, localização 2.



Fig. 4 Imagem aérea de Qta. de Santa Isabel, Localização 1.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Loci da Abicada. Este edifício será a nova imagem da Abicada, uma imagem que seja compatível com a identidade do território. O Centro de Interpretação será uma peça essencial na obtenção de um “postal operativo”. O conceito de “postal operativo” surge com o intuito de conjugar o Algarve litoral e o seu carácter balnear com o algarve produtivo e detentor de uma identidade material e imaterial. Estes edifícios pretendem acima de tudo repensar as bases do edificado tradicional, adequando-se ao local, vivendo do mesmo e permitindo uma série de dinâmicas entre o interior e o exterior. Uma vez que a funcionalidade do próprio edifício está diretamente relacionada com um ensino de cariz prático da vida agrícola e o meio natural e arqueológico, torna-se necessário que o desenho siga as premissas do lugar, corresponda à imagem do mesmo e que não se imponha de uma forma agressiva em relação ao todo, desenvolvendo-se pelo terreno e relacionando-se e integrando-se com o meio natural, de acordo com a corrente filosófica organicista.

No segundo caso de estudo, é desenvolvido e desenhado um Albergue de Juventude. O seu programa dentro do Parque Agro-Patrimonial tem como objetivo reativar a relação humana com a Ria de alvor através de atividades de lazer, turismo e desporto. O Albergue de Juventude pretende dar a conhecer a Ria e explorar atividades desportivas relacionadas com a mesma, gastronomia típica e atividades relacionadas com o agroturismo e turismo de natureza. Para esse efeito o equipamento irá situar-se na Quinta Santa.Isabel. O restaurante e receção do Albergue ocuparão a pré existência da Quinta (Habitação e Armazém) estando relacionadas com os quartos a Este e com o Clube naval a Sul através de um percurso pedonal junto à água construído em madeira.



Fig. 5 Vista de Vacaria, localização 2.



Fig. 6 Vista de Quinta de Santa Isabel, localização 1.

Metodologia

Na primeira fase é feita uma pesquisa sobre a Ria, seus recursos e património natural, bem como a contextualização histórica e geográfica da Freguesia da Mexilhoeira Grande. Na segunda fase são analisadas e comparadas as estruturas de organização de Parques Patrimoniais/Agrários e a possibilidade de implementação deste conceito na Mexilhoeira Grande. Na terceira Fase é desenvolvida uma pesquisa e análise dos conceitos gerais de *Genius loci* e Arquitetura Orgânica através do estudo de obras de Frank Lloyd Wright e no que respeita à arquitetura vernacular um estudo sobre as aldeias rurais Algarvias e matérias-primas vernaculares utilizadas, no qual se estudarão e selecionarão os materiais e características a integrar no projeto arquitetónico, incorporando-as na premissa organicista e possibilitando a formulação de uma nova imagem arquitetónica, símbolo do Parque Agro-Patrimonial e da historia da freguesia. Na quarta fase será analisada a estrutura territorial, com recurso a estudos de perceção, dinâmicas territoriais e aspetos formais do território desenvolvidos durante a disciplina de Urbanística III bem como estudos posteriores, como ponto de partida para o desenvolvimento prático dos dois casos de estudo propostos, de infraestruturas de apoio para o Parque Agro-Patrimonial. Numa das infraestruturas, o Albergue de Juventude, onde é aprofundada a temática da arquitetura vernacular e a sua reinterpretação e o Centro de Interpretação e Conservação do Património Rural, o objetivo de estudo estará centrado nos valores de transparência com a paisagem da arquitetura vernacular. Finalmente na quinta e última fase realiza-se o desenvolvimento das conclusões do trabalho de pesquisa através do projeto.

Relevância

Com a presente dissertação pretendo promover a memória e a identidade do Património Rural; requalificar, as relações entre as pessoas e o seu território; apresentar um estudo preliminar estruturado que permita o futuro desenvolvimento do conceito geral de Parque Agro-Patrimonial; apresentar uma proposta arquitetónica coerente, integrada nas atividades e *Genius Loci* da identidade rural Algarvia, permitindo a sustentabilidade socio económica sem colocar em risco os ecossistemas naturais e rurais e por ultimo reabilitar a imagem das

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

comunidades periurbanas do município de Portimão, possibilitando a sua integração nos núcleos urbanos circundantes enquanto território singular e relevante.

1. Ria de Alvor

1.1 Património natural da Ria de Alvor

A Ria de Alvor ocupa uma área de 1454 hectares. É composta por uma laguna costeira (estuário), sapais, dunas, salinas e as Penínsulas da Rocha e Abicada. Esta é a zona húmida mais importante do barlavento Algarvio, distinguindo-se pela enorme variedade de habitats de biodiversidade. A Ria ocupa uma zona central entre duas das maiores cidades do Barlavento Algarvio, nomeadamente, a cidade de Portimão e a cidade de Lagos, sendo confinada pelas Freguesias de Odiáxere (Lagos) e Alvor (Portimão). Nela confluem quatro ribeiras. Estas são fundamentais para a definição deste sistema estuarino e são provenientes da encosta sul de Alvor. ((org), Fauna, 2007)

“Os estuários estendem-se desde a foz até ao limite das águas salobras, espacialmente correspondem ao troço final de um rio sujeito ao fluxo bidirial das marés. Dada a complexidade ecológica e geomorfológica de muitos estuários é frequente o uso do conceito de “sistema estuarino.” (Natureza., 2000, p.42).

Por sua vez a zona de sapal ocupa o seu lugar entre as zonas mais produtivas da biosfera, ao se beneficiar de uma grande quantidade de nutrientes (humús proveniente dos seus afluentes) e da pouca profundidade das suas águas. Estas características são fundamentais para o desenvolvimento de organismos marinhos, uma vez que em conjunto com a penetração de luz solar é promovida uma atividade fotossintética, permitindo também que a água atinja a temperatura ideal. Estas ocorrências potenciam o aumento da biodiversidade nestas zonas. Paralelamente o sapal desempenha uma tarefa defensiva do ecossistema, ao atuar como barreira de proteção entre a laguna e o meio terrestre funcionando como incubadora de várias espécies de peixes, crustáceos, etc.

A Ria é protegida da força do oceano por duas restingas de areia com dunas fixas que delimitam a área do estuário com bancos de vaza e de areia, salinas, pisciculturas e sapais salgados. Devido à riqueza de habitats e biodiversidade foi classificada como zona húmida de importância internacional (convenção RAMSAR) Biótopo CORING e zona especial de conservação (Rede Natura 2000).

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

“A Rede Natura 2000 é constituída por zonas de proteção especial (ZPE) destinadas a conservar as 182 espécies de subespécies de aves (...)bem como espécies migradoras(...)253 tipos de habitats, 200 animais e 434 plantas(...) o principal objetivo desta rede é manter ou recuperar habitats e espécies.” (Alvor.(org), 2007)

A Ria de Alvor compreende habitats e espécies de interesse comunitário, bem como espécies prioritários, para além disso acolhe mais de 150 espécies de aves migratórias, lagunas costeiras, estepes salgadas Mediterrânicas (*himoniatalia*) e dunas fixas com vegetação herbácea.

- Habitats de interesse comunitário: bancos de areia permanente cobertos por água pouco profunda, lodaçais e areias a descoberto na vazante, enseadas e baías pouco profundas, vegetação anual das zonas de acumulação de detritos pela maré, vegetação pioneira de salicórnia e outras espécies anuais das zonas lodosas e arenosas, prados de *Spartina*, prados salgados mediterrânicos matos halófilos mediterrânicos e termoatlânticos, matos *halanitrófilos*, dunas móveis embrionárias, dunas móveis de cordão litoral com *Ammophila arenaria* (“dunas brancas”), dunas com prados de *Malcolmietalia*, Carrascais, espargueirais e matagais afins basófilos, pradarias húmidas mediterrânicas de ervas altas de Molinio-Holoschoenion, galerias e matos ribeirinhos meridionais.

- As espécies prioritárias da Ria de Alvor são as seguintes: pombinhas, lontra, morcego-de ferradura-grande, cágado mediterrânico, sapo corredo, rela-meridional, cobra de ferradura, camaleão, *Dermochelys coriácea*, *zostera noltii* (espécie chave para ecossistema aquático, lebre), borrelho de coleira



Fig. 7 Lontra.



Fig. 8 Rã de focinho de ferradura.

interrompida, rã de focinho pontiagudo, chilreta, pernilongo, mocho-galego), *Melanargia ines* (indicador de terreno agrícola de elevado valor biológico) e *Danaus plexippus* (monarca). (Alvor. (org), 2007).

A Freguesia da Mexilhoeira Grande pode ser considerada uma das mais heterogêneas da região, ocupando um área que se estende da Serra ao Litoral, contendo alguns dos solos mais férteis e ecossistemas mais importantes da região. Torna-se urgente a criação de uma política de aproveitamento deste território, para que este seja preservado. A sua proximidade de núcleos urbanos consolidados possibilitará uma intervenção de mínimo impacto, adequando as premissas e atividades ao carácter do lugar, tendo como principal objetivo a preservação da freguesia e a valorização de todo o seu espólio agrícola e natural. Pretende-se uma base turística relacionada com o espólio agrícola e natural, ou seja, as atividades lúdicas e turísticas estão diretamente relacionadas com os ecossistemas da Ria. Este habitat de inúmeras espécies e ecossistemas privilegiados seria o verdadeiro “cartão-de-visita” para o turismo natureza. Como efeito seriam desenvolvidas infraestruturas representativas do carácter local, que por sua vez seriam destinadas ao *birdwatching*, observação e espécies marinhas animais e vegetais e atividades lúdicas e desportivas não poluentes. Estas atividades assentes numa exploração turística direcionada para a natureza permitiriam o retorno económico e ao mesmo tempo assegurariam a preservação dos seus valores naturais. (Alvor.(org), 2007).

“A Ria de Alvor é uma zona pequena com delicados equilíbrios ambientais, mas muito valiosa como catalisador para um turismo de qualidade e com enorme potencial económico para todo o Algarve, nomeadamente aos seus generosos recursos faunísticos.” (Alvor.(org), 2007).

1.2 Contextualização Geográfica da Mexilhoeira Grande

A Mexilhoeira Grande é uma Freguesia do Concelho de Portimão, com 88,41 km² de área e 4 029 habitantes (2011), densidade: 45,6 hab/km². A Freguesia apresenta um clima temperado, com características mediterrânicas no litoral, os níveis de precipitação são mais altos na zona Norte, devido á orografia da Serra de Monchique, bem como níveis elevados de humidade provocados pelo elevado número de cursos de água e pela Ria, compensando o baixo nível de pluviosidade. A temperatura média anual é de 16°C. No mês mais frio, Janeiro, a temperatura média ronda os 10°C, por sua vez a temperatura média de Verão, ronda os 22°C. A nível de relevo e tipos de solo a Freguesia apresenta formas de relevo pouco acidentadas, por vezes completamente planas, solos férteis para a agricultura com um sistema produtivo assente nas pequenas explorações familiares de subsistência e na autossuficiência. A Freguesia contém também um amplo património classificado, dos quais se destacam as numerosas construções de apenas 1 piso, com vãos de cantaria chanfrada (Quinhentista), a Igreja Matriz com portal renascentista (porta lateral Manuelina e porta da torre), a Igreja da Misericórdia (datada do séc. XVII), os monumentos Megalíticos de Alcalar, inúmeros testemunhos arqueológicos do séc. III e IV a.C., a *Villa Romana* da Abicada e inúmeros testemunhos muçulmanos localizados no Almarjão, Arão, Abicada, Alcalar e Amieira). Quanto à arquitetura vernácula, destacam-se os edifícios ligados à prática agrícola, de linhas simples, compostos maioritariamente por casas térreas com anexos adjacentes ligados à lavoura. Estes na sua maioria são de planta retangular com telhados de uma ou duas águas, construídos em taipa, taipa ou adobe, cobertura de telha de canudo cozida e caiadas.

“Para norte das areias douradas de Alvor, e enquadrado pela ria e pelo verde já exuberante dos contrafortes da Serra de Monchique, estende-se um território (...) é provavelmente uma das mais belas paisagens do mundo (...) dentro do território nacional, uma das zonas com maior individualidade e unidade a nível geográfico refletindo-se essa característica na sua população ao longo dos séculos. um golfo peri-mediterrânico, de entrada no centro financeiro e comercial da Antiguidade..” (Simões, 2007, p. 12)

1.3 Geomorfologia da Mexilhoeira Grande

O Algarve é uma região definida, referentemente à sua geomorfologia, dividindo-se em três zonas geográficas diferenciadas: O *Litoral*, o *Barrocal* e a *Serra*.

O *Litoral* é composto por uma faixa estreita, voltada para o mar, é onde se situam as maiores cidades da região, fundadas para servirem de entrepostos comerciais marítimos, durante a antiguidade clássica, novamente na altura dos descobrimentos e mais recentemente vivendo da sua relação com o mar, enquanto cidades piscatórias. Atualmente estas cidades ainda mantêm a sua importância, explorando o turismo balnear, tirando partido das suas praias. Nesta zona abundam tipos litológicos bastante variados, nomeadamente, xistos, graucaves, calcários, dolomitos, calcarenitos, arenitos, conglomerados, rochas eruptivas e areias atuais. (Dias A. , 1988, pp. 113-129)

No *Barrocal* abundam rochas calcárias. Devido à abundância de este tipo litológico o solo não é dos mais férteis de Portugal, por esse motivo apostava-se no plantio de sequeiro (oliveiras, figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e trigo), exceto nas zonas de aluvião das linhas de água, onde se cultivavam diversas culturas de regadio (legumes, hortaliças e frutas). Nesta zona intermédia do algarve abundam as aldeias e vilas de carácter agrícola/ rural.

A *Serra* contém os solos mais pobres da região, onde abundam as rochas xistosas, coberta por bosque (sobreiros, azinheiros, carvalhos, etc...), por esse motivo as populações da Serra vivem maioritariamente do pastoreio, agricultura de subsistência e recolção de frutos silvestres. (Simões, 2007, p. 12).

A Freguesia da Mexilhoeira Grande abrange estas três zonas. É definida a sul pela Ribeira de Odiáxere, a Oeste pela Ria de Alvor, Ribeira do Farelo, Ribeira da Torre e Barranco dos Alamos, juntando-se posteriormente na barra de Alvor. A Leste é delimitada pela Serra e pela Ribeira de Boina. Todos estes cursos

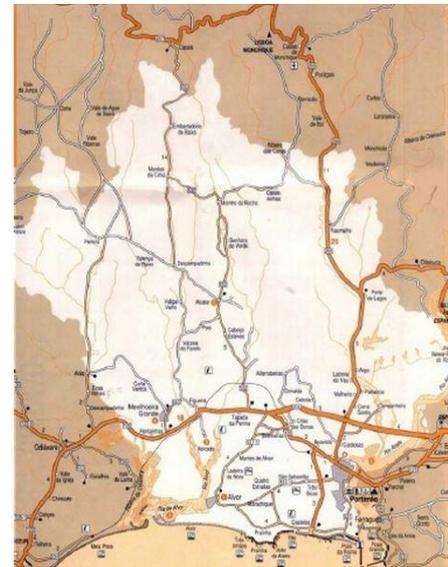


Fig. 9 Freguesia da Mexilhoeira Grande

de água correm de Norte para Sul. Devido à orientação destes cursos de água os nutrientes orgânicos provenientes da Serra rica em árvores de folha caduca, acabam por fertilizar os campos adjacentes aos cursos de água, possibilitando a agricultura num solo aparentemente pobre. As abundância de linhas de água independentes, a Ria de Alvor a Sul e a Serra a Norte, fazem com que haja uma grande concentração de humidade no ar, dando origem à existência de um microclima na zona da Mexilhoeira Grande, que por sua vez possibilita o aparecimento de uma fauna e flora bastante ricas. De acordo com o autor João Miguel Simões a Mexilhoeira Grande é um dos territórios mais férteis da região Algarvia, apresentando características imprescindíveis à prática agrícola (humidade, água, etc...) para além destas características, a sua proximidade do mar e a existência de metais na Serra levaram a que este território tenha sido um dos lugares mais humanizados na história Algarvia, desde o Neolítico até aos dias de hoje. (Simões, 2007, p.12-15).

2. História da Mexilhoeira Grande

2.1 Neolítico e Calcolítico

Com o recuo dos glaciares no final do período Paleolítico, acerca de dez mil anos, entramos no período Neolítico. Foi neste período que a Península Ibérica ficou livre dos gelos, dando lugar a uma densa floresta, que iria permanecer até a idade média. Com o aparecimento deste novo mundo as comunidades que habitavam o território que corresponde atualmente à província do Algarve foram forçados a viver da caça de animais de pequeno porte e da apanha do marisco. Deste período existem ainda hoje inúmeros depósitos de conchas que serviriam para a alimentação destas comunidades. Alguns destes depósitos foram encontrados durante a escavação de ecopontos subterrâneos perto da Igreja Matriz da Mexilhoeira, tal como referido por João Miguel Simões. (Simões, 2007,p.19). Foi durante este período que as comunidades, até a altura nómadas, se afastam da caça e recolção de alimentos e adotam a prática da agricultura como principal meio de subsistência. O ser Humano evoluiu, alterando os seus hábitos e mentalidade, sendo forçado a residir no local de forma permanente, originando o sentido de propriedade e o sentido de identidade, por parte dos seus ocupantes, relativamente ao território ocupado. Foi também neste período que surgiram os primeiros artefactos de pedra ligados a agricultura (enchós, machados, mós, etc...) e os primeiros

artefactos cerâmicos. Os primeiros vestígios Humanos da Mexilhoeira Grande são provenientes do VI Milénio a.C. (Neolítico), nomeadamente, da zona de Alcalar.

No final do IV Milénio A.C. e devido ao crescimento demográfico, algumas comunidades são forçadas a partir para o interior, rumo a zonas mais inóspitas e impróprias para as práticas agrícolas, dando assim origem ao aparecimento das comunidades agropastorícias, tendo muitas destas comunidades, posteriormente evoluído para sociedades agro metalúrgicas, iniciando assim o período Calcolítico. No Calcolítico deu-se uma nova evolução nestas sociedades, ao adquirirem conhecimentos que permitiriam a exploração e o domínio do cobre. Esta inovação tecnológica, possibilitou o fabrico de ferramentas mais resistentes, fator crucial para a generalização da agricultura intensiva, para a transformação do cereal em farinha, para o aparecimento da fição, tecelagem, etc... Com a sedentarização veio também uma mudança religiosa, sendo que estas comunidades se afastaram do culto da terra passando para o culto do sol. Esta alteração religiosa, levou à alteração da cultura funerária, tendo levado a construção de *Tholoi*, sepulturas compostas com uma câmara com corredor construída com pesadas lajes de pedra. Estas sepulturas seriam depois tapadas por uma montanha artificial de pedra coberta com terra (mamoá). (Simões, 2007, pp. 19-20). Estas construções são o reflexo da ligação entre estas comunidades e o seu território. Estas construções tinham o intuito de reproduzir o “útero da deusa Mãe”, que renovaria a vida do falecido, à semelhança do que acontecia com a Natureza. Constatamos também estes povos eram bastante evoluídos e organizados, de outra forma seria impossível a construção destes monumentos fúnebres. Na Mexilhoeira Grande encontramos um conjunto de *Tholoi*, testemunho da presença de uma sociedade organizada e complexa. (Cultalg, 2008)

2.2 Alcalar

De acordo com o autor João Miguel Simões no seu livro *História da Mexilhoeira Grande, 2007*, a palavra Alcalar é de origem Árabe e significa castelo ou fortaleza. O povoado Neolítico e necrópole de Alcalar foi descoberto no séc. XIX. O povoado e necrópole é constituído pelo povoado, situado no cimo de um monte e por quatro agrupamentos funerários a este diretamente associados, designadamente, o grupo de Vidigal o Velho (monumentos 12 e 13.), o de Alcalar Oeste (monumentos 8,11, 14 e 15.), o de Alcalar Centro (monumentos 12,3,4,5,6 e 10.) e finalmente o de Alcalar Este (monumentos 7 e 9.). (Coutinho, s.d.)

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Nas imediações existem ainda três dependências hierárquicas e respetivas necrópoles. O povoado de Monte Velho, o de Poio e o de Monte Canelas. O povoado de Alcalar e respetivas dependências, possuiria um sistema defensivo composto por cercas complexas. O povoado e necrópoles terão sido construídos entre 3.500 a 2.500 a.C. É sem dúvida um povoado intermédio, implantado numa zona limítrofe do Barrocal, entre o Mar e a Serra, vivendo da produção agrícola, exploração de cobre e dos recursos marinhos e proporcionando aos seus ocupantes um fácil acesso a eles. As habitações eram circulares, escavadas no solo, com paredes de alvenaria e cobertas de cana com barro seco ao sol. Estas estavam implantadas de forma orgânica, cada uma delas possuía um sistema independente de armazenamento de água (canais e tanques) e de armazenagem de alimentos (silos e fossas). Estas comunidades, tal como foi anteriormente referido viviam da agricultura de sequeiro, culturas de regadio perto dos cursos de água, caça, pesca e apanha de marisco. (Simões, 2007, p.20-21).

A prosperidade desta sociedade dependeu diretamente da prática agrícola nos seus territórios, explorando estes recursos de forma intensiva graças à utilização de alfaias de cobre. Esta sociedade, manteve-se inalterada ao longo de todo o Bronze antigo (1700 a.C.), e também durante todo o Bronze médio (1500 a 1200 a.C.). A partir do ano 1000 a.C. e devido aos inúmeros fluxos migratórios, foram introduzidas novas populações, constituídas por povos provenientes do norte da Europa e do Mediterrâneo oriental (populações mais evoluídas



Fig. 10 Vista aérea de monumentos megalíticos de Alcalar

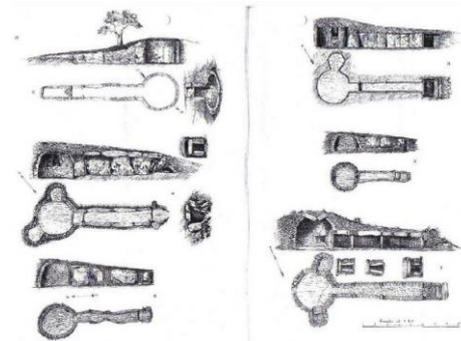


Fig. 11 Esquços de Monumentos de Alcalar, por Estácio da Veiga.



Fig. 12 Interior de Mamoia, Alcalar.

com intuito de comercializar com as populações nativas). Neste período os monumentos fúnebres ganharam um novo carácter, um novo cariz individual, por esse motivo a sepultura mais comum da idade do bronze é composta por uma fossa escavada na rocha ou por uma “cista” (caixa composta por 4 lajes dispostos de forma quadrangular e tapada com uma ou várias tampas. Na Mexilhoeira Grande são conhecidos seis conjuntos de cistas provenientes da idade do bronze e que são: o de Poio, Vidigal, Serro de Bartolomeu Dias, Mexilhoeira Grande, Várzea do Farelo e Monte da Donalda. (Simões, 2007, p.22-25).

“Assim, presume-se que as populações transitaram pacificamente do Calcolítico para a Idade do Bronze, havendo apenas uma alteração na religião e na sociedade que perdeu os seus líderes fortes.” (Simões, 2007, p. 27).

2.3 Idade do Ferro

Da Idade do Ferro não existem muitos vestígios arqueológicos, embora se saiba que no séc. VIII a.C. surgiu o primeiro contacto Fenício com a península Ibérica. Os vestígios encontrados provêm na sua grande maioria do rio Arade e Guadiana. De acordo com o autor João Miguel Simões, o Algarve seria também habitado por Cinetes ou Cónios, a crer pelos relatos da Ora Marítima de Heródoto (séc. V a.C) e de Hecateu de Mileto (500 a.C). Estes são os únicos indícios de que estes povos residiram no Algarve, uma vez que os povos de cariz Indo-Europeu (cónios) substituíram a inumação pela cremação (não existindo assim monumentos fúnebres) e em grande parte devido aos poucos levantamentos arqueológicos. (Simões, 2007,p.26-27).

2.4 Ocupação Romana

No ano 613 a.C. o Império Fenício caiu perante o Império Babilónico, que por sua vez caiu perante o Império Persa em 539 a.C. Esta troca de poderes levou a um decréscimo acentuado nas trocas comerciais com a Península Ibérica, tendo no território Algarvio apenas subsistido as comunidades agropastoricias. Devido a este abrandamento da presença Fenícia na península, as trocas comerciais passaram a ser efetuadas na sua maioria por mercadores Cartagineses (colonia de fundação Fenícia). É neste período que se inicia a ascensão do Império Romano. Este mantendo a sua política expansionista procedeu à anexação da

Península Ibérica. Durante quase dois séculos existiram conflitos com as populações locais (lusitanos), sendo a anexação apenas concluída em 19 a.C. O Algarve foi a província que menos terá sofrido com a guerra entre Lusitanos e Romanos, em grande parte devido à aliança entre Cónios e Romanos. Esta província deverá ter sido recompensada e numa primeira instância terá albergado a elite Romana. Simões afirma que durante a época Romana, existiam cinco centros urbanos principais no Algarve: *Baesuris* (Castro Marim), *Balsa* (Tavira), *Ossónoba* (Faro), *Cilpes* (Silves), *Portus Hannibalis* (Portimão?), *Ipses* (Alvor) e *Laccobriga* (Lagos). Estes centros urbanos levaram à intensificação da atividade Agrícola de sequeiro e de regadio e pela produção e venda de derivados de peixe (peixe salgado e *garum*, um condimento feito à base de peixe fermentado) explorados pelas *Villae* rurais Algarvias. Por estes motivos o Algarve sobre a tutela Romana foi uma região próspera, vivendo à margem das crises políticas e afirmando-se enquanto potência exportadora de *garum*, mesmo durante a profunda crise política, nos séc. III e IV d.C. (Simões, 2007, p.30-31).

2.4.1 Villa Romana da Abicada

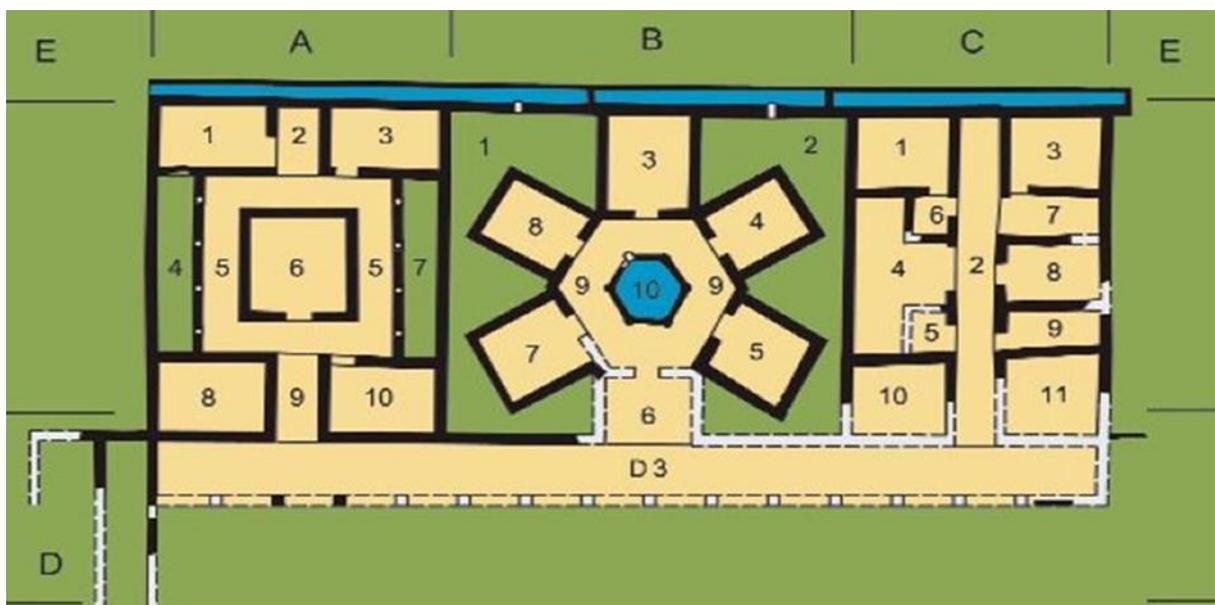


Fig. 13 Planta Geral da **Villa** da Abicada

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

A *Villa Romana* da Abicada, situa-se a 7km de Portimão, na confluência das ribeiras do Farelo e da Senhora do Verde, sobre a Ria de Alvor. Esta ultima outrora navegável até perto das ruínas. Atualmente devido ao açoramento provocado pelo levantamento da barra de Alvor a topografia foi alterada e o que outrora fora navegável foi substituído por uma zona de sapal, habitat de um ecossistema único inserido na Rede Natura 2000. (Santos & Da Veiga, 1971, p. 19).

A *Villa Romana* com uma área de cerca de 1.300m² e cerca de 30 divisões, localiza-se em propriedade privada. Foi primeiramente mencionada em 1917 por Leite de Vasconcelos. Só em 1938 se iniciaram as escavações arqueológicas pela coordenação de José Formosinho. Desde essa data até 1971 a configuração da planta original foi alterada, quer pela destruição de paredes e compartimentos pelos proprietários do terreno, quer pelos actos de vandalismo esporádicos levados a cabo por alguns visitantes e que conseqüentemente levaram à alteração da fisionomia da ruína. (Viana, 1953, p. 129).

Esta imponente *Villa Romana* era mantida, pela exploração agrícola e principalmente pela pesca. A entrada estaria situada a Sul, uma vez que a parede norte corre interruptamente em linha recta, com 54m de comprimento e 0.70m de espessura. O edifício de planta retangular, divide-se em três corpos diferenciados pela sua configuração geométrica e pela implantação no terreno. Estas três zonas unem-se a Sul por um *Porticus* com colunas permitindo a visibilidade para ria e para o mar (D3). A norte encontra-se um canal de rega que abasteceria a *Villa* (E), a sudoeste os corredores (D) que efetuam a ligação entre a *pars romana* (A) e a zona de produção (tanques de

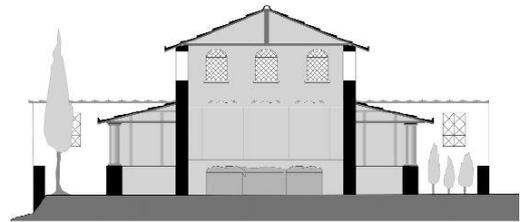


Fig. 14 Corte Transversal da unidade A

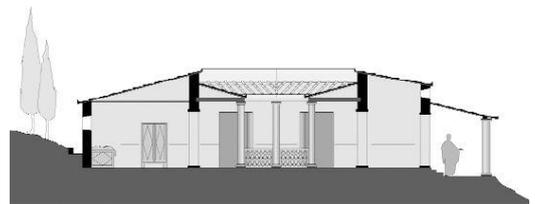


Fig. 15 Corte Transversal da unidade B.



Fig. 16 Vista interior de *Porticus* unidade B.

salga/ *certariae*) localizada a cerca de 20m, na mesma direção, onde seriam explorados e transformados os recursos marítimos (*gorum*, salga de pescado ou tintura). Os tanques foram destruídos após a sua descoberta por José Formosinho em 1938, bem como grande parte da *pars* rústica (instalações técnicas dedicadas à agricultura e à produção). (Tcheiner, 2007, pp. 99-100). A *pars* Romana têm uma extensão de 250m² e situa-se no lado Oeste do edifício. O centro desta unidade (A) era dominado por uma divisão quase quadrangular (A6: 5m x 5.5m) que servia como *triclinium* (sala de jantar). O seu pavimento era decorado por um ostentoso mosaico simétrico policolorido. A Este e Oeste deste compartimento estavam dois corredores (A5) que davam acesso às divisões subordinadas (A1, A2, A3, A8 e A10). Estas possuíam aproximadamente 20m² cada. Estas divisões ocupavam as quatro esquinas da unidade. Cada uma delas estava decorada com mosaicos geométricos policromados. Os dois espaços retangulares (A4 e A7) localizam-se a Oeste e Este da *triclinium*. Estes apresentavam uma disposição longitudinal e não eram de livre acesso. Estes pátios seriam apenas visíveis dos corredores (A5) e continham quatro colunas (cada) de tijolo e estuque, permitindo a contemplação, da paisagem a Oeste e do jardim interior a Este (Fig.13).

A unidade central da *Villa* (B), possuía 390m². No centro da unidade estaria um pequeno átrio hexagonal com um *impluvium* (tanque de água-B9) e um corredor envolvente (B10). Na superfície *opus caementium* do pavimento foram encontrados fragmentos de mosaicos policromáticos. O átrio era composto por seis colunas em tijolo, com uma base hexagonal de pedra, suportando assim o telhado que protegia o *porticus* interior (Fig.14.). Os seis compartimentos possuíam uma área média individual de 16 a 22m² (B3, B4, B5, B6, B7 e B8). O compartimento B6 a Sul seria o *Vestibulum* assinalando a transição entre a unidade B e o *porticus* (D3). Por sua vez os restantes compartimentos (B3, B4, B5, B7 e B8) seriam os *cubiculae* (quartos) e dariam acesso aos jardins privados situados entre as unidades. Enquanto as unidades A e B possuíam uma decoração luxuosa com mosaicos policromados. A unidade C apresentava um pavimento simples de tijolo (later). Esta unidade usufruía de uma área total de 240m² e seria onde se situavam a cozinha e dispensas. Nesta unidade observamos uma organização bastante similar à da unidade A, apresentando também quatro compartimentos com uma dimensão individual de cerca de 20m² dispostos nas esquinas da unidade (C1, C3, C10 e C11). No espaço intermédio a oeste (C4) encontramos uma divisão ampla com duas salas quadrangulares (C5 e C6), no lado este o espaço intermédio é subdividido em 3 compartimentos (C7, C8 e C9). Segundo o historiador Félix Tcheiner, o conjunto arquitetónico da Abicada enquadra-se na tipologia do esquema *Villae Maritimae*,

descrito por *Columella* e inserindo-se no conceito de *Naturvilla* enquanto as construções rurais monumentais mais importantes da época Romana. (Tcheiner, 2007, p.103).

A ruína Romana da Abicada foi abandonada nos finais do séc. IV, acompanhado a queda do Império Romano. Para além da *Villa* foram identificados na Mexilhoeira Grande 17 sítios arqueológicos de origem Romana, na sua grande maioria unidades de exploração de recursos, como moinhos de água, fornos, silos, lagares, fundições, tanques de salga de peixe e algumas necrópoles. (Simões, 2007, p. 39).

2.5 Domínio Árabe

Com o declínio do Imperio Romano, seguiu-se a entrada dos Visigodos na península. Durante este período a atividade agrícola diminuiu de forma expressiva e não se deram avanços significativos na área, até ao início da invasão Muçulmana em 711. No ano de 714, toda a península estava sob o domínio Árabe. Com este novo domínio foram introduzidas várias espécies e técnicas agrícolas inovadoras na agricultura algarvia, sendo a agricultura de regadio a mais beneficiada, com a introdução de vários sistemas de elevação e transporte de água (Simões, 2007,p.51). Assim foi introduzida a nora e a azenha de rio (aproveitava a força do rio para moer farinha) e conseqüentemente otimizando a agricultura em todo o algarve. De acordo a João Miguel Simões, a estrutura agrícola do Algarve pertencente aos reis Mouros, sendo posteriormente utilizada pela Coroa cristã após a Reconquista. (Simões, 2007, p.49). A absorção e miscigenação cultural deste território, para além de benéfica possibilitou contactos comerciais, levando conseqüentemente á prosperidade económica e cultural, desde a escrita, agricultura, navegação, etc. Esta condição só se viria a alterar após a Reconquista Cristã. (Simões, 2007, p.269).

Embora a região Algarvia tenha sido a região nacional mais influenciada pelo domínio árabe, não existem na Mexilhoeira Grande uma grande abundancia de vestígios arqueológicos referentes a este período, principalmente devido à ausência de trabalhos arqueológicos e às sucessivas reocupações dos centros urbanos muçulmanos. No entanto podem ser observados alguns vestígios do domínio árabe na Mexilhoeira Grande, sendo o mais relevante o de Castelo Belinho (atalaia). (Simões, 2007, p.49-51).

As características e atividades da Mexilhoeira Grande mantiveram-se após a Reconquista Cristã no séc. XII e até ao final da primeira metade do séc. XX, subsistindo as atividades

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

ligadas a Ria e a produção agrícola intensiva, que ocuparia as cercanias da Vila da Mexilhoeira Grande, Quinta da Rocha, Senhora do Verde, Alcalar e Abicada. A partir da segunda metade do séc. XX foram construídas duas vacarias e alguns depósitos de forragem (ilegais) nas imediações da *Villa Romana* da Abicada. Atualmente inativas contaminaram os solos durante décadas. Estas construções ilegais são algumas das anomalias que comprovam o abandono a que este território, outrora produtivo, foi submetido. Observamos a maioria dos campos inativos, perdurando apenas as hortas familiares. A história da Mexilhoeira Grande vem reforçar a ideia de um território detentor produtivo e possuidor de uma identidade, ligado diretamente à agricultura e a exploração dos recursos da Ria. Por esse motivo torna-se imperativa a revalidação da essência, que antigamente diferenciou esta Freguesia enquanto zona próspera e indissociável dos núcleos urbanos circundantes. (Simões, 2007, p.91,267-269). João Miguel Simões afirma que a atividade Agrícola manteve-se ininterruptamente desde o Neolítico até ao séc. XX.

3. Comunidades Periurbanas

O espaço periurbano refere-se a espaços intersticiais desocupados dentro dos aglomerados urbanos ou aos territórios limítrofes da área metropolitana. Geralmente são compostos por zonas desocupadas de carácter rural ou industrial. Estas zonas, na maioria dos casos carecem de um núcleo utilitário apresentando falta de serviços básicos, devido à sua proximidade com núcleos urbanos consolidados. Embora existam algumas exceções em que podem ser encontrados núcleos satélites, sendo estes complementares ou completamente dissociados dos núcleos urbanos. Segundo Robert Fishman, desde a sua origem no séc. XVIII em Londres, o subúrbio desenvolveu-se para servir como zona especializada da metrópole, dependente do núcleo urbano. Estas zonas que incluíam habitação, indústria, serviços e agricultura, entre outras, seguem atualmente o princípio fundamental dos movimentos pendulares massivos, uma vez que os trabalhadores deslocam-se para os núcleos urbanos para trabalhar. Segundo o autor, as zonas periurbanas são geralmente vistas como zonas de transição entre o espaço rural e o espaço urbano, por esse motivo estas zonas são espaços pouco consolidados relativamente às suas dinâmicas sociais, culturais, económicas e identitárias. A sua compreensão e estruturação são escassas, levando a incongruências na sua contextura. A sua proximidade da cidade pode eventualmente levar à ocupação desregrada dos territórios compositivos e a um desenvolvimento deficiente e à perda de territórios de valor ecológico e agrícola, levando a uma inércia territorial e como consequência ao aparecimento das “cidades dormitório”. Segundo Fishman o futuro das comunidades periurbanas passa pela definição do “*tecnoburbio*”. Este conceito permite a conjugação dos elementos laboral e habitacional, definindo obrigatoriamente um plano de ação dinâmico e fundamentado, no qual serão criados núcleos satélite, levando estas comunidades a prescindirem dos movimentos pendulares massivos em prol do desenvolvimento local, ou seja, o futuro dos territórios periurbanos passa pela análise e identificação de uma ou várias atividades económicas, levando, tal como o autor afirma “[...]tanto trabalho e residência em um único ambiente descentralizado]”. (Fishman, 2004, pp. 35-47). Este conjunto de medidas permite a estes territórios salvaguardarem as suas características primordiais, desenvolver atividades económicas que permitam a sua subsistência e paralelamente, que estas sejam complementares com os meios urbanos confinantes. A partir da imposição destas medidas assistimos a uma relativa amenização da ocupação urbana, melhorando a qualidade de vida

e dos serviços centrais e seguidamente assistimos às mesmas melhorias e a aquisição de meios de subsistência por parte das comunidades periurbanas.

“ [O movimento simultâneo de habitação e emprego [...] criou uma "Massa Crítica" imprevista e uma destreza e capacidade empreendedora nos perímetros, permitindo que o tecnobúrbio desfia-se com sucesso o longo domínio económico da unidade Central.] ” (Fishman, 2004, p. 41).

Segundo o urbanista Rosário Pavia atualmente o território urbanizado periférico escapa ao controlo dos planos diretores, transformando a maioria das intervenções e modalidades de intervenção em falhanços, no que toca à sua eficácia na estrutura geral do território, ou seja, são insuficientes para conferir eficácia à “máquina urbana”. Consequentemente o crescimento da metrópole é atualmente um elemento negativo, por um lado impedindo a emancipação das comunidades locais e por outro continuando a sobrecarregar a estruturas urbanas centrais. (Pavia, 2004, pp. 105-116).

“ [...]a similaridade ataca a mente; a diversidade estimula e expande.” (Sennet, 2004, p. 213).

Seguindo o princípio da diversidade enquanto estimulador económico-social e enquanto inversor da sobrecarga urbana, pretende-se o desenvolvimento de uma estratégia de ação centrada na intervenção sectorial de territórios chave, esta estratégia terá que ser explícita e consentida pelos principais intervenientes do território, suas comunidades, estabelecendo relações funcionais entre as novas intervenções e as pré-existências, transformando completamente o território sem alterar as suas características durante o processo e atingido uma “ficção catalítica”. (Portas (2003), 2004, p. 225). Interpretar o território passa então por definir um conjunto de intervenções sectoriais e sua complementaridade com os núcleos urbanos. Verificamos que as comunidades periurbanas apresentam características exclusivas e uma importância significativa, desempenhando um papel indispensável para consolidação económica urbana. Por esse motivo e relativamente à presente dissertação serão apresentados casos demonstrativos da sua importância, bem como o tipo de estratégia e intervenção utilizados. Os casos de estudo selecionado são imprescindíveis para o desenvolvimento e implementação do conceito agro-patrimonial na Freguesia da Mexilhoeira Grande. Estes foram selecionados pela sua importância, no que diz respeito à morfologia e

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

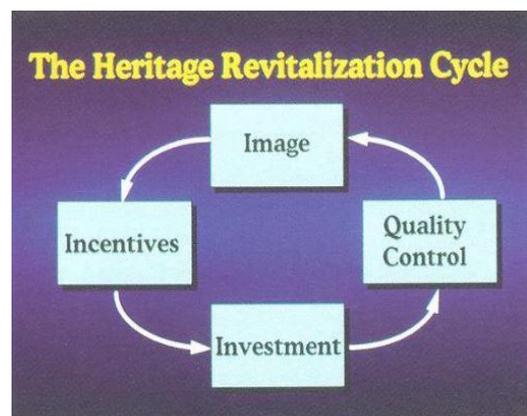
desenvolvimento territorial, aos planos de intervenção e reestruturação dos espaços rurais num contexto periurbano e relativamente à sua narrativa. O estudo destes casos de estudo permite a seleção e conseqüente implementação e adequação das suas valências e propostas ao território da Mexilhoeira Grande, levando a uma estruturação planificada e assente numa base real e consolidada.

3.1 Plano de gestão e objetivos

“ [...] Recentemente assumiu-se o ordenamento do território, na Catalunha, a conceção de um corredor ao longo do rio Llobregat. Com este pretende-se a reativação deste Território a partir de três âmbitos: revalorização dos seus recursos económicos, naturais e culturais, a construção de uma estrutura que os articule e a execução de um projeto interpretativo] ” (Sabaté J. , 2004, p. 8).

Os Parques Agro-patrimoniais surgem com o intuito de promover uma gestão inteligente do território. Esta é imprescindível quer para o desenvolvimento da região, quer para a transposição das barreiras criadas pela má gestão territorial. Estas opções de gestão patrimonial invertem a tendência comum de descaracterização, reforçando a identidade e autoestima dos seus habitantes. Paralelamente, criam postos de trabalho, essenciais para o desenvolvimento sustentável da região. Estas abordagens reforçam o conceito de manutenção e reafirmam o conceito de paisagem cultural, ou seja, o território é dos seus ocupantes. O ocupante respeita e preserva o seu território a partir da sua ordenação e uso racional.

Segundo a linha de pensamento do Geógrafo Milton Santos, objeto e sujeito são indissociáveis. No entanto a sua relação mostra-se condicionada pelo sistema de ações, ou seja, o plano de ação torna-se determinante para que o objetivo seja atingido. Será este objetivo que irá permitir a relação entre sujeito e objeto, passado e futuro, natureza e cultura. No caso específico da Mexilhoeira Grande observamos que, quer o objeto (Terreno agrícola + reserva ecológica), quer o sujeito (Património Cultural + identidade + conhecimentos técnicos) estão presentes. Por esse motivo concluímos que para que o objetivo seja atingido (criação de binómio Agro-Patrimonial) torna-se fundamental a “anulação das condicionantes” ao estabelecer um plano de ação que promova a interação entre sujeito e objeto.



“A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o

Fig. 17 Diagrama do ciclo de revitalização patrimonial.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações.” (Santos., 2006, p.66).

Conclui-se que a paisagem é um conjunto de relações que, num dado momento e lugar, reflete as sucessivas relações localizadas entre Homem e Natureza. O espaço assume-se como o resultado da interação entre a vida e o meio. Para que tal aconteça, devem ser respeitados os seguintes princípios:

- A preservação de Monumentos e paisagens culturais;
- Definição clara dos objetivos básicos da intervenção;
- Estabelecer um fio condutor entre o território e a narrativa;
- Assegurar o envolvimento dos residentes, uma vez que estes são os principais intervenientes culturais;
- Aceção coerente da estrutura física e sua conectividade com o meio natural;
- Assegurar uma plataforma administrativa eficaz.
- Assegurar a eficiência das infraestruturas e serviços gerais do território agrário.

No que respeita à, *preservação de monumentos e paisagens culturais*, esta preocupação patrimonial iniciou-se durante as transformações ligadas à Revolução Industrial. No entanto estas atividades especializadas disseminaram-se, abrangendo várias áreas distintas, tanto naturais como culturais (museus arqueológicos, etc.) Estas atividades pretendiam preservar a essência do território e suas gentes. Posteriormente seriam dadas a conhecer ao público geral. Este espaço patrimonial deverá ser integrado na sua paisagem natural, ou seja, a narrativa só ganhará alguma dimensão se inserida num contexto específico e consequentemente definindo uma paisagem cultural.

“ [Em] A morfologia da paisagem " (1925) Sauer define paisagem cultural como o resultado da ação de um grupo social sobre a paisagem natural. A cultura é o agente, o natural é o meio. Paisagem cultural é o resultado " (Sabaté J. , 2004, p. 2).

No que diz respeito aos *objetivos básicos da intervenção*, estes deverão ser claros, integrando-se e respeitando as características territoriais, conferindo ao território uma grande variedade de serviços e funções (preservação, educação, lazer, turismo, etc.).

O fio condutor entre território e narrativa, assenta na delimitação e justificação patrimonial. O sucesso do projeto está condicionado pela sua singularidade. O território deverá “merecer” ser preservado, reinterpretado e valorizado, uma vez que cada território é detentor de uma interpretação específica. A sua singularidade liga-se diretamente à relação entre as comunidades e os seus recursos, mais do que à paisagem, mais do que à cultura. A singularidade de um território é atingida quando a narrativa é identificada e relacionada pelas atividades inseridas no meio.

O envolvimento dos residentes é essencial, uma vez que eles são os principais estimuladores do território e os principais responsáveis pela significação da sua índole patrimonial e singularidade. Os residentes são detentores do património acumulado. A memória coletiva de um território é possuída pelos seus habitantes. Cabe a eles a compilação da sua história e a sua integração no contexto geral do Parque Agro-Patrimonial, uma vez que a paisagem cultural define-se pela relação entre o agente (comunidade) e o meio (território/ recursos).

Para intervir corretamente num território torna-se essencial o *estudo da sua estrutura física e sua conectividade com o meio natural*. Reconhecer-se o conhecimento e a classificação dos elementos físicos e visuais do mesmo (estudos de perceção, áreas e recursos). Torna-se necessária a sintetização dos seus valores, para melhor intervir no mesmo. Esta síntese deverá corresponder a 5 pontos específicos: Áreas diferenciadas (zonas); Recursos patrimoniais (ícones); Portas de acesso (pontos nodais); Itinerários (vias reservadas, vias gerais) e Limites visuais. Estes 5 pontos permitem uma leitura e compreensão otimizada e a respetiva classificação das suas singularidades.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Uma *plataforma administrativa eficaz* permite tirar partido do território a partir do desenvolvimento de uma base cultural participativa e pluridisciplinar, adequada às suas necessidades específicas.

A eficiência das infraestruturas e serviços gerais do território agrário requer que todos os pontos anteriormente mencionados sejam avaliados e estudados, para permitir a planificação das infraestruturas essenciais, bem como o seu local de implantação.

A agricultura na Mexilhoeira Grande possui um carácter periurbano. Uma vez que a Freguesia está condicionada por zonas envolventes densamente urbanizadas, embora estes núcleos urbanos consolidados possam ter um impacto negativo este pode ser revertido se satisfeitos os requisitos anteriormente referidos. A ideia passa por inverter o impacto negativo da influência dos centros urbanos e conseguir transformar estas deficiências em oportunidades. Uma vez que os núcleos urbanos adjacentes podem viabilizar as atividades desenvolvidas nas zonas periurbanas de carácter rural, este território produtivo transformar-se-á no principal impulsionador da regeneração e preservação territorial.

A Mexilhoeira Grande possui alguns dos territórios mais produtivos do Algarve, seja na produção de culturas de sequeiro, seja na produção de horticulturas, seja na exploração de recursos marítimos. Este carácter agrícola e piscatório viabiliza e justifica a modernização das suas infraestruturas e a exploração e desenvolvimento dos canais de comercialização, adequados às necessidades das cidades mais próximas. A possibilidade de uma futura execução das infraestruturas previstas no Plano Estratégico do Parque Agro-Patrimonial permitirá um grande impacto sobre o espaço agrário, promovendo a criação de empresas agrárias. O espaço agrário pode ainda

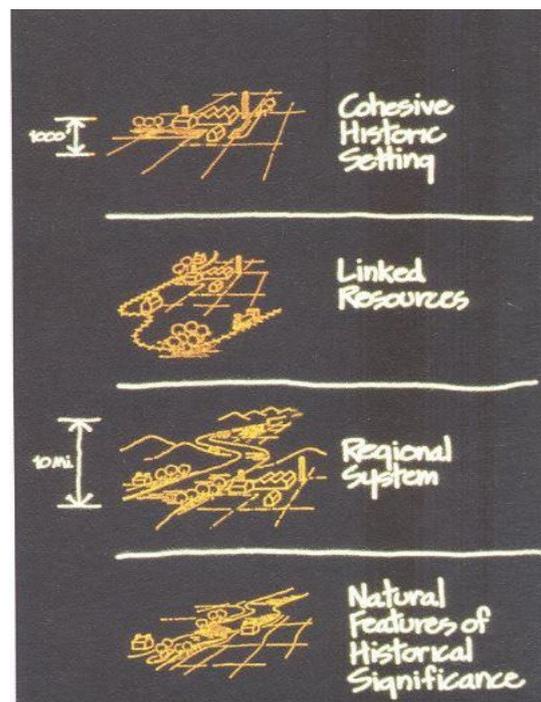


Fig. 18 Esquema de Premissas patrimoniais.

realizar várias ações positivas complementares ao meio urbano confinante, tais como:

- *Ambientais* (“pulmão verde”, equilíbrio territorial, gerador e/ou regenerador de paisagem, etc.);
- *Económicas* (explorações e transformações agrícolas impulsionadoras de atividades económicas, etc.);
- *Sociais* (criação de um espaço cultural inserido no binómio Agro-Patrimonial, sustentabilidade de modelação territorial e integração de atividades na narrativa geral do Parque, etc.).

O Plano Estratégico de ação não pretende artificializar o território, mas sim assegurar a sua articulação com os núcleos urbanos sem deturpar o seu carácter primordial, por conseguinte o seu objetivo consiste no aproveitamento e complementaridade das suas estruturas às estruturas urbanas. (Sabaté, 2004, pp. 1-10).

O binómio Agro-Patrimonial surge da conjugação de dois conceitos complementares, o Parque Patrimonial e o Parque Agrário. Embora um Parque Patrimonial possa ser Agrário e vice-versa, uma vez que o património é material e imaterial. Torna-se necessária a formulação do binómio para que ambos os conceitos definam a narrativa e para que nenhum dos conceitos se sobreponha ao outro, simplificando a leitura histórica e validando a sua eficácia. Consequentemente torna-se fundamental a sustentação das suas matrizes, identificando, diferenciando e conjugando a área produtiva e a área patrimonial, tirando partido das suas valências territoriais e adequando-as ao mundo contemporâneo.

O Algarve, região heterogénea, de múltiplas facetas, desenvolveu-se devido à sua relação privilegiada com o meio natural, nomeadamente com a Serra, o Barrocal e o Litoral. Esta relação singular entre os seus habitantes e o meio proporcionou ao longo de milénios a fixação humana na região e a prosperidade destas comunidades. O Algarve é depositário de uma paisagem exclusiva e variada, representativa de vários cenários naturais e entornos culturais. A Mexilhoeira Grande é uma dessas paisagens exclusivas, para além disso contém a sul um ecossistema único e zona húmida de maior relevância do Barlavento Algarvio. Estes valores naturais e patrimoniais não são exclusivos de Mexilhoeira. É a interação entre ambos e o contexto da sua implementação os fatores atribuidores de um carácter patrimonial diferenciador à Freguesia, imprescindível para a formulação do conceito Agro-Patrimonial.

3.2 Parques Patrimoniais

Os Parques Patrimoniais surgiram primeiramente com o intuito de reverter zonas industrializadas devolutas. Durante décadas estas zonas situadas na periferia dos núcleos urbanos, foram “anexadas” pela expansão urbana. Na atualidade muitas delas ocupam zonas privilegiadas da cidade. Estes complexos industriais, parte integrante da história e identidade das cidades que os albergam, apresentam também características únicas, tornando-as em zonas prioritárias de regeneração do tecido urbano. Estas características possibilitaram a sua reabilitação, reconversão e resultante integração no meio urbano. Na sua maioria, estes complexos fabris assumem as seguintes características:

1. Ocupam zonas intersticiais, podendo impulsionar a relação entre zonas urbanas desconectadas;
2. São interconectados a partir de infraestruturas viárias, ferroviárias, canais, etc;
3. Estão geralmente ligados a infraestruturas regionais, viabilizando a conectividade entre aglomerados dispersos e urbanos;
4. Possuem um carácter utilitário, informal. A sua estrutura de desenvolvimento é adaptável e pode ser reinterpretada, conferindo outra utilidade a estes complexos;
5. Fazem parte da herança cultural a nível material e imaterial, ou seja, podem promover, quer alterações físicas na estrutura urbana transformando-se em parte integrante da economia local, quer a dinamização sociocultural.

O Urbanista Joaquin Sabaté apresenta dois exemplos referenciais que melhor exemplificam o desenvolvimento de um projeto de Planeamento Patrimonial, carácter transformador do mesmo e reconversão industrial. Estes dois exemplos são o Parque Patrimonial de Lowell e o de Alleghony Ridge.

O Parque Patrimonial de Lowell, em Massachusetts, é um projeto de escala urbana nuclearizado a um município e à sua herança fabril. O Parque Patrimonial de Alleghony Ridge, Pennsylvania, é um projeto à escala regional, este abarca toda uma região, por esse motivo o plano estratégico hierarquiza e estratifica as mais-valias de cada secção, inserindo-as na estrutura global da narrativa patrimonial. Estes projetos certificam a aplicabilidade desta abordagem patrimonial de transformação de complexos e zonas industriais em dinamos socioculturais. (SABATÉ, 2004, pp.101-103).

Parque Patrimonial de Lowell, Massachuttets, E.U.A

Lowel assume-se como a primeira cidade industrial dos Estados Unidos da América, fundada em 1823 perto do rio Merrimack. Em 40 anos Lowell expandiu-se, transformando-se numa densa cidade industrial, poluída e sobrepovoad. Á semelhança das primeiras cidades indústrias “oferecia” péssimas condições laborais, levando a um inevitável aumento da criminalidade e conflitos sociais. No início da década de 80 do séc. XX a cidade perdeu a sua atividade industrial, apresentando uma das maiores taxas de desemprego dos E.U.A e uma ampla área morta, resultando do encerramento dessas mesmas unidades industriais. Deste cenário ruinoso surgiram uma série de iniciativas locais com o intuito de reabilitar e converter estas unidades em testemunhos históricos da época industrial. A iniciativa defendia a integração destas zonas na malha urbana viva, recativando-as, utilizando a história como impulso para a renovação. Lowell foi defendida pelas suas comunidades, enquanto cidade de relevância histórica industrial para os E.U.A. Seguiram-se uma série de iniciativas de renovação estratégica focadas nos edifícios industriais de valor histórico para a cidade de Lowell e sua narrativa patrimonial. Esta iniciativa pretendia que os edifícios se valorizassem a si próprios. Seria utilizada uma pequena parte do erário público para a reabilitação destes edifícios estratégicos, Posteriormente estes edifícios iriam financiar as restantes reabilitações, atrair financiamento privado para a revitalização urbana e para a definição de uma nova imagem, condizente com a identidade de Lowell. A cidade sofreu uma profunda transformação, sendo espaços abandonados e degradados convertidos em espaços habitacionais, comerciais, museológicos e culturais. Posteriormente foram também reabilitados os canais e as ferrovias utilizadas para o transporte de mercadorias e matérias-primas,



Fig. 19 Lowell após reabilitação.



Fig. 20 Lowell após reabilitação de canais.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

completando assim a nova narrativa. Lowell passou em poucos anos de uma mega ex-unidade fabril a testemunho “vivo” da era industrial, reafirmando a identidade enquanto fator imprescindível para a interpretação e renovação do território. (Sabaté J. , 2004, pp. 103-107).

Parque Patrimonial de Alleghony Ridge, Massachuttets, E.U.A

O Parque Patrimonial de Alleghony Ridge, situa-se perto da cidade de Pittsburg e é um dos primeiros exemplos de um projeto patrimonial à escala regional. Alleghony Ridge é uma cordilheira que na primeira metade do séc. XIX foi atravessada pela Alleghony Portage Railroad. Esta comunicava com um complexo sistema de canais que permitiam o transporte de provisões e matérias-primas. Como resultado foram estabelecidos por toda a cordilheira uma série de povoados e complexos industriais. Ao contrário da cidade industrial de Lowell em que o património industrial estava inserido na malha urbana limitando a sua narrativa e as suas atividades, Alleghony Ridge compreende toda uma cordilheira. Uma vez que a sua narrativa centra-se na importância da Alleghony Portage Railroad e nos sistemas de canais fluviais, confere ao seu sistema de transportes a conotação de pilar patrimonial, ou seja, neste caso específico o património industrial só foi possível devido ao seu sistema de transportes, enquanto em Lowell o sistema de transportes surgiu para servir as unidades industriais. Para se compreender o sistema de transportes em Alleghony Ridge, torna-se necessária a regeneração de toda uma região e suas subpartes estratégicas. Por esse motivo no ano de 1990 foram definidas cinco zonas, representativas dos capítulos e evolução histórica da região. Cada zona seria definida enquanto

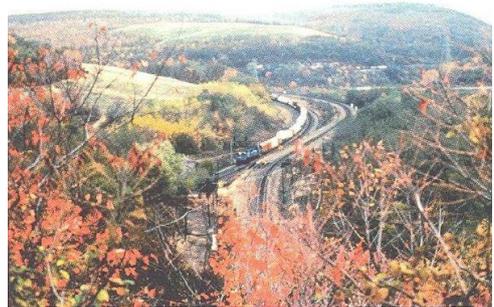


Fig. 21 Alleghony Portage Railroad.

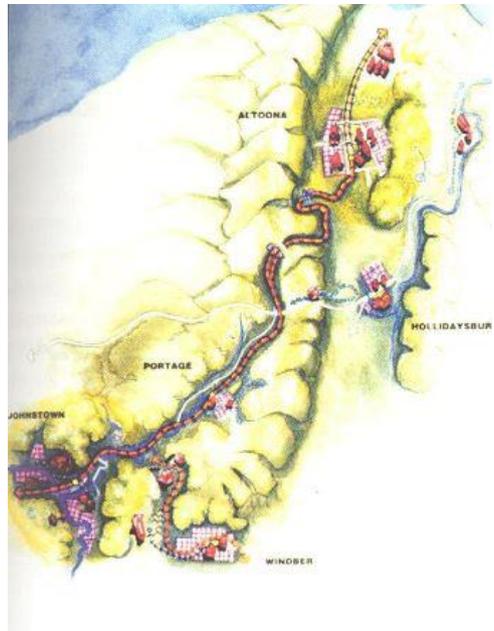


Fig. 22 Alleghony Ridge, Massachuttets.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

cidade Porta, sendo estimuladas atividades educativas e de lazer. Destas cinco zonas destacam-se a de Hollidaysburg e Johnstown.

Hollidaysburg foi na primeira metade do séc. XIX um importante porto interior, ligando os canais à ferrovia. Nesta cidade “Porta” o processo de planeamento assentou principalmente na transformação de espaços, canais, paisagens recreativas e interpretativas o desenvolvimento industrial na cordilheira. A cidade porta de Johnstown, foi um importante centro de produção de aço. É nesta cidade que se encontram a maioria dos espaços industriais de relevância histórica. Por esse motivo, nesta cidade o processo de planeamento centrou-se na renovação das unidades industriais, utilizando-as futuramente como testemunho vivo da época. Na fundição Cambria Iron Works (Johnstown) são os operários que explicam aos visitantes o processo de fabricação e a sua história. Este é um dos fatores chave para a consolidação e difusão da herança patrimonial. No caso de Allegheny Ridge torna-se necessário um grande conhecimento das várias componentes patrimoniais definidoras da cordilheira, identificando as peças estratégicas indispensáveis para a definição da narrativa patrimonial, tornando-se num sistema uniforme, a partir da sua inter-relação, atingida com a renovação do sistema de transportes ferroviários e fluviais, que para além de principal agente agregador permite a compreensão das diferentes zonas industriais, seu carácter e relevância. (Sabaté, 2004, pp. 108-114).

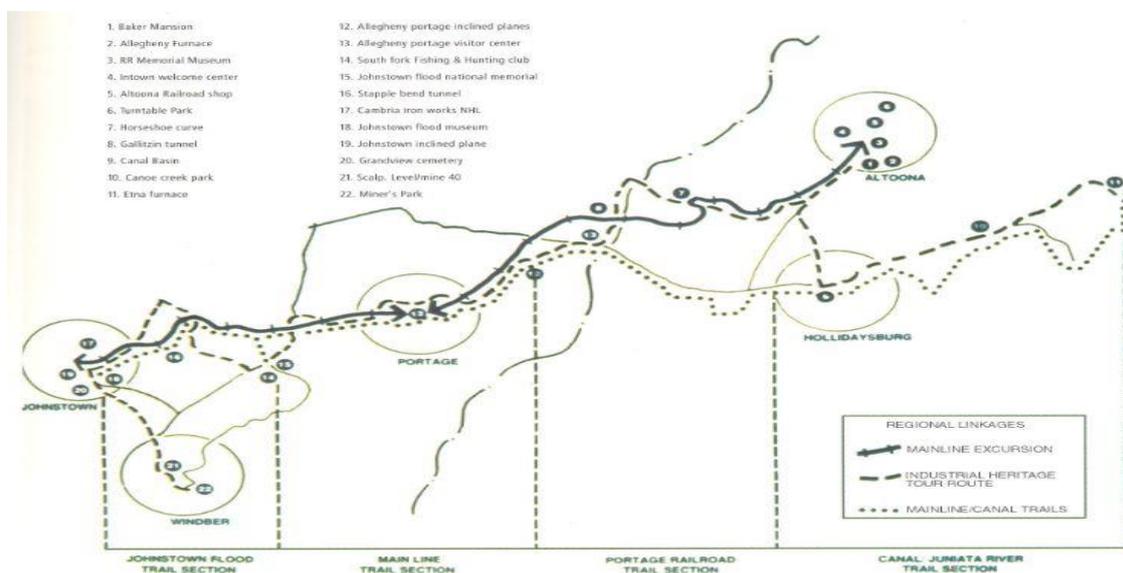


Fig. 23 Sistema regional e Cidades porta de Allegheny Ridge Heritage Park (1990).

3.3 Parques Agrários

Parque Agrário de La Piana, na Toscana, Itália. O Parque de La Piana surgiu com o intuito de converter uma zona abandonada, num espaço agrícola periurbano, em que se reassumiria a menosprezada identidade rural. Este foi um dos primeiros exemplos de Parque Agrário sem a componente patrimonial. Este Parque estabeleceria a ponte entre as comunidades de La Piana e o sector agrícola emergente, adaptando uma política de exploração baseada na qualidade e exigentes critérios de produção. La Piana foi um dos primeiros exemplos de gestão agrária e patrimonial a nível europeu e o modelo a seguir a nível nacional. Ocupa cerca de 4000Ha, localizando-se entre quatro núcleos urbanos consolidados (Florença, Sesto, Fiorentino Compi e Bisenzio Preto) nos quais residem cerca de 200000 pessoas. Tal como na maioria das comunidades periurbanas de carácter agrícola, La Piana registou a partir da década de 50 do séc. XX um elevado decréscimo na produção agrícola. Os solos férteis deram lugar a grandes infraestruturas (aeroporto, autoestradas, etc.) que viriam a transformar drasticamente o território e suas funções.

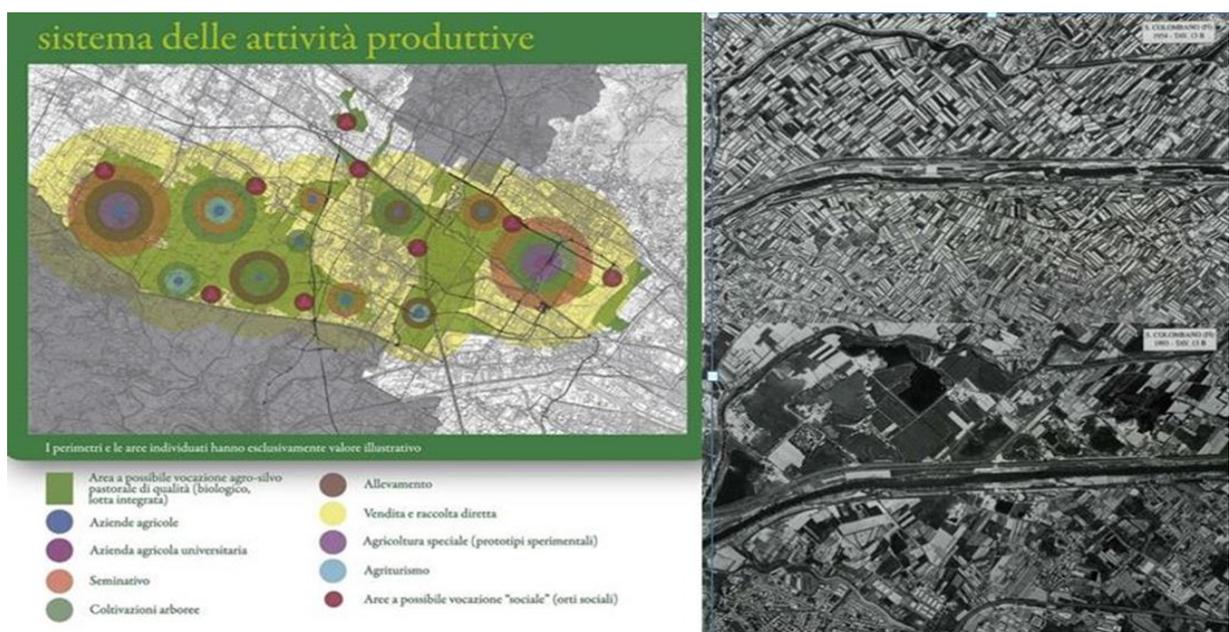


Fig. 24 Zonamento por atividades produtivas de La Piana e loteamento agrícola de La Piana, 1954 a 93.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Desde a década de 50 que as cidades delimitadoras de La Piana foram-se expandindo, dando origem a uma malha urbana difusa e desordenada, desrespeitadora da morfologia e características do território. Por esse motivo na década de 70 dá-se início ao planeamento e definição do Parque Agrário. Este segue uma linha de pensamento antagónica, contrariando a densificação urbana e recuperando as zonas que não foram afetadas pela expansão urbana e industrializadas. Estas zonas embora tivessem perdido a conotação enquanto espaço rural, conservavam ainda uma grande relevância agrícola e ecológica. Atualmente o Parque de La Piana destaca-se pela sua aposta na qualidade de produção, indo as suas culturas desde a vinha à agricultura biológica, Para além da aposta agrícola o Parque de La Piana incorpora também novas funções recreativas, educacionais, de investigação e lúdicas, viabilizadas pela implementação de Planos de Ordenação Territoriais que possibilitaram o desenvolvimento de atividades agrícolas modernas e funcionais e sua conjugação com as restantes funções. Estas funções foram sustentadas pela proximidade entre produtor e consumidor e relacionadas com a educação e a cultura. Todos estes princípios e políticas de planeamento territorial redefiniram La Piana, transformando-a num território chave e imprescindível para a sustentabilidade dos meios urbanos circundantes. (Rojo, 2009)

Parque Agro-Patrimonial do Llobregat, Catalunya, Espanha

O rio Llobregat é muitas vezes referido como o mais trabalhador da Europa. Ao longo deste curso de água estabeleceram-se inúmeros equipamentos industriais, tirando partido da força do rio. Por esse motivo o rio Llobregat alberga alguns dos exemplos mais relevantes do património industrial espanhol. Estes equipamentos, como resultado das suas atividades contaminaram o curso de água e seus afluentes, bem com o Delta do Llobregat, principal zona de produção agrícola, inviabilizando em algumas zonas a prática dessa atividade no início do séc. XX. Posteriormente e devido ao enorme crescimento da cidade de Barcelona foram introduzidas na zona agrícola do Delta do Llobregat várias infraestruturas (aeroporto, indústria, etc.) acentuando a fragmentação do território agrícola. Em 1995 deu-se início ao primeiro Plano de Ordenação do Território, inserido dentro do plano curricular do Mestrado de Projeto Urbanístico pela universidade da Catalunya e referente ao património natural e industrial existente no Llobregat. (Sabaté J. , 2004, pp. 13-23). O Parque Agro-Patrimonial do Llobregat baseia a sua narrativa no rio e nas atividades com ele relacionadas. Esta característica atribui ao parque um carácter linear, estendendo-se da zona industrial

princípios são integrados enquanto produto da narrativa e subsidiários do conceito geral de parque Agro-patrimonial (Boladeras, 2004, pp. 7-25).

Para que as linhas estratégicas do Parque Agrário se consolidassem foram tomadas as seguintes medidas na figura de planeamento:

1. Modernização das atividades agrárias, das infraestruturas de apoio (estradas, sistemas de irrigação, reutilização de água, etc.), do sistema energético, e dos sistemas gerais de controlo e vigilância do Parque.
2. Estratégia de marketing direcionada para o crescimento, competitividade e qualidade da produção agrícola.
3. Recuperação de todas as áreas danificadas pelas atividades não agrícolas;
4. Implementação de estratégias de monitorização e controlo ambiental (gestão e produção ecológica, sistemas de irrigação eficientes, marcas de qualidade, centralização de infraestruturas de gestão territorial, etc.).
5. Melhorar a compatibilidade à atividade agrária e a preservação dos espaços agrícolas e naturais. Estabelecer modelos de gestão cooperativa, associações de proteção de culturas vegetais. Melhoria dos pontos de venda e centro de normalização de produtos, entre outros).
6. Planeamento e condicionamento de acessos públicos e acessos técnicos ao Parque.
7. Difusão de culturas biológicas e endógenas como meio de consciencialização social e atração turística.
8. Após a consolidação do programa de gestão, apostar na narrativa geral, cultural e natural, paralelas a atividade agrícola, através de programas de educação escolar, programas agro-territoriais e através do Centro de Interpretação Ambiental. (Boladeras, 2004, pp. 34-67).

Atualmente o Delta do Llobregat emprega cerca de 2.600 trabalhadores relacionados direta ou indiretamente com as atividades agrícolas e é considerado uma das maiores referências a nível Europeu. Este é um dos maiores e melhores exemplos do binómio Agro-Patrimonial, desenvolvendo uma narrativa que gira em torno do rio Llobregat possibilitando a regeneração de património edificado, cultural e natural e simultaneamente facilitando o desenvolvimento económico e a manutenção da identidade local e das suas matrizes culturais. (Boladeras, 2004, pp. 1-9).

3.4 Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor, Algarve.

No caso de estudo da presente dissertação, a proposta de Parque Agro-Patrimonial tem uma localização geográfica com uma posição central, similar ao Parque Italiano de La Piana, podendo posteriormente converter-se numa das principais zonas de abastecimento alimentar do Barlavento Algarvio, bem como uma referência Europeia de produtos processados tradicionais, com certificação de origem geográfica. O Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor apresenta também uma série de características que facilitam a implementação do conceito de Parque Agrário e Patrimonial, tais como:

1. Existência de uma rede viária que possibilita o acesso a todas as zonas do Parque e que permite a relação



Fig. 27 Parque do Llobregat.

entre os núcleos urbanos e as zonas agrícolas/patrimoniais;

2. Proximidade de linhas de circulação privilegiadas (EN.125 e Linha ferroviária do Algarve);
3. Contrariamente ao caso do Parque Agro-Patrimonial do Baix Llobregat, que apresenta uma narrativa linear, característica que dificulta as suas tarefas de gestão, de vigilância e de regeneração do Parque, o presente caso de estudo na Freguesia da Mexilhoeira Grande apresenta uma narrativa circular, utilizando a ria como catalisadora e possibilitando a concentração das infraestruturas de apoio;
4. A nível da conjugação do conceito patrimonial com o conceito agrário, a Ria de Alvor (Península da Rocha e Abicada é favorecida, uma vez que ambos os conceitos são indissociáveis, ou seja, todos os sítios arqueológicos e de valor patrimonial estão direta ou indiretamente relacionados com a exploração agrícola.
5. O facto da estrutura de produção do Parque se basear numa produção agrícola biológica permite a proteção dos ecossistemas naturais da Ria.
6. A Ria de Alvor é por si só um dinamismo de atração turística, complementando o património edificado e agrícola.

Partindo da análise das características singulares da Ria de Alvor, conclui-se que as infraestruturas físicas imprescindíveis para o desenvolvimento são:

1. *Centro de Interpretação Patrimonial*, onde se localizará o Centro de Gestão do Parque. Este Centro apoia a comunidade local, para que as atividades agrícolas e culturais se desenvolvam de forma coerente e estruturada, reforçando a narrativa agro patrimonial. O Centro de Interpretação será também dotado de museu e mercado, lançando assim os alicerces de fundamentação e manutenção agro-patrimonial.
2. *Albergue de Juventude* de baixa densidade, com o intuito de promover o turismo de natureza e agrário, como também as atividades desportivas relacionadas com a ria. Esta unidade irá conter também um restaurante que possibilitará explorar e dar a conhecer os produtos e a gastronomia e um clube náutico complementar ao Albergue de Juventude.
3. *Armazéns Técnicos*.
4. *Observatórios de Aves*, dispersos pelo Parque.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Para além desta abordagem local, constatamos que devido à composição geomorfológica e à localização central das infraestruturas de circulação viárias e ferroviárias da Ria de Alvor, poderá também ser desenvolvido um projeto Agro-Patrimonial à escala regional, através da definição de subzonas agrícolas ao longo do Barrocal Algarvio, interrelacionadas com sítios arqueológicos e cidades litorais de carácter balnear, ou seja, é possível implementar no Algarve uma estratégia Agro-Patrimonial Regional a partir da integração dos restantes territórios agrícolas do Barrocal Algarvio enquanto subsidiários do parque Agro-patrimonial da Ria de Alvor. Relativamente aos valores naturais poderiam também ser integrados a zona de valor natural da Ria Formosa. Quanto ao património construído poderiam ser assimilados no conceito regional do Parque as fortificações de origem Árabe situadas ao longo do Barrocal Algarvio. O segundo passo do desenvolvimento Agro-Patrimonial compreenderia toda a região Algarvia e poderia eventualmente ser estratificado em subzonas autónomas, levando à formulação de rotas específicas relacionadas com valores naturais, património histórico edificado, entre outros.



Fig. 28 Parque Agrário de Baix Llobregat e Logo de Parque Agrário.

4. Caracterização e Estudos gerais do Território

A análise da Mexilhoeira Grande, de suas particularidades e recursos patrimoniais desenvolve-se a partir de um conjunto de Modelos de Análise Territoriais e Paisagistas. Estes trabalhos foram desenvolvidos no âmbito da disciplina de Urbanística III do 5º Ano do Mestrado Integrado em Arquitetura pelo Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, na qual o território da Mexilhoeira Grande foi analisado numa primeira Fase, tendo em conta três áreas específicas: Dinâmicas Territoriais (aspectos funcionais do território, com o contributo dos estudantes Duarte Correia e Ricardo Cabrita), Morfologia Territorial (aspectos formais do território, realizado por os estudantes Cristiana Matias e Ângelo Jesus) e Perceção Territorial (aspectos visuais do território, por André Lopes e Carolina Sequeira). Esta primeira fase de análise e diagnóstico permitiu a identificação dos valores patrimoniais, paisagem e identidade, levando à estratificação de objetivos de valorização e intervenção e a formulação de um diagnóstico crítico do território em questão. Na Segunda e última fase, cada grupo de trabalho teria que desenvolver uma Proposta de Intervenção correspondente à elaboração de um Plano Estratégico para o Parque Agro-Patrimonial. O trabalho realizado por o grupo de estudantes na cadeira de Urbanística III, onde são apresentadas a análise e diagnóstico territorial descrito neste capítulo encontram-se no anexo I da presente dissertação.

4.1 Dinâmicas: aspetos funcionais do território

O primeiro grupo de trabalho (Ricardo Cabrita e Duarte Correia), analisou as várias dinâmicas do território. A partir desta análise, torna-se possível o diagnóstico das carências e mais-valias territoriais, bem como um melhor entendimento das características gerais e singulares da Freguesia. Foram assim analisadas uma série de dinâmicas, tais como:

1. *Dinâmicas de circulação*: Estação de Caminhos-de-ferro da Mexilhoeira Grande (MG), Estrada Nacional 125, e a norte pela A22. Estruturas viárias adequadas e suficientes para a circulação turística e técnicas, Ribeiras e Ria de Alvor navegáveis.
2. *Dinâmicas económicas*: Agricultura (citrinos e subsistência), transformação de mármore, panificação, comércio tradicional, viveiros de bivalves (baixo impacto ecológico), viveiros de peixe (médio impacto ecológico), construção civil, serviços,

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Pedreira, turismo rural, desportivo e de observação da natureza, infraestruturas agrícolas (canal de rega, fossas de rega, poços, noras, entre outros). Como infraestruturas impulsionadoras de dinâmicas económicas foram identificados Autódromo Internacional do Algarve (maior infraestruturas de toda a freguesia, atuando como dínamo turístico complementar), a Estação de Caminhos-de-ferro da Mexilhoeira Grande (apresentando uma enorme relevância como principal meio de transporte), o Hotel da Penina, este embora esteja situado fora dos limites da Freguesia, surte um impacto direto nas dinâmicas económicas da vila (oferece inúmeros postos de trabalho aos habitantes da Mexilhoeira Grande). Constatamos também que existem dínamos económicos inexplorados ou mal desenvolvidos, tais como: Turismo bem como a exploração agrícola e piscatória, apresentam um potencial pouco desenvolvido e que carece de uma estruturação condizente com a narrativa do lugar, bem como as infraestruturas essenciais para o mesmo efeito. Outros dínamos inexplorados, são a Indústria, a pequena escala, relacionada com todo o potencial que o território a nível agrícola, piscatório ou mesmo a nível de extração de pedra já existente a NO da vila.

3. *Dinâmicas socioculturais*: Desde edifícios públicos, acontecimentos festivos (feiras), edifícios históricos, zona arqueológica,

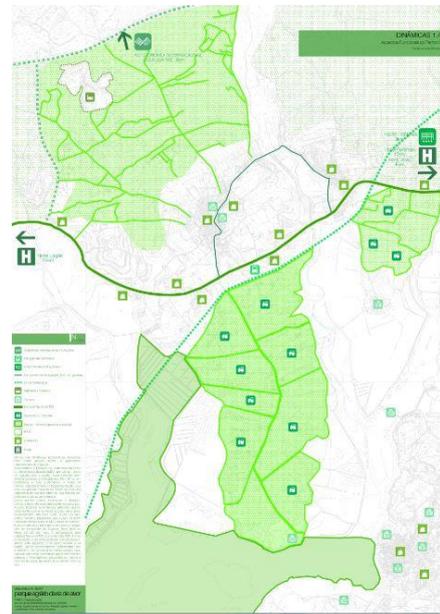


Fig. 29 ©Duarte Correia e Ricardo Cabrita.

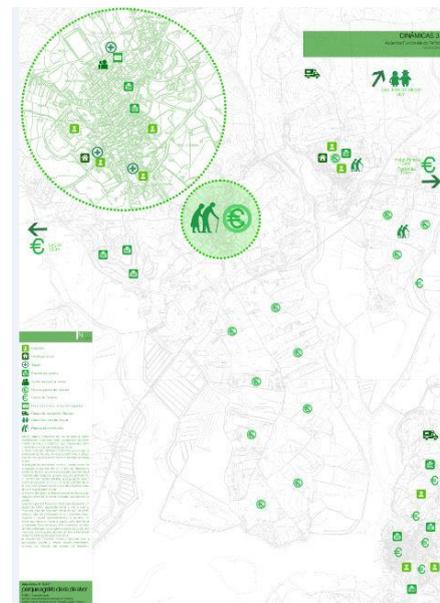


Fig. 30 ©Duarte Correia e Ricardo Cabrita.

arquitetura vernacular, moinhos de água-vento, noras, Igreja Matriz, capelas, ermitério, Gastronomia tradicional, (mercados, restaurantes). A criação do Complexo Desportivo dinamizou as atividades desportivas da vila, servindo toda a população da vila. A nível educativo, a vila encontra-se bem equipada com escolas do 1º, 2º e 3º ciclos, e um pavilhão gimnodesportivo como infraestrutura de apoio. No andar de cima do edifício da Junta de Freguesia da Mexilhoeira Grande, encontramos um polo da Biblioteca Municipal de Portimão. Ao longo de todo o extenso território da freguesia, podemos encontrar diversos registos e testemunhos arqueológicos deixados ao longo da história. Podemos encontrar desde vestígios megalíticos a romanos, muçulmanos, entre outros. Os mais importantes são os conjuntos pré-históricos de Alcalar e a Villa Romana da Abicada. Alguns acontecimentos festivos acontecem pontualmente na vila. A nível religioso, celebra-se a Festa em honra da Nossa Senhora das Dores. Na vila existem ainda algumas associações como a Associação Alternativa XXI, que todos os anos realiza a semana da juventude na Figueira e o Teatro Experimental da Mexilhoeira Grande – C.R.L. – TEMG, que desenvolve a apresentação de peças de teatro e aulas de representação. A dinamização cultural da vila poderia passar também pela preservação do espólio Vernacular através da recuperação do património edificado existente, workshops de métodos construtivos tradicionais, técnicas e sistemas de plantio tradicionais, artesanato, entre outros. A Vila compreende também unidades de saúde, de policiamento, residências turísticas, jardim-de-infância e o Centro de Apoio a Idosos.

4. *Dinâmicas Ambientais*: Importante zona húmida integrada no Plano Nacional Rede Natura 2000.
5. *Dinâmicas construtivas*: Ligada à prática agrícola, linhas simples, casa térrea com anexos adjacentes ligados á lavoura, de planta retangular com telhados de uma ou duas águas. Telha, taipa ou adobe. A casa tradicional é caracterizada por um piso, ou dois através de um sobrado de madeira. A primeira divisão da casa abre para a rua que geralmente é utilizada para sala e cozinha, a divisão que sucede é o quarto familiar. O único vão que possuem é a porta de entrada geralmente encimada por um lintel de madeira que mais tarde foram substituídos por um portal em pedra. O sistema construtivo utilizado é a taipa ou de alvenaria de pedra calcária. O telhado é de madeira com telhas de canudo e chão por vezes é em terra. Como proteção e revestimento do exterior a casa é caiada de branco.

4.2 Morfologia: Aspetos Formais do Território.

O segundo grupo de trabalho (Ângelo Jesus e Cristiana Matias), analisou os vários aspetos formais e constituintes do território. A partir desta análise, torna-se possível a caracterização e estratificação dos vários elementos constituintes do território. Esta leitura torna-se possível a partir da análise dos seguintes elementos:

1. *Topografia*- As penínsulas da Quinta da Rocha e Abicada apresentam uma cota mais baixa relativamente á Mexilhoeira permitindo um enquadramento visual favorável. A sua topografia possibilita o aproveitamento das águas pluviais e a deposição do *Húmus* proveniente da Serra nos campos. As zonas de cultivo próximas das ribeiras apresentam também um declive gradual propiciando à prática agrícola e á deposição do húmus (fig.36).
2. *Pontos de Água*- Existem em grande quantidade por todo o território, bem como infraestruturas de exploração e canalização deste recurso (poços, tanques, noras, depósitos, canais) (fig.37).
3. *Núcleo Urbano da Mexilhoeira Grande*- Permite a observação da

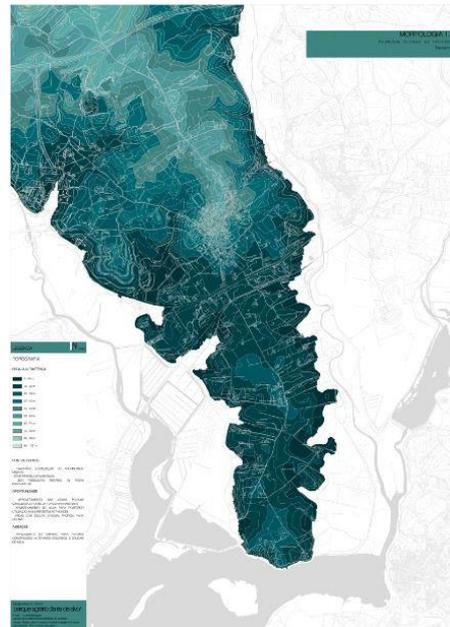


Fig. 31 ©Cristiana Matias e Ângelo Jesus.

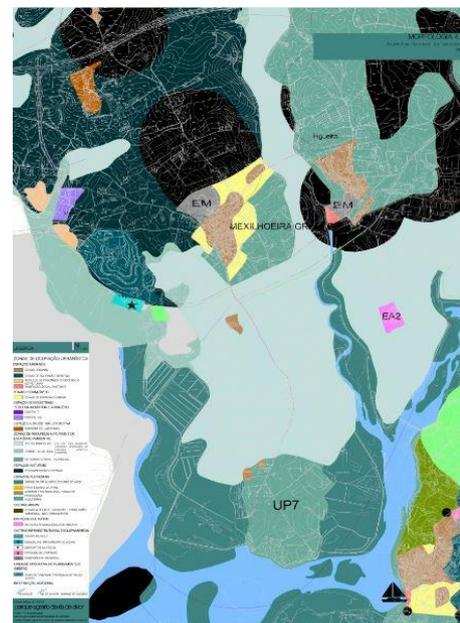


Fig. 32 ©Cristiana Matias e Ângelo Jesus.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

paisagem na sua plenitude contendo um grande numero de construções vernaculares Algarvias devolutas que poderão ser reabilitadas, transformando a Vila, para além disso a sua grande proximidade das zonas agrícolas e naturais salvaguarda estas zonas da ocupação Humana descontrolada.

4. *Plano Diretor Municipal da Mexilhoeira Grande*- Define a grande maioria do Território como Reserva Agrícola Nacional e Reserva Ecológica Nacional, reforçando a ideia de herança cultural relacionada com as práticas Agrícolas e Ria.

4.3 Perceção Territorial, aspetos visuais do território

O segundo grupo de trabalho (André Lopes e Carolina Sequeira), analisou os vários aspetos visuais do território. A partir desta análise, torna-se possível a caracterização visual e identificação de pontos marcantes, “paisagens base” (zonas constituintes que apresentem características semelhantes e permitam um caracterização visual homogénea), eixos visuais, entre outros.

Constatamos que a Vila da Mexilhoeira não se relaciona visualmente e fisicamente com a Figueira e a Península da Rocha, a interpelação inexistente dificulta a leitura do território e o visionamento do mesmo como um todo, quer a nível visual, quer a nível operacional. Esta situação ocorre devido á existência de barreiras físicas (EN 125, Ferrovia e Ribeira do Farelo). Apenas duas dessas barreiras levam a uma má perceção do território (EN125 e Ferrovia), impossibilitando a articulação das zonas atrás mencionadas, levando consequentemente a uma descontinuidade na paisagem.

Efetuada a análise visual do território em questão, constatamos que existem quatro “paisagens base” distintas, dispostas ao longo do eixo Norte/Sul onde estão contidos os pontos marcantes da Mexilhoeira Grande tais como:

1. *Norte* – Caracterizada por hortas e pela topografia irregular e montanhosa;
2. *Tecido urbano* – Zona Urbana consolidada da Mexilhoeira Grande;

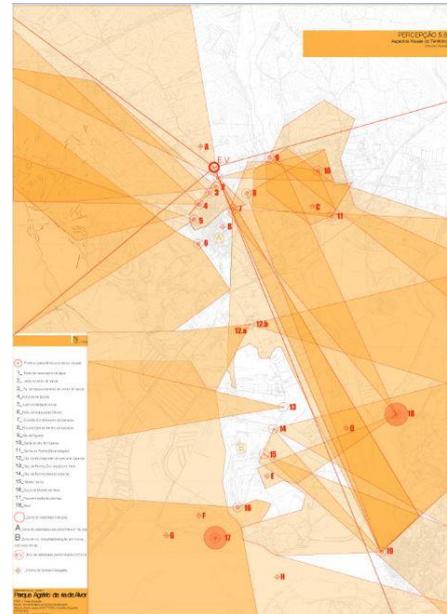


Fig. 33 ©André Lopes e Carolina Sequeira.

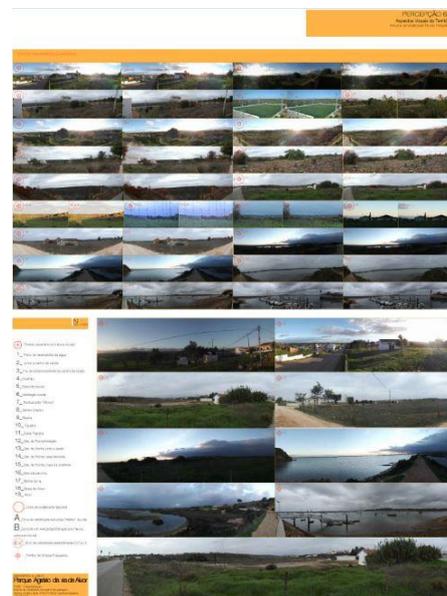


Fig.39 ©André Lopes e Carolina Sequeira.

3. *Peninsular* – Caracterizada pelas quintas dispersas e zonas agrícolas em pousio;
4. *Ria* – Caracterizada pela Ria e Sapais.

Na análise encontramos os seguintes eixos visuais e panorâmicos (fig.38).

- *Norte*: Embora a vila não possua uma quantidade significativa de pontos panorâmicos e eixos visuais, os que encontramos a Norte permitem uma visualização “limpa” e “contínua” da paisagem, podendo ser visualizados desses mesmos pontos alguns dos principais elementos marcantes, bem como algumas zonas diferenciadas das “Paisagens Base”.
- Constatamos também que a visibilidade destas “paisagens base” é possível apenas a partir dos pontos contidos na Vila e dispostos ao longo do perímetro Norte e oeste da Vila da Mexilhoeira Grande.
- *Tecido Urbano*: A vila da Mexilhoeira Grande possui vários pontos panorâmicos. Apresenta-se como a zona de menor incidência visual, ou seja, surge como um elemento de importância reduzida na leitura macro visual do território em estudo. A Vila tem uma presença visual autónoma na paisagem (leitura visual interna, percursos interiores, circulações interiores, fachadas “viradas para dentro”,etc...). Os pontos panorâmicos e eixos visuais da Vila (Este) estabelecem também uma forte relação com visual com a Vila da Figueira.
- *Peninsulas*: A zona peninsular contém essencialmente eixos visuais a Este, Sul/Este e Oeste, sendo os mais relevantes aqueles que permitem a observação da paisagem a Este (arredores de Portimão) e a Sul/Este (Alvor e Ria). As características únicas e diferenciadoras das restantes “Paisagens base”(topografia, relação com a Ria, elemento paisagístico que mantém uma enorme relação visual com o meio envolvente) leva a que o carácter rural da zona seja amplificado.

Este carácter diferenciador é resultado direto da relação visual entre o núcleo urbano de Alvor e da relação visual com a ria.

- *Ria*: A Ria surge também como um elemento paisagístico autónomo devido as barreiras visuais existentes, ainda assim a sua beleza natural auxiliada pelos inúmeros pontos panorâmicos e pela enorme percepção do território permite uma maior relação visual com a paisagem circundante a Sul e Oeste.

Zonas de maior Visibilidade

Resumidamente, as zonas de maior exposição visual no âmbito do estudo são as localizadas a Norte/Oeste e a Oeste e as zonas a Sul/Este e Este. As zonas que apresentam maior potencial visual são a ria e o “braço” da ria entre a margem Este da Península e a margem Oeste de Alvor assinaladas nas Fig. 38 e 39).

5. Estrutura e Zonamento, Propostas de Planeamento Territorial.

Na segunda Fase de elaboração da Proposta de Intervenção do Plano Estratégico do Parque Agro-Patrimonial da Ria de Alvor, dentro da disciplina de Urbanística III (ano letivo 2012-13) os grupos de trabalho, desenvolveram uma Proposta de Intervenção Estratégica em três painéis de apresentação, baseada nos estudos de Dinâmicas, Morfologia e Perceção desenvolvidos na primeira fase de análise. O primeiro painel do Plano Estratégico mostra a área total de intervenção, respetivo zonamento, infraestruturas, usos e atividades. No segundo painel são referenciadas as localizações dos equipamentos, “Portas” de entrada do Parque, Eixos Viários, Âmbitos e Sub âmbitos. O segundo e terceiro painéis mostram as soluções de desenho e de secções alteradas, localização de equipamentos e caracterização do edificado. Na presente dissertação serão apresentadas todas as propostas realizadas por os grupos com especial referencia a proposta, secções e localização de equipamentos correspondente ao grupo de trabalho “Quinta do Mar” , dos alunos André Lopes e Carolina Sequeira, por ser este grupo aquele que apresentou a única proposta complementar à nova localização dos equipamentos na Península da Abicada e ao facto de solucionar a falta de relação entre a Vila da Mexilhoeira Grande, Figueira e Quinta da Rocha. Os painéis de apresentação que contêm todas a especificações territoriais descritas encontram-se no anexo da presente dissertação.

5.1 Grupo de trabalho *Terra Salgada*

O Plano Estratégico “Terra Salgada”, dos alunos Ricardo Cabrita e Duarte Correia, estuda os eixos viários e ferroviários existentes. Partindo destes traçados pré-existentes, o grupo propôs um novo eixo principal de acesso à Península da Rocha, definido através da ligação Norte até ao limite Sul, percorrendo longitudinalmente todo o território peninsular. Para além desta ligação entre extremos peninsulares o grupo considerou necessário uma extensão deste eixo a Norte, com o intuito de unir a Península à vila da Mexilhoeira Grande. O segundo eixo, seria longitudinal, implantado na zona central da Península e efectua a ligação à península da Abicada, através de um futuro passadiço de madeira, que se prolonga até à vila de Alvor. Realiza-se uma ligação entre a vila da Mexilhoeira Grande até a uma “Porta” do parque, que se situa na estrada entre a EN125 e a A22. Foram também definidos pelo grupo, caminhos secundários de serviço, ao longo do “interior” do Parque Agro-Patrimonial, apoiando as futuras infraestruturas e serviços produtivos (tractores, camionetas, carros de serviço do parque, entre outros). Finalmente, o grupo de trabalho implantou por todo o Parque caminhos pedonais e ciclovias. Caminhos estes destinados aos visitantes do Parque (turistas, estudantes, cientistas, produtores, investidores, entre outros).

Portas: O grupo de estudantes identificou cinco localizações chave para o acesso e dinamização do parque, tendo conseqüente desenhado cinco

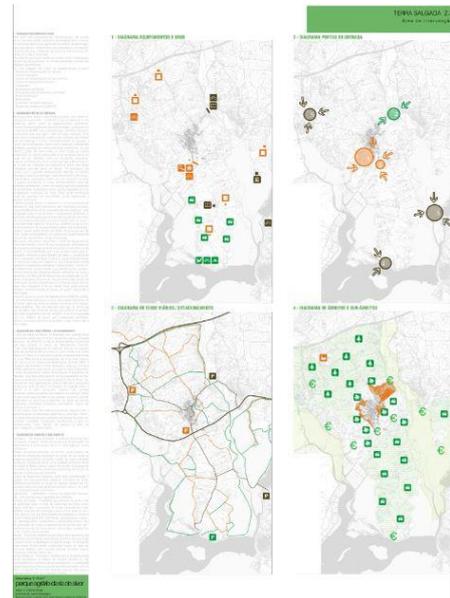


Fig. 34 ©Duarte Correia e Ricardo Cabrita.



Fig. 35 ©Duarte Correia e Ricardo Cabrita.

“Portas”, hierarquizadas de acordo com a sua localização e importância, assim como os equipamentos indexados (fig.40).

A “Porta” 1 (Porta principal), localiza-se no cruzamento da Mexilhoeira Grande com a Estação de Caminhos de Ferro. Com o intuito de assinalar e destacar esta “Porta” das restantes do Grupo “Terra Salgada” optou por munir a mesma de um edifício de carácter administrativo, que alberga o Centro de Interpretação do Parque. O Centro de Investigação, assim como cafetaria, instalações sanitárias, parque de estacionamento automóvel, posto de rent-a-bike, e como todas as outras portas tem um posto intermodal onde se pode trocar ou optar por um diferente meio de circulação disponível (fig.41).

A “Porta” 2 localiza-se junto à ponte que liga a Mexilhoeira Grande à Figueira, pretende promover a união das duas freguesias. Para esse efeito o grupo optou por munir, esta “Porta” de um Centro Educativo, que visa fomentar a anteriormente referida união entre freguesias a partir da educação. Esta “Porta” contempla ainda os serviços de rent-a-bike, posto intermodal e parque automóvel.

A “Porta” 3), situa-se no Sul da Península da Abicada. É uma “Porta” presencial, não tem edificado, estabelecendo a ligação entre a vila de Alvor e a Península da Rocha. Devido à enorme quantidade de achados arqueológicos na Península da Abicada o grupo optou pela implantação da “Porta” 3 neste local enfatizando zona arqueológica da Abicada. Perto desta “Porta” o grupo inseriu também um parque de estacionamento automóvel, rent-a-bike e posto intermodal.

A “Porta” 4, situa-se no limite Sul da Península. Esta surge enquanto ponto estratégico, interagindo com a ria de Alvor e possibilitando actividades de lazer e desportivas como canoagem, windsurf e kitesurf, todas elas apoiadas no Centro de Desportos Náuticos, que contemplam ainda cafetaria e instalações sanitárias. Também nesta zona seria localizado o Centro Interpretativo de Fauna e Flora, permitindo o estudo e acompanhamento da biodiversidades existente no local e apoiando a prática de observação de passaros. Esta “Porta” oferece também, como em todas as outras, um posto intermodal e rent-a-bike.

A “Porta” 5, situa-se no elo de ligação entre a EN125 e a A22. Serve essencialmente as actividades agrícolas. Desta “Porta” desenrola-se um percurso que liga ao centro da vila da Mexilhoeira Grande aos diversos campos agrícolas produtivos propostos pelo grupo de trabalho para o quadrante Norte do território (painéis de apresentação- Anexo). A “Porta” 5

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

será equipada com um edifício de apoio com instalações sanitárias, parque de estacionamento automóvel, posto intermodal e rent-a-bike.

Equipamentos e usos

Para além dos equipamentos referenciados nas “Portas” acima descritas, existem ainda, ao longo do Parque Agro-Patrimonial armazéns de apoio agrícola estrategicamente implantados, acupando as ruínas existentes , servindo de apoio às actividades produtivas. Resumindo, o numero detalhado de equipamentos totais que o Parque albergara são os seguintes: Centro de interpretação do parque; Centro educativo; Centro de interpretação da fauna e flora; Centro de desportos náuticos; Cafetarias; Instalações sanitárias; Parque de estacionamento automóvel; Posto intermodal; Rent-a-bike; Armazéns de apoio agrícola; Postos de venda junto à EN125.

Comércio

De acordo com o grupo de trabalho do Plano Estratégico “Terra Salgada” o Comércio será viabilizado através de pontos de venda pontuais na EN125, serão postos de venda em estruturas montadas ao longo da via. Estes pontos serão estruturas mistas podendo-se transformar em locais de repouso ou parques de merenda. Centro de desportos náuticos, onde será rentabilizado o aluguer de equipamentos náuticos previstos no local. Cafetarias existentes ao longo do parque, podem ser exploradas pela entidade administrativa do mesmo, ou cedidos para exploração a terceiros.

Agricultura

De acordo com o grupo de trabalho do Plano Estratégico “Terra Salgada” a Agricultura será viabilizada de acordo com os seguintes passos: *Árvores de frutos* –inserir esta produção na zona norte do território, sobre a vila, em toda a zona que engloba a pedreira e é delimitada pela A22. Cerejeiras, pessegueiros, macieiras, damasqueiros, nespereiras e ameixieiras, seriam o tipo de produção de frutos propostos, tendo ainda sido pensada a produção de frutos secos como o figo, a castanha, a noz, a bolota, a amêndoa e a avelã.

As “*Hortas*” –Localizar-se-ão na zona Centro/Sul da Península actualmente ocupada por terrenos de solo árido e pousio curto ou pastagens e pousio longo. Ao longo de todas estas hortas serão produzidos todos os tipos de produtos vegetal como couves, alfaces, tomates, nabos, hortaliças, cebolas, alhos, entre outros. As “*Hortas Urbanas ou Familiares*” localizar-

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

se-ão no interior de núcleos urbanos ou nas imediações dos mesmos. Estão dispostas em forma circular ao redor de toda a vila da Mexilhoeira Grande à exceção da zona de ligação entre as vilas (zona de expansão urbana).

5.2 Grupo *O que separa une.*

O grupo de trabalho dos alunos, Cristiana Matias e Angelo Jesus que realizou o Plano Estratégico com o Lema *O Que Separa Une* centra-se na união entre as zonas Norte e Sul, nomeadamente as Vilas da Mexilhoeria Grande e Figueira e a península da Rocha, sendo as principais propostas e intervenções localizadas na proximidade com a EN125 em grande proximidade com a via. Para esse efeito o grupo entrevistou directamente na via N125, sendo esta a principal barreira física. O grupo adicionou à via um separador central e passeios pedonais, interligados com elementos verdes. Ainda assim foram mantidas as dimensões da via com o intuito de transformar uma via de passagem rápida para uma via “local” (fig.42).

“Portas”

No limite da EN125 foi previsto um edifício de recepção que serviria directamente a principal “Porta” de entrada no Parque Agro.Patrimonial. Para complementar este edifício de recepção são adicionadas pequenas bancas de comércio de estrada, nas quais são comercializados e divulgados produtos provenientes do Parque Agrário e actividades locais. O grupo previu também espaço de lazer, tais como: um anfiteatro ao ar livre, visando atrair jovens e artistas de rua, dinamizando o espaço e as actividades culturais da Vila. Tal como o Grupo “*Terra Salgada*”, o grupo “*O Que Separa Une*” entrevistou directamente nas acessibilidades e vias de circulação da Freguesia, melhorando significativamente os aspectos

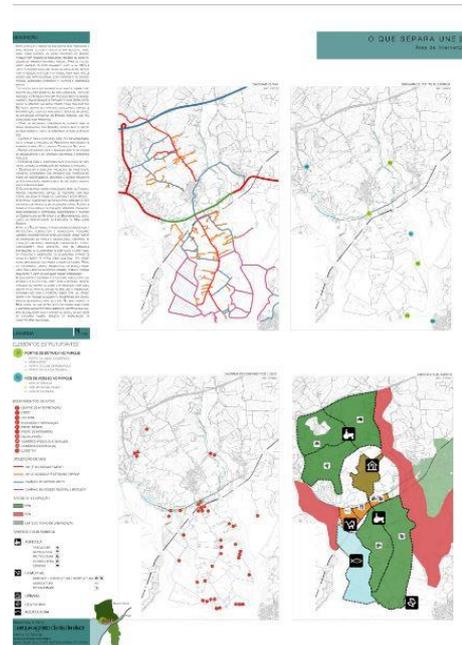


Fig. 36 ©Cristiana Matias e Ângelo Jesus.

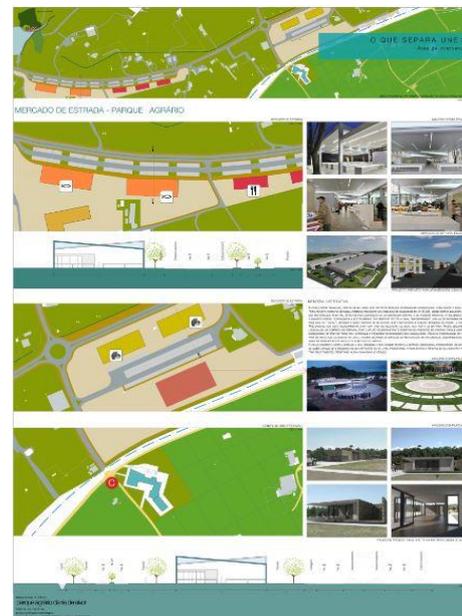


Fig. 37 ©Cristiana Matias e Ângelo Jesus.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

pedonais e ciclovários da Freguesia, a partir da recuperação de vias existentes e da definição de novas vias. A “Porta” Sul também compreende parques de estacionamento junto à via N125, com o intuito de evitar estrangimentos viários na Vila e na área do Parque, foram no entanto salvaguardadas as vias de acesso prioritário: vias de serviço, pessoal autorizado (operários e outros) e emergência médica (fig.43).

Equipamentos e usos

O total de equipamentos e usos propostos neste Plano Estratégico são os seguintes: Centro de interpretação do parque, centro educativo, cafetarias, instalações sanitárias, parque de estacionamento automóvel, rent-a-bike, armazéns de apoio agrícola e postos de venda junto à EN125.

Comércio

O comércio será viabilizado através de pontos de venda pontuais na EN125, A recepção compreende um espaço para atendimento dos visitantes com produtos de divulgação e apoio. A zona de trabalho é um espaço de educação ambiental desenvolvendo conteúdos e actividades, subordinados à temática da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, destacando as especificidades da Freguesia da Mexilhoeira Grande.

Agricultura

De acordo com o grupo de trabalho a Agricultura será viabilizada de acordo com os seguintes passos: A Zona destinar-se-ia à viticultura, agricultura com estufas e à silvicultura, enquanto que a zona Sul seria destinada maioritariamente à produção horticola e frutifera.

5.3 Grupo de trabalho *Quinta do Mar*

“Portas”

Não existe uma grande disparidade entre os diferentes grupos de trabalho relativamente ao número de “Portas” e sua localização, reforçando a importância destes locais enquanto elementos chave no desenvolvimento da estrutura do Parque Agro-Patrimonial.

No Plano Estratégico “Quinta do Mar”, realizado por os alunos André Lopes e Carolina Sequeira, as “Porta” de entrada do Parque localizam-se junto à ribeira do Farelo na margem da Figueira a Este. Esta localização permite racionalizar as acessibilidades, “apropriando-se” do nó de distribuição pré-existente da Figueira. Esta localização foi escolhida para implantação da zona de estacionamento e “Portas” de entrada do Parque por este ser um local estratégico a nível de confluência e redistribuição de vias de acesso viário, pela sua proximidade com a Estação Ferroviária da Mexilhoeira, por promover a interação e relação entre os dois povoados, prevendo também uma possível extensão do parque para a zona da Abicada (fig44).

A escolha deste local como “Porta de Entrada” surge a partir de um estudo preliminar de acessibilidades, dinâmicas culturais, pontos de visibilidade, pontos marcantes e malhas urbanas consolidadas, a partir do qual foram alcançadas as seguintes conclusões:

- Esta zona poderá formar dois eixos de ligação (um X comunicativo), entre Figueira/Estação/Abicada/Mexilhoeira,

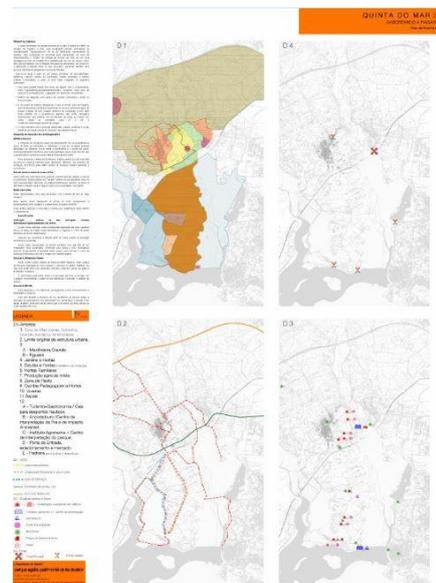


Fig. 38 ©André Lopes e Carolina Sequeira.



Fig. 39 ©André Lopes e Carolina Sequeira.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

atuando como polo de atração e nó redistribuidor e agregador dos elementos circundantes.

- Poderá ser integrado num Parque de carácter Urbano, unindo os dois povoados.

As “Portas Satélite” e Nós do Parque Agro-Patrimonial serão as seguintes:

A própria Vila da Mexilhoeira Grande. Que fará a ligação entre e o núcleo urbano da vila e as “Portas” de entrada do Parque, através de um jardim de carácter público, que assume a transição entre os dois elementos, ou seja, pretende integrar a população local na estrutura do parque, envolvendo assim os nativos no conceito social Parque.

O Molhe da Ria, “Porta satélite” que irá canalizar e dinamizar o turismo ecológico e as atividades fluviais, aproveitando assim o património natural como uma subestrutura completar ao Parque e que irá prever também uma ligação direta com Vila.

A Margem Sudoeste da Quinta da Rocha converte-se numa “Porta Satélite” que estabelece uma relação direta (fluvial) com Alvor, bem como serve o carácter lúdico fluvial do Parque.

O Dique de Alvor, converte-se numa “Porta” e nó de carácter pedonal e ciclo viário, que estabelece uma relação direta entre Alvor, Abicada e Quinta da Rocha.

Mobilidade e constrangimentos

Foram identificadas três zonas problemáticas, como a EN125/ Ferrovia, estrada de terra batida (ligação entre Mexilhoeira Grande e Ria de Alvor) e Ribeira do Farelo. Estas surgem como zonas prioritárias por limitarem as relações entre os vários elementos do parque. Para inverter a influência destas zonas problemáticas sobre o território foram apresentadas as seguintes soluções (fig45).

Para a *EN125 e Ferrovia* a Proposta de resolução prevê um rebaixamento da via escondendo-a assim do olhar do transeunte e “libertando” a cota de circulação pedonal eliminando as barreiras físicas entre a Mexilhoeira e a Quinta da Rocha. Consequentemente transforma-se uma zona conflituosa numa zona livre em que a aproximação á Quinta da Rocha é feita de forma fluida e linear. Para solucionar a travessia da Ferrovia, tiramos partido da cota mais alta de percurso pedonal (definida pelas alterações definidas nas proposta de resolução da EN125) para definir pontos de travessia (pontes pedonais e ciclo-viárias)

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Para a *Estrada de terra batida de acesso à Ria* a solução passará por criar uma ciclovia/percurso pedonal sobre elevada em relação à cota da via automóvel, tirando partido dos “taludes” laterais da via automóvel. Esta via será repavimentada utilizando um material betuminoso colorido, de forma a minimizar o impacto visual e integrar o percurso na paisagem circundante.

Para a *Ribeira do Farelo* serão desenvolvidas uma serie de pontes com o intuito de unir as duas margens. Estas pontes serão adequadas a escala do local, assegurando a transitabilidade entre margens e a preservação do próprio território. Estas pontes pedonais e ciclo viárias criam uma subestrutura viária interior e complementar.

Equipamentos e usos

O listado de equipamentos propostos no Plano Estratégico “Quinta do Mar” são os seguintes:

Parque Urbano (mantêm o carácter produtivo), centro comunitário comum às vilas (promove a interação social das duas comunidades); *Reabilitação de edificado pré-existente* na Quinta da Rocha e Vila da Mexilhoeira grande para servir turismo rural, habitação para turismo específico - turismo científico (formação, partilha de conceitos inerentes às praticas agrícolas, especialização e formação e consultoria de planos embrionários direcionados para estruturas semelhantes e práticas agrícolas e tecnologias agrícolas); *Restaurante e Albergue de Juventude* (Ria); *Clube Naval* para práticas desportivas e recreativas (exemplo: centro de treinos de desporto de alta competição_ canoagem); *Passadiço para bird-watching* e observação da paisagem natural; *Ciclo-pontos* ao longo do parque; *Centro de Interpretação de Impacto Ambiental* (regular e reestruturar as práticas pesqueiras, preservação do Parque). e de zona rede Natura 2000; *Micro porto fluvial* (assegurar comunicação fluvial com alvor); *Centro de reabilitação e controlo de espécies ameaçadas*.

Comércio

O comércio será viabilizado a partir da dinamização de todos os sistemas e práticas agrícolas centrando-se no Centro de Interpretação do Parque e apoiado pelas várias infraestruturas complementares- Consequentemente serão geradas várias actividades e pontos de venda ao longo do Parque Agro-patrimonial, representativas das actividades locais e complementáres a estrutura geral.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Agricultura

Mais do que a necessidade de identificar o tipo ou localização das culturas agrícolas, o grupo de Trabalho “Quinta do Mar” optou por justificar o crescimento e consolidação Agrícola a partir do núcleo de gestão e organização do Parque Agro-Patrimonial, ou seja, mais importante que o acamamento das culturas e sua localização este grupo de alunos defendeu a localização e implantação correcta das suas infraestruturas de apoio como “rampas de lançamento” para a actividade Agrícola.

Infraestruturas de Apoio Complementares ao Parque na Península da Abicada.

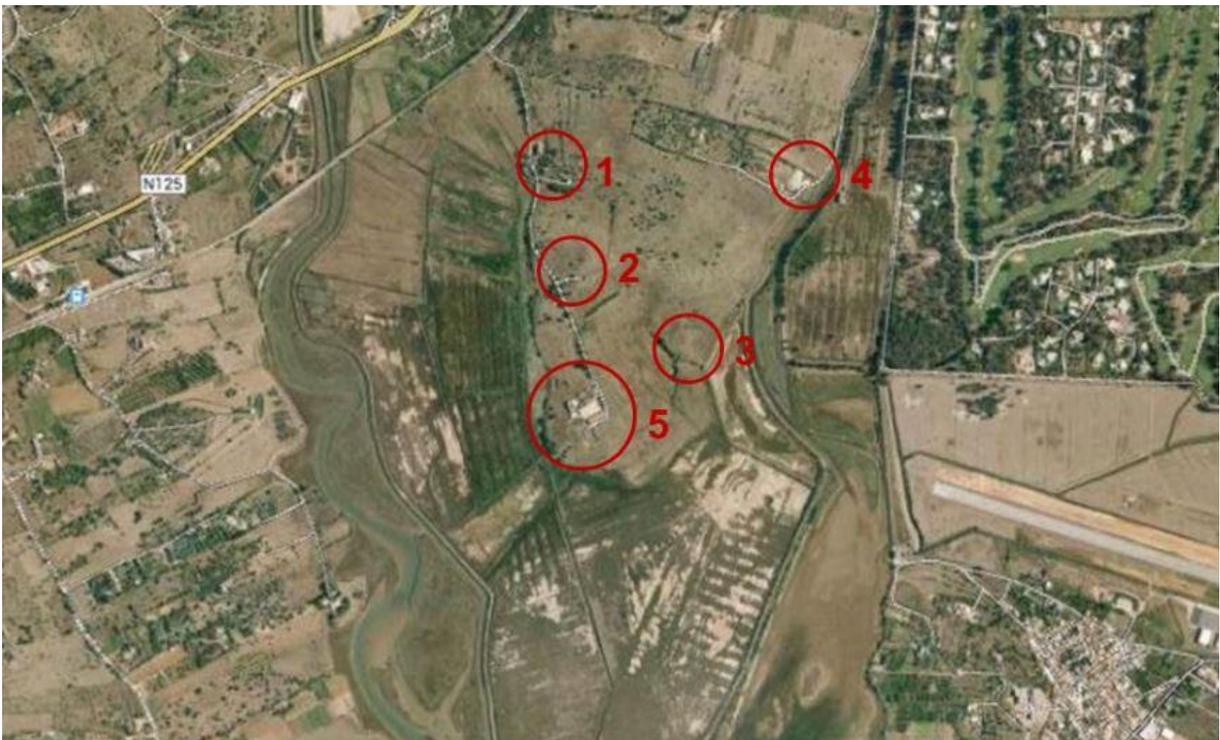


Fig. 40 Localização de infraestruturas de apoio complementares na Península da Abicada.

1. A zona 1 compreende uma antiga vacaria, armazéns de forragem, Poço com nora e suinicultura. Nesta zona ficarão situados os armazéns agrícolas, oficina de veículos mecanizados, zonas comuns e alojamentos para funcionários. A intervenção resultará de reabilitação e extensão das pré-existências encontradas no local.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

2. A zona 2 compreende um tanque com nora e uma ampla extensão de mato. Nesta zona ficarão localizadas uma piscina pública e parque de merendas com sombreamento. A intervenção resultará também da reabilitação das pré-existências e da adição de elementos de sombreamento e mobiliário exterior.
3. A zona 3 compreende um Poço de água com Nora. Nesta zona ficará localizado um abrigo para observação da natureza. A intervenção resultará também da reabilitação da pré-existência.
4. A Zona 4 compreende um edifício em ruínas (antigo clube de tiro). Nesta zona ficará localizado o centro de gestão ambiental. A intervenção á semelhança das restantes resultará da reabilitação da pré-existência.
5. A zona 5 compreende as ruínas da Villa Romana da Abicada, armazéns de forragem, matadouro e vacaria. Nesta zona ficará situado o Centro de Interpretação e Conservação de Património Rural. Nesta intervenção apenas será mantida a Villa Romana, todas as restantes pré-existências serão substituídas por novos equipamentos, representativos do local, com o intuito de conferir uma nova imagem estabelecendo-se enquanto núcleo agregador.

6. Genius Loci

“ [Na poesia estamos menos dispostos a manipular as coisas ou reduzi-las ao nosso próprio quadro representativo e conhecimento técnico-científico de referência; estamos encorajar em vez de deixar as coisas serem o que são e mostrar as suas múltiplas faces.]” (Heidegger, 1993, p. 344)

Genius Loci é um conceito Romano que defende que cada ser ou lugar tem um *Genius*, um espírito guardião. Este espírito acompanha o ser ou lugar até à sua morte, determinando o seu carácter e essência. O *Genius Loci* é o elemento determinante na definição de qualquer cultura, definindo a interação física e psicológica entre o ser e o lugar.

“ [No nosso contexto " identificação " significa tornar-se "amigo" de um ambiente particular. O Homem nórdico tem que ser amigo do nevoeiro, gelo e ventos frios.] ” (Norberg-Shultz, 1980, p. 21).

Tal como referido por Mário Sérgio Honorato em *Vergilii Aeneidos Commentarius (I a.C)*, “*nullus locus sine genius*”, ou seja, nenhum lugar é sem um génio. Consequentemente o conceito *Genius Loci* defende que cada lugar detém um espírito, uma essência, única, característica e distintiva. Embora o termo *Genius Loci* seja latino e tivesse sido inicialmente relacionada com o culto romano, constatamos que a sua origem provém das sociedades Humanas arcaicas. Nestas sociedades o conceito *Genius Loci* seria equiparado ao ato de consagração de um lugar, ou seja, a uma repetição cosmogénia. As sociedades arcaicas, nómadas e sedentárias acreditavam que toda a orientação e ato de fundação requeria uma organização prévia, um “ponto fixo”, um centro, ou seja, “para viver o mundo é preciso fundá-lo” (Eliade, 1992, p. 34). De acordo com as crenças arcaicas a organização e carácter de um lugar surge enquanto uma “re-encenação divina”, implicando uma escolha existencial, assunção de um universo singular a partir da sua criação. Esta relação entre cosmisação e consagração certifica o início da enunciação cultural e relação entre as comunidades e o seu território. Mais recentemente a expressão *Genius Loci* define a interação entre lugar e identidade. Segundo o filósofo Martin Heidegger, esta premissa estaria intrinsecamente associada ao ato de *Dwell* (habitar), uma vez que cada lugar encerra um espírito e o seu espírito define e é definido pelas suas comunidades. A forma de habitar um espaço é também ela variável e singular. Se habitar compreende a forma como o ser humano ocupa a terra,

então, habitar é definido pelo espírito do lugar, arrogando-se enquanto parte compositiva e constituidora do mesmo, a partir de todas as atividades associadas ao habitar humano. (Heidegger, 1993, pp. 343-364).

" [Habitar, ser deixado em paz, significa permanecer em paz dentro do livre, do preservar, a esfera livre que protege cada coisa em sua essência.] " (Heidegger, 1993 p. 8).

O termo *Genius Loci* é atualmente parte integrante da teoria da arquitetura, definindo uma abordagem fenomenológica, resultado da análise e interpretação das características de um lugar. A partir da análise fenomenológica de um lugar, torna-se possível a interpretação do mesmo e a identificação e/ou adequação de equipamentos e atividades ao lugar, ou seja, uma vez que o ato de habitar (dwell) compreende também as atividades desempenhadas pelo homem (domain of dwelling) torna-se necessário entender a gênese do estabelecimento humano e características territoriais para intervir no mesmo. Sendo o ato de habitar o princípio existencial da arquitetura, levando inevitavelmente à formulação de um lugar no verdadeiro sentido da palavra, um lugar em que o viver ocorre, tal como referido por Heidegger, a arquitetura deverá respeitar as premissas do lugar na sua plenitude, se “quiser” proporcionar ao ser o sentido de identidade e pertença. Constatamos inevitavelmente que *Genius Loci* é nada mais que o produto da análise fenomenológica, a compilação de todas as vertentes e características do lugar. (Idem, pp. 32-35).

“ [Fenomenologia - deixar que o que se mostra a si próprio seja visto a partir de si próprio, da mesma forma que se mostra a si próprio a partir de si próprio.]” (Heidegger, 1996, p. 35).

O conceito inerente do *Genius Loci* está ligado à necessidade do ser humano ocupar um lugar, a nível físico e existencial, dando origem a um espaço significativo, representativo de uma cultura, de um ambiente e de uma realidade própria, definidora do seu carácter. Norberg-Shultz no seu livro *Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture* (“Para uma fenomenologia da arquitetura”, 1980) afirma que um lugar é a manifestação do habitar do Homem, e que a sua identidade esta subordinada à sua pertença ao lugar, mais do que a celebre pergunta de Louis Khan: What does the building wants to be? (o quê que o edifício quer ser?) a afirmação de Norberg-Shultz define uma condicionante, condicionante essa que

circunscreve a interação entre o Homem e o lugar, inevitavelmente a pergunta de Louis Khan perde relevância no contexto do *Genius Loci*. De acordo com a análise fenomenológica, uma coisa deve ser vista como se mostra, pelo seu carácter natural e cultural. Esta análise condiciona o desenvolvimento do edificado e obriga à formulação da seguinte questão: O quê que o edifício pode ser? A análise fenomenológica dos aspetos socioeconómicos, naturais, culturais, históricos, entre outros levam à identificação do *Genius Loci* do lugar. Invariavelmente este *Genius* representa uma realidade, que serve de linha condutora para qualquer proposta ou intervenção. Por esse motivo, a proposta ou intervenção não pode desenvolver-se por si só. A proposta desenvolve-se de acordo com o carácter ambiental do lugar e sua atmosfera e condicionada pelas suas variadas dimensões identitárias, definidas pelos diferentes lugares e ambientes. *Genius Loci* é fundamentalmente uma paisagem cultural, um lugar estruturado. Este divide-se em paisagem e estabelecimento, ou seja, espaço e carácter. O espaço refere-se à organização dos elementos definidores do lugar, enquanto que o carácter refere-se à atmosfera do mesmo, ambos os elementos são interdependentes. Caso esta relação se perca, perde-se também a leitura do lugar e da sua paisagem. Aldeia rural possui um carácter e um estabelecimento definido pela sua relação entre as estruturas humanas e o meio natural. Estas quando conjugadas originam uma paisagem cultural, mais do que casas ou campo, complementam-se, surgem como elementos estruturantes, ou seja, a sua interconectividade e organização originam a atmosfera rural. Devido a esta relação presenciamos o *Genius Loci* da aldeia rural. (Norberg-Shultz, 1980, pp. 2-18).

“ [Todos os lugares têm carácter e o carácter é a base em que o mundo está é "dado".] ” (Norberg-Shultz, 1980, p. 14).

Genius Loci compreende uma série de “níveis ambientais”, ou seja, o homem apreende o ambiente circundante e “replica-o” nas suas habitações e objectos. Estas habitações e objectos acabam naturalmente por se tornarem relevantes por reflectirem a idade do lugar e do homem. Esta relação entre espaço construído e espaço natural desenvolve-se a partir de três formas distintas: a *visualização*, a *complementaridade* e o *simbolismo*.

A *visualização* permite a compreensão da estrutura natural, otimizando-a de acordo com a sua percepção do lugar. A partir desta análise visual o homem estratifica e adequa as suas construções ao meio – “onde a natureza indica uma direção, ele faz um caminho”.

A *complementaridade* é uma medida subsequente à visualização e tal como a primeira, o homem com o intuito de otimizar a estrutura natural, organiza-a de acordo com as suas necessidades, adicionando elementos complementares as estruturas naturais.

O simbolismo pressupõe uma manifestação do carácter, logo, a partir da percepção humana da natureza dá-se a criação de um “objeto cultural” que poderá ser adequado ao carácter geral do lugar ou replicado num outro local, sendo utilizado como elemento representativo cultural, tal como o padrão dos descobrimentos Português difundido pelo mundo durante o período dos descobrimentos enquanto objeto cultural representativo de Portugal e do seu carácter.

Estas três relações entre espaços naturais e construídos pressupõem que o homem “absorveu” o lugar, tornou-o seu, conseqüentemente criando para si uma *Imago Mundi*, que tal como o “ponto fixo” das sociedades arcaicas, materializava a sua realidade, efetuando a transição de paisagem natural para paisagem cultural. A Arquitetura à semelhança do *Imago Mundi*, surge com um intuito existencial de transformação, definindo como anteriormente referido a sua identidade, ou seja, as suas infraestruturas e símbolos complementares, bem como uma melhoria significativa na percepção da identidade do lugar. Quanto mais fortes forem estes símbolos, maior será a duração da identidade, definindo o *Stabilitas Loci*, imprescindível à vida humana. O termo *Stabilitas Loci* conjetura uma continuidade identitária, por esse motivo o lugar deverá ser “permeável” a novos conteúdos, sem que estes deturpem o seu carácter singular, ou seja, tendo em conta as mudanças de paradigmas económicos, sociais, entre outros, o lugar deverá evoluir e adequar as suas estruturas às novas realidades, mantendo no entanto a sua essência e naturalmente atingindo o *Stabilitas Loci*. Concretizar o *Genius Loci* é identificar as propriedades do lugar e sua “vocaçãõ”, atingir o *Stabilitas Loci* é assegurar a manutenção do mesmo.

Por outro lado a perda do *Genius loci* pode levar a alienação do ser, este perde o seu meio, a sua base cultural, em suma, aquilo que o torna singular. Segundo o mesmo autor, um lugar deve ser percecionado pelo ser como seu, prontamente deve ser identificado como tal, a partir dos símbolos anteriormente referidos e deverá também conter locais sagrados. Estes viabilizam a orientação e facilitam a identificação. De acordo com o autor só os lugares significantes possibilitam o verdadeiro viver humano. Os lugares sagrados podem também ser referentes à estrutura geográfica local. Tal como podemos observar na Mexilhoeira Grande, um dos seus locais sagrados diz respeito à Ria de Alvor e seus afluentes, este elemento

diferenciador pode ser visto como sagrado uma vez que permite a percepção do espaço ao ser, definindo o lugar e desempenhando um papel fundamental na definição na identidade do ser. Outro traço marcante na paisagem diz respeito à sua extensão, podendo distinguir-se entre três níveis ou escalas: o *Micro*, o *médio* e o *Macro*. (Norberg-Shultz, 1980, pp. 9-42)

Os lugares construídos embora tenham geralmente como ponto de partida uma base natural, podem por si só ser espaços significantes, personificando o *Genius Loci*. Tal como na Arquitetura das primeiras civilizações a compreensão da natureza origina um processo de “tradução” dos seus elementos com o intuito de criar um microcosmos, ou seja, um lugar destinado ao ser, o seu mundo, resulta da observação dos símbolos do médio e macrocosmos. Este Microcosmos é um elemento fundamental na definição da paisagem cultural e resultante do *Genius Loci*, reflexo da compreensão do homem sobre o ambiente natural. Para compreendermos a Mexilhoeira Grande e o seu *Genius Loci* deverá também ser procedida à análise da aldeia rural Algarvia e das suas relações com o meio, o seu *Genius Loci* e a obtenção do *Stabilitis Loci* depende diretamente da identificação da sua paisagem cultural base e da respetiva adequação às necessidades contemporâneas.

6.1 Aldeias Rurais Algarvias

De acordo com o Arquiteto. Vítor Ribeiro o Património Vernáculo no livro “Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional” (2008) corresponde às manifestações de engenho Humano, revelando um conhecimento profundo do habitante sobre o seu território. O ser Humano vive e habita de diferentes formas, logo o Património Vernáculo como a afirmação dessa identidade e cultura local, seus materiais e técnicas, corresponde á antítese da atual homogeneização cultural. A “Arquitetura Vernácula” e a sua índole popular é o reflexo das singularidades territoriais e humanas, definida pelo lugar e caracterizando o mesmo. Esta está intrinsecamente conectada com a natureza, desenvolvendo-se pelo território enquanto uma extensão paisagista e detentora de uma “ emanação física mas também simbólica do território a que se vincula e tão profundamente se enraíza. A aldeia rural é o resultado direto da relação simbiótica existente entre a paisagem e o edificado, nasce das condicionantes territoriais e rege-se pelo funcionalismo ligado aos meios de produção agrícolas. Mais do que um espaço de habitar, a habitação rural estabelece-se enquanto dínamo económico-agrícola



Fig. 41 Aldeia rural de Beliche de Cima, Tavira.

“O Património Rural Mediterrânico encerra um quadro de manifestações passadas e presentes com uma riqueza específica e uma diversidade de significados” (Ribeiro, 2008, p. 6).

O Património Rural construído assume-se como um elemento importantíssimo na definição da identidade do território. Proveniente da atividade agrícola, este edificado de índole popular complementa a paisagem circundante, ocupando o território de uma forma simples e orgânica, fruto de múltiplas condicionantes naturais (clima, geomorfologia, matérias primas, tradições, etc.) e resultante de um aprimoramento das técnicas de exploração e transformação dos materiais disponíveis e técnicas de construção demonstrando uma evolução empírica das comunidades e suas técnicas. Segundo Filomena Sintra, a Coordenadora do estudo “Património Rural construído do Baixo Guadiana” (2004), as comunidades agrícolas “[...]regram-se pelo funcionalismo do edifício e local, conferindo uma malha própria a cada espaço rural.” (Sintra, 2004, p. 7). Á semelhança da maioria da arquitetura popular portuguesa, a arquitetura rural Algarvia rege-se pelo conceito de ocupação, mimetizando a identidade dos ocupantes- Tal como a sua subsistência dependia da atividade agrícolas, as suas habitações e construções eram erigidas para apoiar essa atividade, conferindo a estes mesmos conjuntos e comunidades um relevante importância patrimonial.

“ O Património Vernacular é uma peça essencial que nos liga ao nosso passado e que faz luz sobre a nossa identidade”. (Sintra, 2004, p. 7).

Esta relevância Patrimonial resulta do conjunto e unidade dos vários elementos compositivos destas comunidades, as suas tipologias, técnicas, matérias e funcionalidade. Estes são

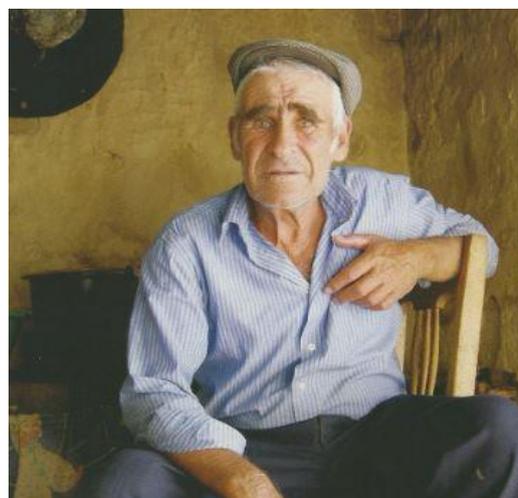


Fig. 42 Habitante de Estevais, Tavira.



Fig. 43 Casa Caiada, Estevais, Tavira.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

os verdadeiros elementos descodificadores da simbologia tradicional, ou seja, os elementos passíveis de reinterpretação da aldeia rural Algarvia, sua poética e autenticidade.

As aldeias rurais Algarvias inserem-se num levantamento e análise de dimensão urbana, que deriva da justaposição de duas escalas base. Uma das escalas é relativa ao assentamento, enquanto que a segunda é relativa à função associada ao território e assentamento relacionado com a atividade. Estes assentamentos geralmente apresentam um núcleo, decorrente do tipo de ocupação e fruto da relação entre edificado e loteamento. Este poderia ser composto por pequenos proprietários, correspondente a um regime de propriedade fragmentado ou ser composto por um núcleo formado por lavradores (grandes proprietários). Em certas comunidades rurais assistimos à coexistência destes dois tipos, integrados numa estrutura polinuclear. Estes conjuntos traduzem os diferentes ciclos e processos de desenvolvimento da comunidade a partir da sua reconversão funcional, transformação da configuração e adição de células. (Sintra, 2004, p. 13).

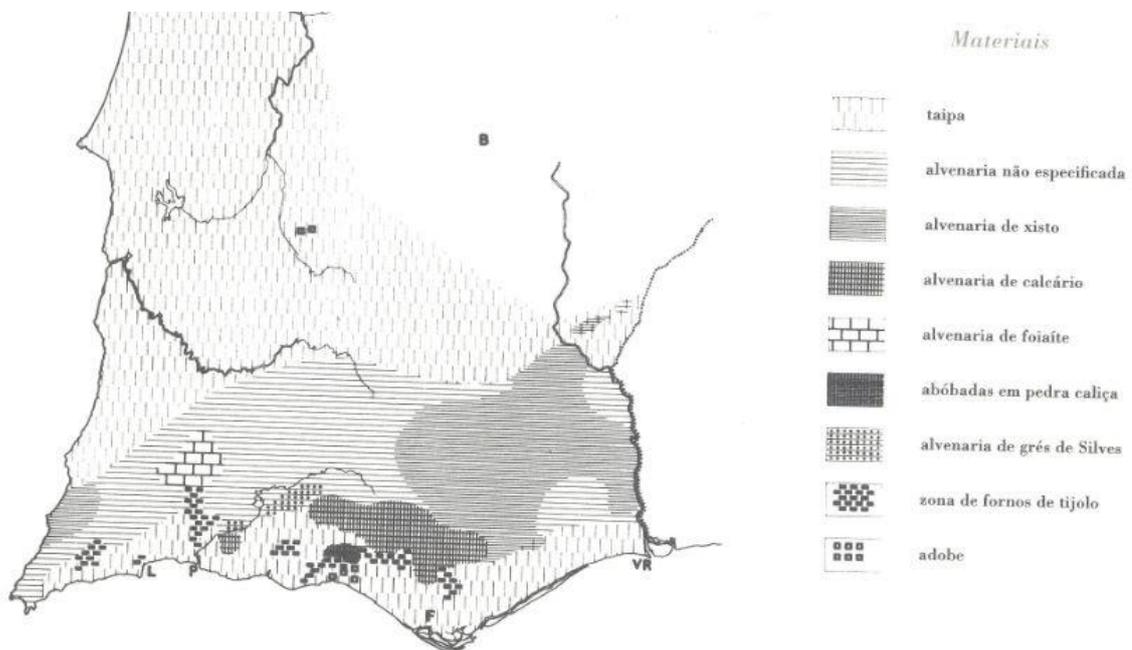


Fig. 44 Tipos de materiais construtivos vernaculares utilizados no Algarve.

6.1.2 Habitação Rural

A habitação popular liga-se diretamente ao meio e surge da adaptação do homem ao meio, construindo a sua habitação de acordo com as condições geomorfológicas, topográficas e climáticas. O habitante rural escolhe a orientação solar mais favorável, por exemplo, no Algarve a habitação era preferencialmente virada a sul para receber uma melhor insolação e utilizava a parreira (árvore que sombreava durante o verão e de inverno permitia insolação porque perdia a folhagem).

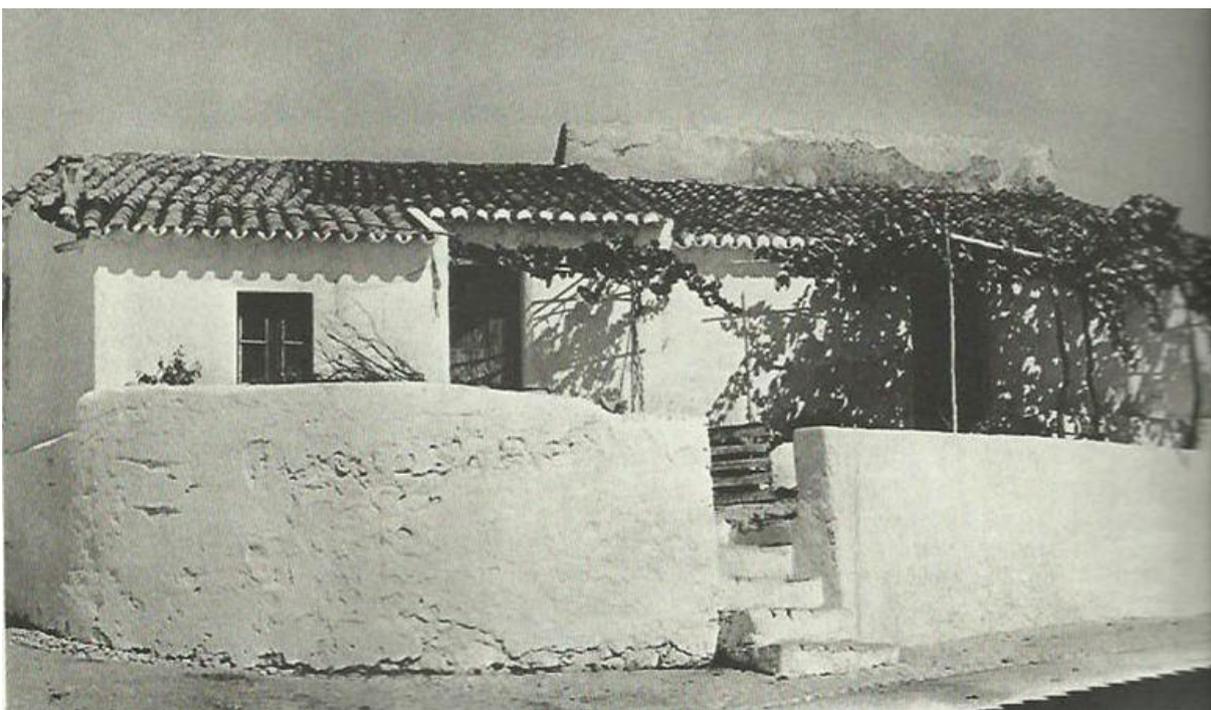


Fig. 45 Habitação rural Agoxa, Mexilhoeira Grande, Portimão

“ A exiguidade do espaço habitacional pressupõe frequentemente o transbordo de usos para o espaço externo, onde se cozinha de verão, ou para o palheiro e a ramada, tantas vezes também usados como espaços de dormir.” (Sintra, 2004, p. 13).

A habitação rural Algarvia é geralmente dividida em duas partes, referidas por “casa de dentro” e “ casa de fora”, ou seja, a relação entre interior e exterior está bastante presente, reforçando a ideia de relação com o meio. Ambas estas “casas” podem corresponder à casa de fogo e/ou

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

servirem ambas como espaço de dormir. Conseqüentemente a habitação rural ganha uma nova força enquanto peça dinâmica, devido às suas dinâmicas espaciais e reconversão de compartimentos e múltiplas funcionalidades. Tal como referido pelos Arquitetos Artur Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres em “Arquitetura Popular Portuguesa” (2004) o Algarve é composto por subzonas geográfico-climáticas, cada uma com suas particularidades a nível das culturas agrícolas e atividades económicas. Estas zonas são o Baixo Algarve, o Algarve Calcário e o Alto Algarve.

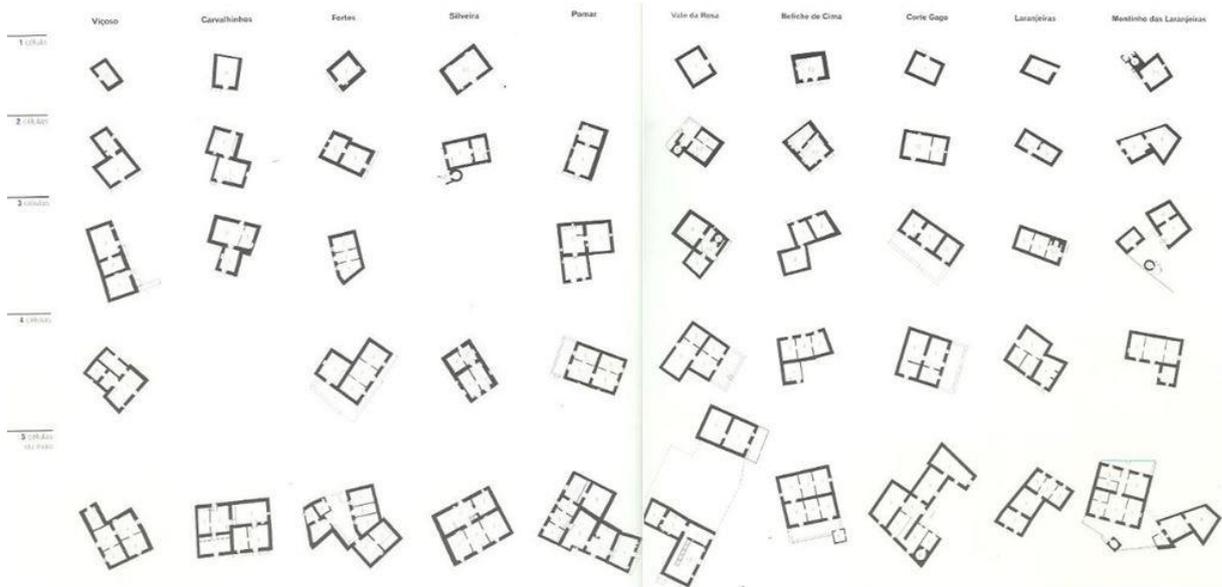


Fig. 46 Habitações até cinco células das aldeias de Viçoso, Carvalinhos, Fortes, Silveira, Vale Rosa, Beliche de Cima, Corte Gago, Laranjeiras e Montinho das Laranjeiras

As habitações encontradas nestas subzonas, são na sua generalidade de construção simples e de piso térreo, compostas por uma célula principal onde são adoçados estábulos, galinheiros, pocilgas, etc. Nos casos em que tal não acontece, estas infraestruturas são agrupadas e encontram-se nas imediações da habitação. A habitação rural Algarvia é caracterizada pela sua simplicidade formal e estereotomia, apresentando formas e superfícies puras, podendo tal como anteriormente referido ser adicionadas células ou prolongamentos que variam consoante as dimensões da propriedade e fatores económicos. Estes conjuntos e correspondentes adições ou prolongamentos poderiam ir da organização simples- duas divisões, cozinha e pequena arrecadação, à organização complexa – montes e quintas, onde observamos o agrupamento organizado de habitação com “zonas técnicas” (galinheiros,

estábulos, etc.). Embora a maioria das habitações estejam inseridas nuns aglomerado rural (aldeia), constatamos que cada uma destas habitações é por si só um centro de atividade agrícola, contendo as instalações necessárias á exploração agrícola. Tal como referido pelo Arquitetos. Martins, Castro e Torres, a construção orgânica e intuitiva da Arquitetura Popular Algarvia não segue uma normativa construtiva ou de implantação. Como conclusão a reinterpretação da “Arquitetura Popular” numa nova intervenção arquitetónica deverá basear-se na descodificação dos seus símbolos elementares e funcionais. Estes símbolos podem ir desde a tipologia de construção rural (cabanos, palheiros, ramadas, fornos, entre outros) à utilização das matérias-primas e métodos construtivos tradicionais (adobe, taipa, alvenaria de pedra, entre outros). Será a interpretação e apropriação destes símbolos que irá aproximar o conceito arquitetónico dos dois casos de estudo da presente dissertação à corrente arquitetónica organicista e contrariar a mimese vernacular. (Sintra, 2004, pp. 7-15)

6.1.3 O Sótão e o Sobrado

Na “Arquitetura Popular” Algarvia o *sótão* e o *sobrado* resultam do aproveitamento dos espaços sobrantes do prolongamento da cobertura. O *sobrado* geralmente mais simples destinava-se ao arrumo de utensílios, trigo, etc. O *sótão* surge como uma divisão à parte que ser utilizado com o mesmo propósito. (Sintra, 2004, pp. 84-85).

“...nessa escada subi eu muitas vezes com sacas de trigo ás costas [...] aveia, tremoços, tudo...centeio. [...] Depois faziam o sobrado, para por o trigo, para pôr...enxutas, não é? em cima.” (Ribeiro, 2008, p. 85).

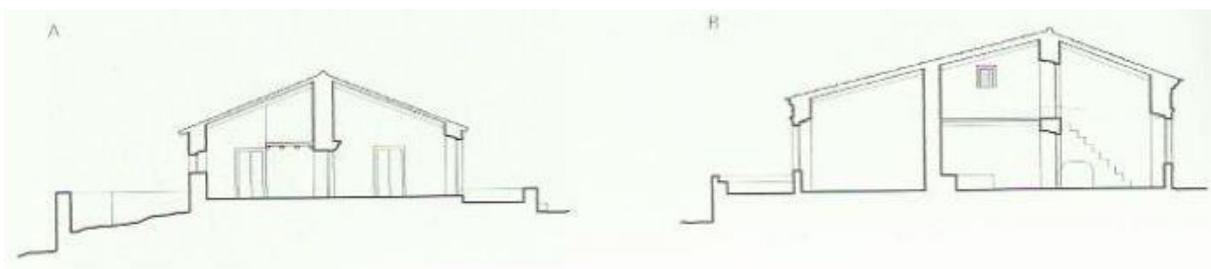


Fig. 47 Habitação com sobrado, Corte Gago e habitação com sótão, Silveira.

6.1.4 O Palheiro e a Ramada

O *palheiro* era utilizado para guardar animais e utensílios agrícolas enquanto que a *ramada* era utilizada para armazenar a palha. O *palheiro* e a *ramada* podem ser interdependentes ou separados. Caso sejam interdependentes, originam um único edifício que poderia ou não ser dividido por caniço, podiam também estar contidos num edifício de dois pisos ou de piso térreo com pé-direito alto. Os *palheiros* e *ramadas* separados estavam geralmente situados junto da eira, facilitando o transporte da palha após processamento. Em alguns casos estas infraestruturas apresentavam-se cercadas para condicionamento do gado. As *ramadas* também podiam ser interdependentes ou dissociadas, para bovinos e equídeos. Quer o *palheiro* quer a *ramada* eram muitas vezes utilizados como espaços de dormir. (Ribeiro, 2008, pp. 66-67).

“ Os morais dormiam além no palheiro. E faziam fogo, traziam lenha daqueles monturos (...) volta e meia tinham que estar dando palha as vacas.” (Ribeiro, 2008, p.67).



Fig. 48 Cerca de Propriedade rural, Corte Gago.

6.1.5 A Cerca

Na generalidade das comunidades agrícolas e agro-pastorícias, a cerca delimitava a propriedade. Para além disso fazia a separação entre o espaço edificado e produtivo. Procediam à separação de propriedades e atividades agrícolas. Estas eram geralmente construídas em Alvenaria de pedra de junta seca. (Ribeiro, 2008 pp. 86-87).



Fig. 49 Poço redondo.

6.1.6 O Poço

O poço, uma cavidade utilizada para captação de água é um elemento presente em todas as

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

comunidades agrícolas. Estes poderiam ser o Poço de *Entrada* ou *Porta* – guarnecido de escada que permitia o acesso ao nível da água e o Poço *Redondo* – munido de picota ou cegonha (aparelho de elevação de água). (Rieiro, 2008 p. 97).

“ Antigamente havia muito poço assim, poço de escaleiras ou poço de entrada (...) e já se sabe que é este, o outro é o poço, o poço redondo!” (Ribeiro, 2008 p. 97).

6.1.7 A Nora

Este engenho veio em muitos casos a substituir a picota ou cegonha. Tradicionalmente, estes engenhos de tração animal possuem uma haste horizontal acoplada a um eixo vertical e ligado a um sistema de roldanas. Este mecanismo de roldanas faz circular os alcatruzes (recipientes de transporte de água), transportando a água do poço para um tanque de armazenamento. O conjunto da Nora, “aqueduto” e tanque correspondiam geralmente ao limite da propriedade. (Ribeiro, 2008, pp. 105-106).

“ [As duas noras] [...]seria para regar o terreno todo, uma não teria agua avonde e abrirem outra [...] Tinha regadio e tinha sequeiro. Aqui na parte de baixo era figueiral e na parte de cima era farrobeiras.”
(Ribeiro, 2008, p. 106).

6.1.8 A Eira

A *eira* consistia num espaço plano de dimensões variáveis. Neste espaço procedia-se à preparação da palha e detritos dos grãos de cereal. Estas podiam ser executadas com lajes de xisto, tijoleira de barro ou com simples argamassa de barro. Cada comunidade teria várias eiras associadas a diferentes núcleos familiares. (Ribeiro, 2008, pp. 122-123).

“ Alguns punham-lhes umas pedras à roda para se conhecer que era uma eira e ò depois a eira era ai dentro disso. E para o trigo não sair. A semente que se debulhava ali... Debulhava-se com burros, com vacas...” (Ribeiro, 2008, p. 23).



Fig. 50 Nora.



Fig. 51 Eira com pavimento em terra e barro.

6.1.9 O Telheiro

O *telheiro* é uma estrutura de produção de telhas e tijoleira de barro. A sua localização era diretamente condicionada pela presença de matéria-prima, podendo estar mais ou menos afastadas da comunidade.

“ Aquilo tinha uma casa e tinha um forno, assim com umas grades: punham as telhas em cima das grades e a lenha por baixo, para cozerem as telhas.” (Ribeiro, 2008, p. 48).

6.2 Materiais de Construção Tradicionais

Os Materiais de Construção Tradicionais dividem-se em duas categorias, os de origem *Mineral – Xisto, Barro, Cal e Pigmentos* e ao de origem *Vegetal – Madeiras, Varas ou Ripas, Feixes de Vegetação e Elementos de Atar*.

7.2.1 Materiais de Origem Mineral

Xisto

A abundancia de xisto na zona serrana, fez desta matéria um dos materiais de eleição para a execução da maioria das construções desta zona Algarvia. Embora os calcários fossem também abundantes nomeadamente no litoral e barrocal algarvio, os custos de extração e transporte impedia a sua difusão sendo apenas e esporadicamente utilizada nas cantarias e levando a adoção da taipa, adobe e estruturas



Fig. 52 Pedra de Xisto Azul



Fig. 53 Pedra de Xisto Parda.

de madeira enquanto técnicas de eleição nestas zonas do Algarve.

Os xistos apresentam diferentes características físicas e químicas, conferindo as pedras diferentes qualidades, com maior ou menor resistência mecânica. Consequentemente os diferentes tipos de xisto seriam utilizados em trabalhos específicos apropriados às especificações da pedra. Dentro dos variados tipos de xisto os antigos mestres pedreiros referenciam três tipos distintos e conhecidos pela população – O *Xisto Azul*, o *Pardo* e a *Talisca*.

O *Xisto Azul*, apresenta uma coloração azulada e é dos três tipos referenciados a mais resistente, sendo por esse motivo o mais adequado à execução de paramentos exteriores de paredes e à execução de calçadas.

O *Xisto Pardo*, apresenta uma coloração acastanhada, embora seja uma pedra de boa qualidade é menos rija que a pedra de Xisto Azul. No entanto era também ela utilizada na execução de paramentos exteriores de parede e calçadas. O Xisto pardo poderia também apresentar cristais negros à superfície. Esta variante era denominada como a Pedra Olhos de Sapo. Embora esta pedra seja mole, apresenta uma enorme resistência ao calor e ao fogo, sendo por esse motivo bastante utilizada em lareiras e fornos.

A *Talisca de Xisto* provem de afloramentos rochosos de formação lamelar, por sua vez poderia provir quer de filões de pedra azul, quer de filões de pedra parda. A Talisca é uma pedra frágil e quebradiça, com uma estereotomia laminada. Era reduzida a brita de xisto e utilizada no interior dos paramentos das



Fig. 54 Argamassa de Barro.

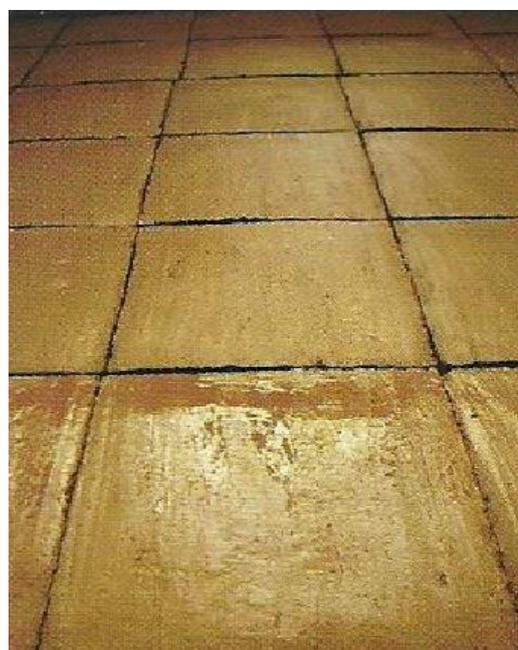


Fig. 55 Lajetas de Barro cru.

paredes, para enchimento dos mesmos. Os mestres construtores referem geralmente a “pedra viva” e a “pedra morta” para designar as características físicas da pedra. A “pedra viva” apresenta uma excelente robustez e dureza, com arestas vivas, de coloração acentuada e sem fissuramento, enquanto que a “pedra morta” apresenta as características opostas, não sendo a mais apropriada para construção, devido a falta de cuidados na exploração e armazenamento. (Ribeiro, 2008, pp. 39-41).

O Barro

O Barro enquanto matéria-prima de construção podia ser utilizado em dois estados, o cru e o cozido. No estado cru seria utilizado para melhor isolar a cobertura, como revestimento de paredes e como argamassa de assentamento. O Barro cozido é obtido a partir de solo com um elevado teor de minerais e argila, posteriormente é misturado com água, convertendo-se numa massa plástica, inserido em moldes para secar e finalmente cozido.

“ O barro? O barro é uma terra! É uma terra encarnada. Barro é terra. Há umas poucas qualidades de terra: há uma terra muito frouxinha que não serve para aquilo; já o barro, não. É com o barro que se fazem estas coisas.” (Ribeiro, 2008, p. 42).

O barro era utilizado como alternativa ao reboco de cal interior, por norma era menos dispendioso e embora tivesse que ser encontrado, após encontrado estava disponível em grandes quantidades. Os solos com elevado teor de argila e adequados ao fabrico de barro, encontram-se na sua grande maioria na zona de transição entre a Serra e o Barrocal.

“ A gente encontrava-os sempre, do [Barro] vermelho e do branco. Andávamos por aí, ia-se à procura, não se comprava nada disso.” (Ribeiro, 2008, p. 42).

O *Barro Branco* é um barro mais forte, com mais liga e bastante utilizado para misturar com o barro vermelho, menos forte. O barro era também utilizado como argamassa de assentamento, o barro branco (cor mais clara) era o mais adequado para desempenhar esta função devido á sua plasticidade e aderência superior. (Ribeiro, 2008, pp. 42-45).

A Cal

“ A cal...é muito vantajosa. Mesmo que não houvesse dinheiro para reboque [reboco], caiava-se em cima da pedra, que uma coisa caiada sempre tem mais proteção.” (Ribeiro, 2008, p. 45).

Segundo a Arquitecta Marta Santos a cal seria o ligante privilegiado na construção vernácula. Transformada a partir de rocha calcária, era utilizada na execução de argamassas de cal, revestimentos e pinturas. As técnicas de preparação eram conhecidas e otimizadas pelos mestres caioleiros e escaioladores com técnicas seculares de extração, cozedura e hidratação (hidratação espontânea, imersão, fusão e aspersão). A técnica de caiação generalizada nestas comunidades, fazia parte do quotidiano e das permanentes tarefas de manutenção do edificado. A cal seria extraída manualmente, seguidamente transportada para fornos de cal, onde seria transformada em pedra de cal viva. A cal resultante deste processo de cozedura divide-se em dois tipos, a *Cal Branca* e a *Cal Parda*.

A Cal Branca podia ser aérea, obtida a partir da cozedura de calcários e mármore de alta qualidade e com uma baixa quantidade de argila. A Cal Branca podia também ser hidráulica, obtida a partir da cozedura de calcários de menor qualidade e com uma maior percentagem de argila.

A Cal Parda também designada por Cal Preta ou Cal de Adobe, apresenta características fracamente hidráulicas. (Ribeiro, 2008, pp. 45-49)

Pigmentos

Os pigmentos são extraídos localmente, apresentando uma paleta cromática na qual predominavam os seguintes tons – sangue-de-boi, os vermelhos rosados, os amarelados e os



Fig. 56 Caiação com pigmentos (sangue-de-boi).



Fig. 57 Caiação com pigmentos (Amarelados).

cinzentos esverdeados do xisto. De acordo com a Arquiteta Marta Santos, todos eles eram representativos da relação entre a paisagem e as comunidades. Os pigmentos naturais eram moídos, decantados em almofariz e passados por crivos até atingirem uma granulometria bastante reduzida, posteriormente eram adicionados à cal, dando cor a mesma que seria utilizada na pintura ou caição da habitação. Existem também pigmentos artificiais, mais recentes e produzidos industrialmente, estes estão disponíveis nos seguintes tons – Óxido de ferro vermelho, óxido de ferro amarelo, verde metálico, azul gaivota e preto. (Ribeiro, 2008, pp. 49-52)

6.2.2 Materiais de Origem Vegetal

“ As limitações do meio aguçaram o engenho do mestre construtor, que procurou tirar partido dos materiais que o território punha á sua disposição, ou que dele podiam ser obtidos, e das técnicas que conhecia, fez da vegetação um importante recurso” (Ribeiro, 2008, p. 52).

Os materiais de origem vegetal, para além de se adequarem a uma série de soluções construtivas, não eram de difícil aquisição, sendo mesmo recolhidos de zonas próximas da comunidade. Com o auxílio destes materiais (canas, juncos, tábuas) construíram-se cabanas de pescadores no litoral, perto de leitos de rio, armazéns agrícolas, coberturas de habitações, etc. Muitas destas matérias-primas vegetais, resultam de cortes e podas executados junto dos cursos de água, limites das propriedades, zonas de mato e zonas cultivadas. Para além de contribuírem para a limpeza e manutenção das zonas agrícolas, forneciam matéria-prima para construções e material reciclável de apoio à construção. Para além disso muitas destas matérias tinham a função de combustível, alimentando fornos domésticos e fornos de tijoleira e cal. Existiam também aqueles que eram cultivados com o propósito de servirem a construção, tais como – o Pinheiro (bravo ou manso) e o eucalipto para obtenção de madeira e o centeio para aproveitamento da palha. De acordo com a Arquiteta Marta Almeida o construtor procurou otimizar os recursos disponíveis, aperfeiçoando as técnicas construtivas a partir da exploração das potencialidades e prevenindo as fragilidades existentes nas matérias-primas de origem vegetal, ou seja, a matéria-prima vegetal surge como uma resposta a uma série de funções inerentes ao espaço construído, sendo a matéria



Fig. 58 Processo de secagem de cana.

adequada á função desenvolvida, a utilização de troncos, varas, ripas, feixes de vegetação e elementos de atar variavam consoante o carácter da construção. Os materiais vegetais eram selecionados, recolhidos e preparados, com o intuito de responderem às exigências construtivas. Estas eram referentes às suas características formais, dimensionais e à sua resistência e flexibilidade. A recolha seria procedida durante o período de repouso da planta (Outono e Inverno), período comumente designado por período *morto* ou de *pouco viço* (relativo à circulação da seiva e quantidade de nutrientes nos vasos condutores, produzidos durante a fotossíntese), a poda era efetuada neste período com o intuito de proteger a planta, já que se efetuada noutro período poderia levar a morte da planta. Depois de recolhida procedia-se à preparação, conferindo as características materiais adequadas à construção (para desempenho de funções estruturais, de revestimento, de remate, fixação, entre outras.). (Ribeiro, 2008, pp. 52-55).

Madeiras

As madeiras eram obtidas a partir de árvores e arbustos de grande porte. Destes era obtidos os caibros que viriam a desempenhar funções estruturais nas coberturas e vãos e os tabuados utilizados nos sobrados, caixilharias e no forro interior das coberturas. As espécies arbóreas mais utilizadas eram a Azinheira (*Quercus Rafundifolia*), o Pinheiro (*Pinus Pinea* e *Pinus Pinester*), a Oliveira (*Olea Europea*), o Eucalipto (*Eucalyptos sp.*), já os arbustos de grande porte mais utilizados eram o Carrasco (*Quercus Coccifera*), o Loendro (*Nerium Oleander*) e a Esteva (*Cistus Ladanifer*). (Ribeiro, 2008, pp. 55-57).

“ O pinho era madeira que se utilizava em quase tudo antigamente: paus de casas, madeira para casas. O carrasco debaixo da telha [também] é bom: é duro, é uma muito forte.” (Idem, p. 55).

Para além das madeiras anteriormente referidas, existem relatos mais antigos da utilização da utilização de madeiras de Álamo ou Choupo (*Populus sp.*), o Freixo (*Fraxinus Angustifolia*), o Amieiro (*Alnus Glutinosa*) e o Castanheiro (*Castanea Sativa*), que são característicos de sistemas húmidos. As madeiras não eram submetidas a qualquer tipo de tratamento para proteção contra agentes externos, o que demonstra a importância do período e técnica de poda. (Ribeiro, 2008, pp. 52-53).

Varas ou Ripas

As *varas* ou *ripas* provinham de caniços e arbustos e eram utilizadas maioritariamente para funções de revestimento, remate e por vezes para funções estruturais. Os tipos de cana mais utilizados eram a Cana Vulgar (*Arundo Donax*) e o Caniço ou Carriço (*Phragmites Australis*), mais fino e curto que a cana vulgar. Os arbustos mais utilizados eram o Saiço (*Salix sp.*), o Loendro (*Nerium Oleander*) e o Marmeleiro (*Lydonia Oblonga*). As varas de arbustos e canas eram maioritariamente utilizadas nas coberturas cónicas (cabanos, palheiros e ramadas) e nos forros das habitações. A cana também é objeto de cuidados no que toca á altura de poda tal como anteriormente, apresentado para a madeira, para além disso deve a planta também ter mais de dois anos de idade (idade mínima que a cana desenvolva tamanho e flexibilidade ideais. (Ribeiro, 2008, p. 57).



Fig. 59 Revestimento. de cobertura. Cónica em feixes de Palha de centeio

Feixes de Vegetação

Os *feixes de vegetação* eram maioritariamente utilizados como camada de forra impermeabilizante para cobrir abrigos e estruturas de armazenamento.

“É para a água não entrar. Levava palha de centeio, para não deixar passar a chuva e manter-se [a palha boa lá dentro].” (Ribeiro, 2008, p. 53).

Os *feixes* de vegetação utilizados podiam provir da recolha de herbáceas espontâneas, tais como: a Tábua (*Typlte sp.*) o Junco (*Juncus sp.*), a Junça (*Cyperus Sp.*) e o Centeio (*Secole Cereale*), este ultima era cultivado e utilizado para produção de feixes, depois de debulhado e preparado o grão. (Ribeiro, 2008, pp. 58-60).

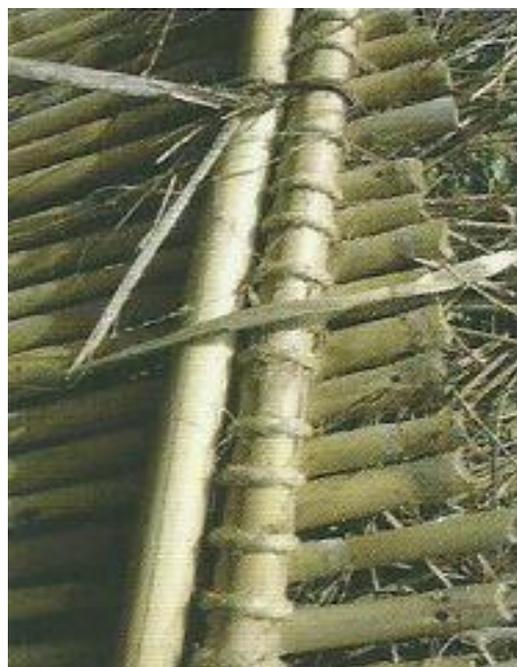


Fig. 60 Fixação de esteira de canas com sisal.

Elementos de Atar

Os *elementos de atar*, comumente chamados de Baraços ou Baracinhos, fios, atilhos, cordéis, sisa, tamissa ou varinhas para dar pontos, cumprem funções enquanto sistemas de fixação e remate das construções tradicionais. Para além disso são também utilizados para produção de uma abrangente panóplia de artesanato tradicional (bancos, chapéus, albardas, vassouras, entre outros.) e para a produção de tamissa (cordel fino executado a partir do Esparto (*Stipa Tenacissimo*), das ripas de Palma da Palmeira Anã(*Chamaerops Humílis*) e da Junça (*Cyperus sp.*). A tamissa era utilizada nas coberturas de centeio e telhados de caniço. Estes elementos resultavam do aproveitamento da parte superior das herbáceas como a Junça, o Junco, o Esparto, a Tabua e o Centeio, das folhas de Palma da Palmeira Anã e das fibras vegetais da folha de Piteira. (Idem, pp. 60-61).

6.3 Técnicas de Construção Tradicionais

Alvenarias de Xisto

Tal como anteriormente referido, o Xisto a par da terra, foi uma das matérias mais utilizadas nas construções tradicionais rurais, por esse motivo predominam na paisagem Algarvia as construções em alvenaria de Xisto. Estas construções embora utilizassem a mesma matéria-prima, apresentavam características construtivas e morfológicas distintas, devido à adição de compartimentos e às diferentes estereotomias, resultado direto das diferentes técnicas utilizadas na construção e aplicação da pedra.

Estas podiam ser executadas com ou sem argamassa ou capeamento. De acordo com o Arquiteto Miguel Costa, o tipo de construção também influenciava a técnica e cuidado construtivo. No caso das habitações o cuidado era redobrado levando a que muitas vezes fossem assentes diretamente em afloramentos rochosos, com o intuito de conferir uma base estável sem recorrer a fundações “artificiais”.

Paralelamente esta medida libertava as terras cultiváveis e mantinha a habitação afastada da humidade proveniente do solo e consequentes infiltrações. Ainda que o assentamento direto pudesse facilitar a construção e melhorar as condições de habitabilidade da habitação, tal nem sempre era possível, tornando-se necessário a abertura de valas até encontrar solo com consistência suficiente para assentar as fundações e iniciar as paredes. A espessura das paredes de Xisto podia variar entre os 45 e os 70 cm de espessura. Nas zonas de cunhal (linhas verticais de encontro de duas paredes) eram utilizadas pedras de maiores dimensões e de qualidade superior. Estas possuíam uma



Fig. 61 Alvenaria. de xisto com argamassa de barro



Fig. 62 Alvenaria. de xisto com pedras de grande porte para reforço de cunhal.

forma alongada, consequentemente melhorando o travamento do cunhal. A execução dos vãos era composta por três elementos construtivos fundamentais: as *Ombreiras*, as *Vergas* ou *Padieiras* e o *Peitoril* (janelas) ou *Soleira* (portas).

As *Ombreiras* funcionavam como um fecho de alvenaria que pode ou não possuir cantaria de guarnecimento para resguardar o caixilho e possuem uma forma afunilada para facilitar a abertura dos vãos. As *Ombreiras* “descarregam” o peso exercido pela parede sobre a *Verga* e o *Lintel*.

As *Vergas* ou *Padieiras* são elementos que sustentam as cargas exercidas pela parede e as descarregam para as ombreiras.

O *Peitoril* e a *Soleira* localizam-se na parte inferior do vão e rematam o pavimento interior com o exterior (porta) e o pano de parede (janelas).

A nível estereotómico as paredes de Xisto apresentam duas tipologias predominantes, a de *Pedra Irregular Corrigida à Fiada* (A pedra é uniformizada o mais possível, quer a nível das suas dimensões, quer a nível das suas faces) e a *Alvenaria Surribada não Emparelhada* (maioritariamente utilizada na execução de muros). Quanto á aplicação da pedra pode-se encontrar a *Alvenaria Seca* ou *Insonsa* e a *Alvenaria Argamassada*. (Idem, pp. 64-69).

A Taipa

As construções em Taipa (autoportantes) são muitas vezes referenciadas pelas comunidades rurais Algarvias como construções mais resistentes que as de xisto, podendo ser mantidas indefinidamente se procedidas as tarefas de manutenção necessárias.

“ Aquilo são mais resistentes que a pedra, mas têm de ser bem feitas também. Não é muito fácil a água entrar. Mas é melhor ser rebocado, porque a terra sem ser rebocada, com o tempo vai-se embora.” (Ribeiro, 2008, p. 70).

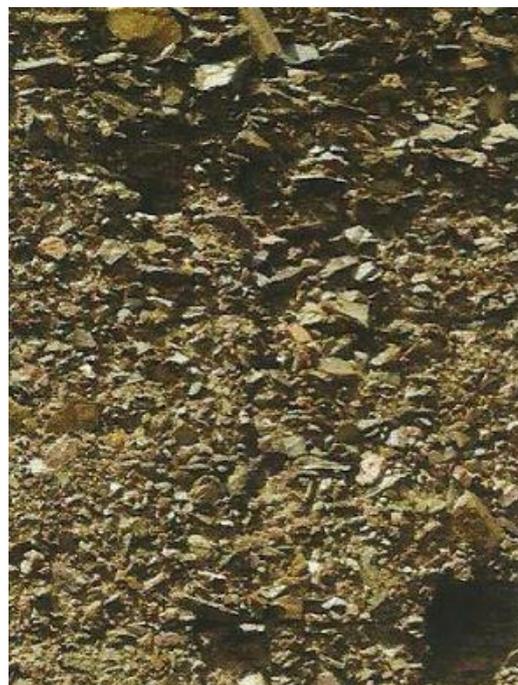


Fig. 63 Pormenor de parede de Taipa

O processo construtivo das paredes de taipa era bastante simples, consistindo na montagem de dois painéis de madeira interligados por um varão ajustável (Taipais) e que definiam a espessura da parede. Após a assemblagem dos taipais era inserida a terra húmida (muitas vezes misturada com talisca e barro para aumentar a consistência e resistência mecânica da parede) e compactada manualmente com um malho (pilão). A parede de taipa tinha que assentar sobre um embasamento de pedra para evitar o contacto com o solo e minimizar a infiltração da água por capilaridade e consequente degradação da parede. Tal como anteriormente referido o reboco demonstra ser fundamental para assegurar a durabilidade da construção. Este poderia ser efetuado em Cal ou Barro. (Ribeiro, 2008, pp. 70-73).

Os Adobes, Tijolos e Tabiques

O Adobe é um tijolo de barro cru e seco naturalmente sem necessitar de cozedura. Por norma a secagem do Adobe era feita a sombra, para que a evaporação da água não ocorresse com demasiada rapidez, evitando assim a retracção do material e consequente fissuração. Estes tijolos eram maioritariamente utilizados na construção de paredes divisórias, devido á sua facilidade de fabrico e baixo custo de produção.

“ Isso já era adobe, as paredes de dentro eram em adobe, também é tudo em terra. A gente chamava-lhe a isso um tabique (...) era feito tudo disso [adobe] e porque não se conseguia fazer taipa fininha.” (Ribeiro, 2008, p. 75).

O *Tijolo de Barro Cozido* foi maioritariamente utilizado na construção de abobadas de fornos, arcos ou golas de portas, janelas, panos de chaminés e pontualmente em zonas que requeriam de um reforço estrutural. Esta técnica não foi muito difundida no fabrico de



Fig. 64 Parede de Adobe com embasamento em Alvenaria. de xisto.



Fig. 65 Tabique Entrelaçado de Cana.

paredes devido ao seu elevado custo de fabrico. O adobe apresentava uma técnica de fabrico simples que passava pela construção de uma forma ou molde em madeira, onde era inserida a terra dando forma ao adobe. Para o fabrico do adobe podiam ser utilizados dois tipos de barro: o barro Branco e Barro vermelho.

O *Tabique* é uma técnica de construção de paredes com recurso a elementos vegetais (madeira e canas) para construção de uma estrutura divisória onde seria aplicado barro ou cal. No Algarve foram identificados três tipos de tabiques predominantes, o *Tabique de Preenchimento* (a estrutura vegetal era preenchida com pedras, pedaços cerâmicos e barro), o *Tabique de Entrelaçado de Cana* (esteira de ripas de cana entrelaçadas e cobertas com argamassa de reboco) e o *Tabique de Esteira* (esteira de canas de secção inteira sustentadas e estruturadas com barrotes). Este último é o mais comum devido à sua facilidade, rapidez e economia de execução. (Ribeiro, 2008, pp. 74-77).

Pavimentos

O Xisto o Sienito, pedra Calcária, Barro Cozido e Madeira são dos materiais mais utilizados (dependendo da abundancia e tipo de matéria prima existente). Existem porém casos em que o pavimento consistia apenas em terra batida, reflexo da precariedade a que algumas famílias rurais estavam sujeitas. O Barro era maioritariamente utilizado nos pavimentos interiores, enquanto o Xisto, o Sienito e a Pedra Calcária eram utilizados, quer nos pavimentos interiores, quer nos pavimentos exteriores.

Xisto, Sienito e pedra Calcária

As calçadas destes materiais podiam ser aplicadas de várias formas, no algarve predominam três tipos de calçada: a *Calçada Irregular*, a *Calçada de lajes* e a *Calçada de Cutelo*.

A *Calçada Irregular de Xisto* é o tipo de pavimento mais difundido na zona serrana da região, executada a partir de pedras não



Fig. 66 Pavimento irregular de Xisto.

lamelares de variadas dimensões, era muitas vezes misturada com seixo branco para efectuar padrões decorativos.

A *Calçada de Laje* era maioritariamente empregue nos espaços habitacionais (interiores e exteriores privados) e executada a partir da utilização de pedras lamelares, também elas de várias dimensões.

A *Calçada de Cutelo* era executada com recurso a pedras de tamanhos e estereotomias aproximadas e era empregue de igual modo nos pavimentos interiores e exteriores das habitações.

Barro Cozido e Madeira

Os pavimentos em *Barro Cozido* eram os menos utilizados devido ao elevado custo de produção, tendo-se apenas generalizado a partir do séc. XX. Estes ladrilhos ou tijoleiras eram de dimensões variáveis, ainda assim os tamanhos mais comuns eram os de 15x15cm, 20x20cm e 15x30cm.

Os pavimentos em *Madeira* eram utilizados quase que exclusivamente nos sobrados e sótãos, consistindo em ripas de madeira dispostas sobre uma estrutura de barrotes de pinheiro ou eucalipto. (Ribeiro, 2008, pp. 78-80).

Coberturas

As coberturas definidas por planos inclinados, de uma ou duas águas são de acordo com o Arquiteto Vítor Pinheiro as coberturas mais comuns na região Algarvia. A cobertura de duas águas era mais utilizada nas zonas de cumeada e as de uma água, acompanhando o sentido da pendente da encosta. Na Mexilhoeira grande devido à sua proximidade com o litoral e elevado nível de saturação e humidade a maioria das habitações apresenta uma cobertura de duas águas. Estas habitações eram geralmente acompanhadas de outra construção (armazém) de uma água (a utilização de cobertura de uma água é referente à maior facilidade de construção e não às condicionantes atmosféricas. As coberturas das habitações apresentavam invariavelmente uma estrutura de caibros de madeira (azinho, pinho e eucalipto), com forro de cana (caniços) e revestidas a telha de canudo de barro cozido com remate exterior em beirado. Estes podiam ser simples ou duplos, sendo os beirados duplos mais utilizados nas zonas de serra devido ao maior índice de pluviosidade.

As platibandas generalizaram-se mais recentemente. (Idem, p.47). As coberturas cónicas são maioritariamente utilizadas em moinhos e palheiros. Estas são também executadas com caibros de formas variáveis provenientes de troncos e ramos de árvores e revestidas com recurso a palha de centeio e outros feixes de vegetação. (Ribeiro, 2008, pp. 82-93).

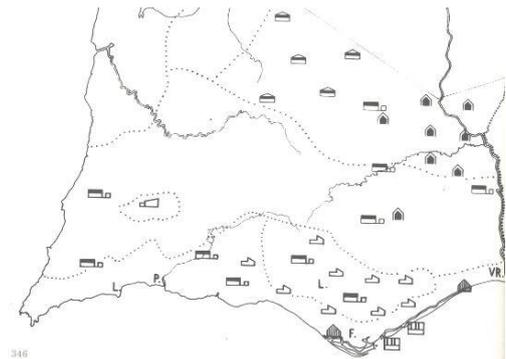


Fig. 3 Tipos de cobertura utilizados no Algarve.



Fig. 4 Coberturas da aldeia de Beliche de Cima, Baixo Guadiana.

Chaminés

As chaminés são um elemento característico da habitação Algarvia, devido principalmente ao desenho do fumeiro. Geralmente estão associadas à cozinha, forno de pão e casa de fogo. Este elemento era variável e um indicador do estatuto económico e social do proprietário. As chaminés podiam ser de Fogo Livre, de Chupão, de Fumeiro com Grelhagens, Rendilhados ou de Balão e compostas pelos seguintes constituintes: pano, fuga dos fumos, fumeiro.

A *Chaminé de Fogo Livre* era a mais predominante nos aglomerados rurais. Consistia numa abertura do caniço, rematada com telhas que permitiam a saída dos fumos e impediam a entrada da chuva.

A *Chaminé de Chupão* localizava-se na parede mestra da habitação ou no canto, era rematada com friso.

A *Chaminé de Pano* mais desenvolvida, era associada geralmente a habitações mais abastadas, possuía coluna de fumo (pano) em alvenaria de tijolo maciço como remate do caniço e culminava no fumeiro. (Ribeiro, 2008, pp. 94-103).



Fig. 67 Chaminé de Fumeiro de Grelha



Fig. 68 Chaminé de Fumeiro de balão.

Argamassas

A Argamassa é a mistura homogênea de agregados, composto pelo ligante, agregados e água, podendo também ser introduzidos aditivos e adjuvantes. As argamassas possuem propriedades de aderência e endurecimento, podendo ser utilizadas para assentamento ou revestimento. Os ligantes mais utilizados no fabrico das argamassas tradicionais são a argila, cal aérea e cal parda. Estes eram utilizados devido à sua forte capacidade de goma. À cal aérea eram frequentemente adicionados pó-de-tijolo, argilas brancas cozidas ou cinzas para melhorar o endurecimento. O pó-de-tijolo, fibras vegetais ou pelos de animais eram adicionados com o intuito de conferir à argamassa mais coesão, aderência e resistência mecânica. O azeite ou óleo de linhaça, sebo ou banha de porco e cera de abelha eram adicionados para conferir as argamassas de revestimento melhores características impermeabilizantes.

Embora as argamassas de assentamento não requeressem de um grande cuidado de aplicação, as argamassas de revestimento requeriam uma enorme minúcia na sua aplicação, sendo executadas por camadas sucessivas de diferentes espessuras (mais grossa próximo da parede, mais fina no exterior), diminuindo assim a capilaridade da argamassa e fendilhação do revestimento sem comprometer a permeabilidade ao vapor de água (salpisco, encasque, emboco e barramento). Esta técnica era aplicada pelo mestre escaiolador, responsável pelos acabamentos (barramentos, fingidos, esgrafitos, grafitos, estuques e trabalhos de massa). Após o barramento, as habitações eram caiadas adicionando uma última camada de proteção. Este processo era repetido geralmente de dois em dois anos.

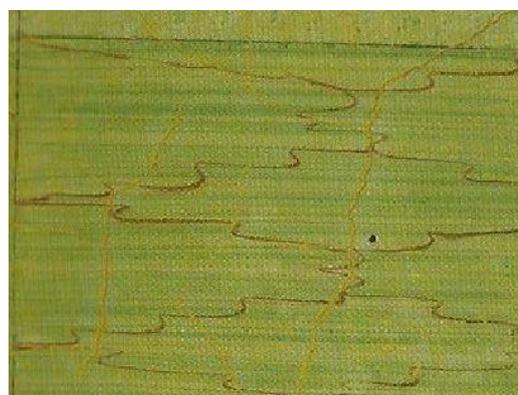


Fig. 69 Técnica de Fingido.



Fig. 70 Técnica de esgrafito.

Acabamentos

A *técnica de Fingido* consistia na simulação de materiais de difícil aquisição (mármore, madeiras, etc.).

A *técnica de Esgrafito* consistia em arrancar a última camada de revestimento, deixando um “negativo” decorativo. Era efetuada nas zonas de remate (cunhais, pilastras, ombreiras e cantarias).

A *técnica de Grafito* consistia na inscrição de um ornato sobre uma superfície de argamassa ainda fresca. Estes ornatos podiam ter motivos naturalistas ou geométricos.

A técnica de Massa era executada, como o próprio nome indica, a partir da adição de massa a fresco ou semi fresco. Esta técnica recorria a moldes de madeira que formulavam o desenho compositivo da fachada.

“Aquele trabalho que eu ali fiz (...) e o trabalho era sempre pago no fim e com a comida dos dias la passados. Pois o patrão (...) dava laranjas para a gente comer. Passava um dia laranjas, e um outro dia e ... laranjas (...) ó depois, ao chegar à compostura da platibanda, nós fazíamos uns desenhos que gostávamos muito de fazer que eram umas plantinhas com umas folhas-mas a gente, a cobrar aquilo, já no ultimo dia, fizemos claro...umas laranjas.” (Idem, p. 116).

A *técnica de Caição* é uma técnica de pintura em cal, de baixo custo e de fácil aplicação, geralmente efetuada por mulheres. Era executada no mês de Maio (mês de pouca chuva e ameno) e requeriam uma renovação bianual. Ao leite de cal utilizado nas caições podiam também ser adicionados pigmentos, conferindo assim a coloração pretendida. A caição é a técnica de pintura mais aconselhada para a arquitetura tradicional, permitindo a respiração da parede e evita o fissuramento e retração da parede. (Idem, pp. 104-116).

Caixilharias

A habitação rural Algarvia, seja ela em alvenaria de pedra ou taipa é caracterizada pela pequena quantidade de vãos e pelas suas reduzidas dimensões. A partir do levantamento e análise de comunidades Algarvias o Arquiteto Vítor Ribeiro identificou quatro grandes tipos de caixilharias de madeira, referentes a janelas e portas, nomeadamente a *Caixilharia Simples*, a *de Postigo*, a *de Postigo Envidraçado* e a *de portas Engradadas Almofadadas*.

A *caixilharia Simples* pensa-se que terá sido também a primeira, anterior á generalização do vidro e constituída por um simples taipal ou painel. No caso das portas, a caixilharia simples

poderia ser dividida na zona central (vertical) permitindo uma abertura autónoma da parte superior para iluminação e ventilação

Na *caixilharia de Postigo* era aberto um pequeno postigo. Este poderia ser sem vidro (após generalização do vidro) ou após a generalização do vidro ter este elemento adicionado pelo interior.

A *caixilharia de Postigo Envidraçado* insere-se na tipologia de portas e janelas engradadas (armação totalmente visível). Nesta caixilharia os postigos envidraçados eram executados de raiz na própria caixilharia e protegidos por um taipal ou painel de madeira interior.

As *caixilhariás Engradadas* eram muito semelhantes á caixilharia de postigo envidraçado, diferenciadas pela guarnição de cantaria de pedra calcária. (Idem, pp. 118-133).

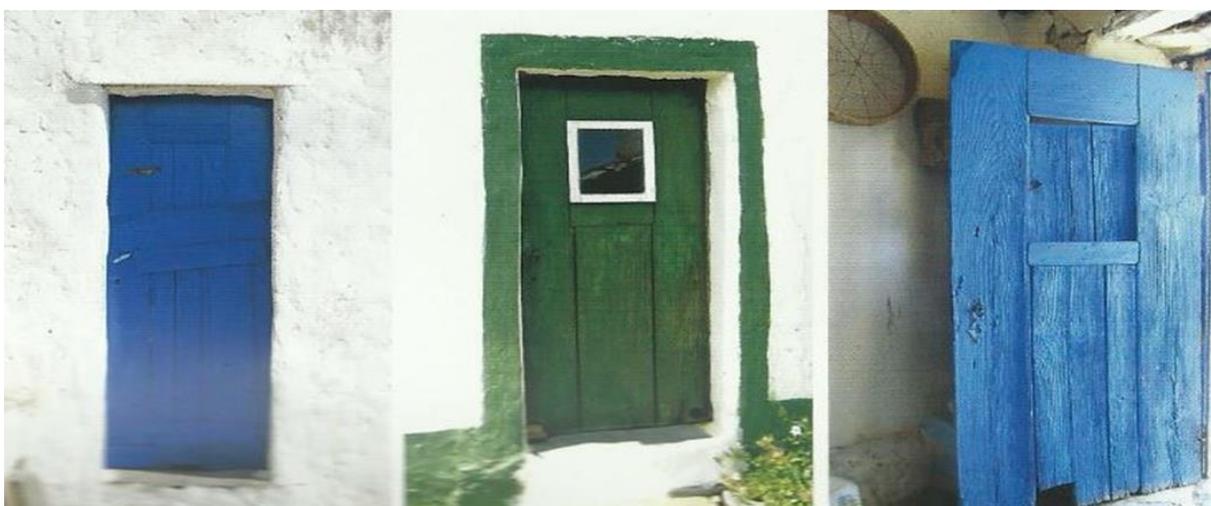


Fig. 71 Porta de taipal de madeira. Fig. 72 Porta de postigo de vidro. Fig. 73 Porta de Taipal interior.

Ao analisarmos os elementos estruturantes de aldeia rural, respetivo edificado, matérias-primas e técnicas construtivas, constatamos que o desenvolvimento destes povoados assentou no funcionalismo. Estes não seguem uma regra ou traçado, mas sim uma necessidade. Necessidade essa que dita a ocupação, disposição e articulação das várias células no território sempre em concordância com a distribuição dos recursos naturais presentes. A habitação rural sofre alterações, adequando-se ao crescimento familiar e às várias atividades agrícolas e pastorícias. Consequentemente constata-mos que na sua

generalidade a habitação rural possui uma pluralidade funcional singular, afastando-se da atual tipologia habitacional. A “casa de fora” e a “casa de dentro” surgem em concordância com o seu carácter multifacetado, prevendo uma deslocalização funcional, tal como o aproveitamento dos espaços sobrantes da cobertura (sobrado e sótão) para armazenamento de matérias e produtos. Os restantes elementos estruturantes (noras, poços, currais, galinheiros, telheiros, etc.) surgem como células funcionais complementares a estrutura rural, ativadas com o propósito de servir as atividades agro-pastorícias e tal como os telheiros ocupando secções estratégico-geográficas que permitem uma melhor e mais fácil exploração dos recursos disponíveis e demonstram um profundo conhecimento do território por parte dos seus ocupantes e possibilitando um desenvolvimento sustentável e operativo quase que intuitivo e formulado a partir do conhecimento empírico. Na aldeia rural, o que à primeira vista nos parece desconexo e casual, fomentado por um desenvolvimento pouco estruturado, acaba por ser exatamente o inverso, reafirmando o homem rural enquanto detentor de um conhecimento profundo, lírico, sustentável e uma lógica a nível da gestão dos seus recursos. Podemos afirmar que a aldeia rural é indivisível do seu território, tornando-se por esse motivo a base do conceito organicista. O organicismo no seu estado mais puro e instintivo. Este organicismo, condicionado pelos recursos e otimizado pelo viver humano, insere-se na paisagem em vez de ocupar o território conferindo as formas puras e simples da arquitetura vernacular um carácter intemporal formulador da identidade do território.

7 Organicismo

Segundo o autor Josep Montaner, a Arquitetura Orgânica baseia-se na relação entre a natureza e a máquina, ou seja, não existe a “ *[contradição entre natureza e máquina, sendo por sua vez conferida uma natureza orgânica à máquina, transformando a máquina e a natureza em aliadas]* (Montaner, 2011, p. 35) ”. Partindo da exploração destas relações entre natureza e máquina, o organicismo pretende a definição de um espaço arquitetónico moderno, sensitivo, que seja percebido de uma forma singular e que o mesmo não seja indiferente ao lugar que o “acolhe”, compreendendo os aspetos climáticos, topográficos, materiais, bem como vistas, paisagem, os valores culturais e sociais, denominados por Montaner como “ *[os valores psicológicos de percepção em que o objeto se localiza]* ”. (Montaner, 2011, pp. 35-39). Por sua vez Juhani Pallasmaa no seu livro “Os olhos da pele” (2011) refere-se à arquitetura enquanto “[...] uma extensão antropogénica, fornecendo as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo. Ela não é um artefacto isolado e independente [...] A Arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo[...] reforço de identidade pessoal.” (Pallasmaa, 2011, p. 39). A partir das premissas lançadas pelos autores anteriormente referidos, concluímos que a Arquitetura Orgânica fomenta a interação entre o Homem e o Lugar, permitindo a percepção multissensorial do ambiente por parte do seu utilizador contrariando o “[...]autismo arquitetónico, um discurso internalizado e autónomo que não se baseia em nossa realidade existencial compartilhada.” (Pallasmaa, 2011, p. 32). Este movimento

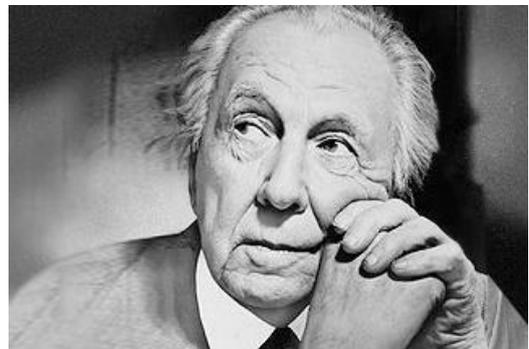


Fig. 74 Retrato de Frank Lloyd Wright.



Fig. 75 Frank Lloyd Wright com seus alunos em Taliesin East (1936).

Arquitetónico iniciou-se no início do séc. XX, tendo sido fortemente influenciado pela arquitetura oriental. Esta viria a influenciar arquitetos como Frank Lloyd Wright Gunnar Asplund e posteriormente Alvar Aalto, considerados todos eles como os “primeiros arquitetos” do movimento Organicista Moderno. Na presente dissertação serão apenas analisadas as obras e filosofia de Frank Lloyd Wright, devido ao seu contributo teórico e à relação única dos seus projetos com a paisagem, que conferem uma dimensão intemporal as suas obras. Wright explorava as relações singulares entre o edificado e a paisagem formulando um todo orgânico. Basicamente Wright defendia que a casa deveria focar-se no ser humano e no seu bem-estar físico e emocional, a partir do estudo do território e de seu carácter, de forma a adequar a construção à realidade do Lugar. Neste capítulo serão abordados os ideais organicistas de Frank Lloyd Wright, abordando o tema de uma forma sintética, não sendo focados todos os casos específicos, devido à enorme extensão e complexidade das suas obras e também porque de acordo com as afirmações de Wright “cada obra contém a sua própria gramática”.

Frank Lloyd Wright nasceu na cidade de Richland, Wisconsin, E.U.A, em 1867. No Ano de 1887 tornou-se colaborador de Silsbee and Soon como desenhador e supervisor de obra. Wright manteve-se neste atelier por um curto período, antes de ingressar no atelier de Louis Sullivan e Dankman Adler. Wright passou grande parte do período de 1909 a 1910 na Europa, onde publicou o seu Wasmuth Portfolio, que continha uma grande quantidade dos seus projetos. No período de 1916 a 1922 Wright passou longas temporadas no Japão, onde trabalhou no projeto do Hotel Imperial em Toquio. Wright projetou cerca de 1000 edifícios, tendo sido executados cerca de 400. O Arquiteto viria a falecer em 1959.

Frank Lloyd Wright “guiado” pelo princípio do *Genius Loci*, expressou uma abordagem ideológica e conceptual que definiu a sua linguagem arquitetónica. Esta linguagem assentava nos seguintes pontos:

1. A residência adequava-se a um cliente específico e regia-se de acordo com a sua personalidade;
2. Tirava-se partido dos elementos naturais (exposição solar, ventos predominantes, etc.);
3. O edificado devia interrelacionar-se com a natureza;
4. A composição geral devia seguir uma relação harmónica entre os elementos constituintes (escala, cor, forma, textura, etc.);

5. O projeto devia possuir uma *Hardscape* (referente ao ambiente construído, áreas pavimentadas como ruas e calçadas, estruturas, paredes, piscinas e fontes relacionada com conceito do projeto – Mobiliário exterior, Pavimentos, estacionamento, etc.);
6. O projeto devia possuir uma *Softscape* (referente aos elementos vivos – *Softscaping*-tais como flores, plantas, arbustos, árvores, etc.) relacionada com o lugar e suas características;
7. As extensões arquitetônicas (varandas, pátios, sacadas, etc..) deviam ser projetadas com o intuito de fomentar a interatividade entre interior e exterior;
8. Devia ser mantido o “senso de lugar”, ou seja, o lugar devia ser experienciado enquanto atmosfera, através da exploração dos sentidos (texturas, cores, cheiros, etc.). (Aguar, 2002, pp. IX-XVIII).

Durante o seu percurso profissional, podem ser identificadas três fases relevantes no seu trabalho: a primeira fase destaca-se pela construção das suas Prairie Houses, a segunda fase correspondente aos seus múltiplos projetos organicistas e a terceira fase está relacionada com as Usonian Houses, que se complementam com o projeto de Broadacre City. Frank Lloyd Wright era um defensor acérrimo da interação entre o ser humano e a natureza. Este acreditava que a proximidade do homem com a natureza era imprescindível para o seu bem-estar físico e espiritual, referindo-se à natureza enquanto uma “entidade mística” indispensável para uma vida saudável. Consequentemente os seus projetos procuravam esta relação, integrando-se na paisagem, respeitando o território. A busca incessante pela “naturalização” da Arquitetura levou inevitavelmente à formulação do conceito organicista, que compreendia acima de qualquer outro o respeito pela natureza e que a partir dessa premissa a viria a conjugar com o habitar humano com o intuito de responder às carências habitacionais.

“ [...a amálgama de critérios que cria esse espírito do lugar deve ser, em maior ou menor grau, inerente em cada propriedade projetada por Frank Lloyd Wriqth.]”
(Aguar, 2002, p. IX)

Outra das características da sua obra prende-se ao respeito pelos valores humanos, aos quais o próprio se referia por “Humanidade” na arquitetura, sendo que nas suas construções o homem ocupava o papel central.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

“ [Tal como a arquitetura orgânica, a qualidade da Humanidade é inerente ao Homem (...) a luz pertence à natureza tal como a luz interior pertence ao espírito humano: a luz Humana.]” (Sacriste, 1976, p. 37).

Constatamos então que este binómio formado pela preocupação com a envolvente natural e o princípio humano da arquitetura pretende a partir do respeito pelo planeta, assegurar a existência humana e sua humanidade, sendo que segundo o próprio arquiteto a manutenção da humanidade prende-se à uma vida emocionalmente e fisicamente saudável, apenas alcançada pela interação entre homem e a natureza. Tendo como ponto de partida estas premissas Wright começou a moldar a sua linguagem arquitetónica. Esta surgiu em parte como crítica aos edifícios projetados pelos seus contemporâneos e assentava nas alíneas seguintes:

- [“Aos edifícios modernos falta o sentido de conjunto.”]
- [“O sentido da terra (topografia) e do crescimento.”]
- [“O sentido dos materiais.”]
- [“ O sentido de espaço.”]
- [O sentido de proporção.”]
- [“O sentido de ordem.”]
- [“Os fins e os meios, relacionados com a técnica.”] (Sacriste, 1976, pp. 56-57).



Fig. 76 Vista Taliesin West (1937).

A partir destas premissas, Wright definiu a aproximação e circulação entre os espaços habitacionais. Esta era feita de forma gradual, definindo um percurso dentro da própria habitação, auxiliando na definição de espaços diferenciados (quer por materiais, quer pela espacialidade singular). Este “percurso interior” mantinha um diálogo permanente com a paisagem, sendo que a relação interior/exterior encontrava-se sempre presente no seu discurso arquitetónico, estabelecendo assim um

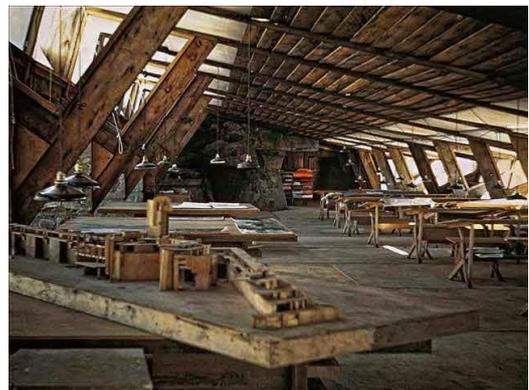


Fig. 77 Vista Interior Taliesin West Studio (1937).

prolongamento, quer do espaço interior relativamente ao exterior, quer do espaço exterior relativamente ao interior, ou seja, a casa assumia-se como uma “continuação da paisagem” e vice-versa. Wright defendia também um uso inteligente da topografia, por exemplo na casa Taliesin East (1911), Wright tira partido do declive natural, possibilitando várias aproximações à paisagem, permitindo a contemplação da mesma de uma forma mais dinâmica e viva, descodificando todos os elementos constituintes da paisagem, conjugando-os e formulando um todo entre o “homem e o seu elemento” (Sacriste, 1976, pp. 56-59). Em Taliesin West (1937), no deserto do Arizona, Wright pediu aos seus aprendizes que desenhassem os seus próprios módulos habitacionais, conferindo ao projeto um carácter dinâmico e assimétrico, segundo o próprio arquiteto “[...] a simetria óbvia iria reclamar muito, eu acho, o óbvio cansa o olho rapidamente. Então eu senti, que não poderia haver simetria óbvia em qualquer edifício no grande deserto] ” (Robert M. , Frank Lloyd Wright, 2005, p. 144). As linhas horizontais de Taliesin West assim como as cores e materiais levavam que o edifício se “camuflasse no deserto. Wright utilizou também em Taliesin West enormes pedras provenientes do local com antigos símbolos nativos. Também neste projeto identificamos opções construtivas singulares, opções essas tomadas devido as características únicas do lugar, tais como a utilização de telas (películas que permitem a passagem de luz) em vez de janelas de vidro. Estas devido as suas características possibilitavam a iluminação difusa e uma melhoria significativa a nível térmico, ou seja o clima do deserto influenciou diretamente o resultado final do projeto. Na Casa Kaufmann (Casa da Cascata 1936) Wright contraria a abordagem inicial de contemplação da cascata, consequentemente afastando o edifício da mesma para que desde a habitação a



Fig. 78 Kaufmann House (1936).



Fig. 79 Kaufmann House, entrada (1936).

água pudesse ser contemplada. Implanta o edifício sobre a cascata. O seu intuito passa por adicionar a cascata à habitação, levando o ocupante a habitar a cascata, rejeitando o sentido da distancia (visão) e concedendo ao habitante, a casa como uma extensão da cascata, uma vez que a audição é a ação centralizadora que afeta o senso de cosmos do Homem, tal como defendido por Juhani Pallasmaa (Pallasmaa, 2011, p. 46). Ainda assim Wright define percursos interiores, que remetem para perspectivas únicas e envolventes, possibilitadas pelos inúmeros pontos de observação. Por todos estes motivos esta obra proporciona uma experiência significativa e não simplesmente a cristalização de uma imagem, levando a que a floresta envolva o edifício de uma forma multissensorial a partir de uma panóplia de estímulos que conseguem efetivar a realidade dos espaço e incorpora-lo no mundano (Robert, 2005, pp. 144-211). A obra de Wright é definida pela sua percepção da paisagem. Enquanto que na Casa da Cascata (1936), foi criado um diálogo entre arquitetura e natureza, com a casa a crescer diretamente da sua topografia e do terreno, procurando contrariar a sua gravidade e entrosando-se com a floresta e a cascata, em Taliesin West Wright recriou a relação cosmológica com o habitante, estabelecido pelos nativos Americanos, bem como a estruturação e importância de materiais e desenho complementares às características climáticas do lugar.

Os projetos de Frank Lloyd Wright não seguiam uma normativa conceptual, mas sim um conjunto de princípios de ação que obrigatoriamente corresponderiam aos critérios da paisagem, segundo o próprio Wright [“Qualquer edifício moderno desconectado da terra carece de época.”]. (Sacriste, 1976, p. 72). Wright afirmava que as suas obras inspiravam-se invariavelmente pelo lugar, naturalmente o lugar, a topografia e a sua atmosfera eram os principais condicionadores e intervenientes no projeto. É esta percepção territorial e o respeito pelo lugar, um dos aspetos dominantes e climáticos da arquitetura. A obra de Wright é definida pela sua percepção da paisagem, tomando como a exemplo a Casa da Cascata (1936), esta demonstra o diálogo estabelecido entre arquitetura e natureza, com a casa a crescer diretamente da terra, procurando tal como o Wright afirma no conceito dos seus edifícios [“Um edifício deve ser digno como uma árvore no meio da natureza.”] (Sacriste, 1976, p. 72).

Relativamente aos materiais Wright defendia que estes deveriam ser utilizados e vistos de uma forma honesta, ou seja, “ver o ladrilho como ladrilho” (Sacriste, 1976, p. 73). Os materiais deveriam ser utilizados e ser apresentados de acordo com as suas características primordiais, logo Wright opunha-se à alteração dos materiais, afirmando que os materiais deveriam ser utilizados de acordo com as suas particularidades de uso e definidos pela sua própria

natureza. Os materiais deviam também provir das imediações, mantendo a identidade material e visual do território e conseqüentemente integrando-se no todo natural, personificando a paisagem cultural encontrada. (Idem, pp. 73-74).

Wright defende a arquitetura orgânica enquanto um ideal inalcançável, uma vez que o conceito organicista por si só assume-se enquanto um elemento antagónico ao orgânico, por outras palavras, o orgânico é mutável e em constante processo de desenvolvimento e crescimento, enquanto a arquitetura “artificial” no seu processo criativo, jamais conseguirá atingir a dimensão e a complexidade orgânica. A arquitetura orgânica é um ideal, uma arquitetura profunda, consciente e bem definida, detentora de propriedades e características passíveis de serem identificadas e que permitem a compreensão da sua natureza, paralelamente devem ilustrar a do lugar e complementa-lo. O denominador comum à arquitetura orgânica é sem qualquer dúvida o carácter natural e o reflexo que este tem na definição arquitetónica dos elementos construídos, sendo assim, a mutabilidade organicista detém um carácter diferenciado do elemento orgânico, este é por si só complexo, singular e mutável, já a arquitetura orgânica retira a sua complexidade, mutabilidade e singularidade da abordagem conceptual, ou seja, as características projetuais, os princípios de desenvolvimento do desenho, os materiais, as escolhas projetuais e soluções apresentadas surgem de acordo com as características do lugar e variam de acordo com o mesmo. Enquanto o *Genius Loci* define o espírito do lugar, correspondendo ao carácter retido no mesmo, a arquitetura orgânica permite a manutenção do mesmo, logo o organicismo é um ideal complementar ao *Genius Loci*, no sentido em que possibilita o *Stabilitis loci*.

“ Os velhos de há 100 anos lamentavam os tempos de há dois séculos, e os velhos de há 200 anos suspiram pelos bons tempos de há três séculos: nada nos leva a querer que um velho qualquer tenha alguma vez declarado satisfação pelo estado das coisas no seu tempo próprio...” (Tanizaki, 2010, p. 74).

Esta citação de Shunijiro Tanisaki **remeto-nos** para a busca do antigo. Este constante querer pelo reviver do passado pode eventualmente levar a uma replicação do lugar, ou seja, ao oposto do orgânico e ao congelamento do carácter do lugar, passando o lugar a permanecer enquanto uma ideia romântica proveniente do passado. É neste sentido que a arquitetura orgânica permite o *Stabilitis Loci* e a conseqüente manutenção de um *Genius Loci* adequado à sua época e por esse motivo representativo dos seus habitantes. A arquitetura Orgânica analisa e avalia a essência, os elementos descodificadores do espírito do lugar. Por cada lugar

apresentar um diferente carácter o processo conceptual da arquitetura orgânica irá também a **arquitetura organicista** apresentar diferentes soluções, sem que no entanto caia no erro da repetição mimética.

"[Mesmo com alta tecnologia moderna queremos que as "tradições japonesas invisíveis estejam presentes.]" Kisho Kurokawa (Wachtmeister, 2003)

A partir da conjugação das técnicas tradicionais e contemporâneas, é possível definir uma abordagem híbrida, possuidora dos vários decodificadores simbólicos pertencentes ao lugar e a sua leitura contemporânea. Segundo Wright a palavra integração é aquela que melhor descreve o ideal organicista, partindo da premissa que nada possui significado ou valor, exceto se relacionado com o todo, permitindo assim a definição de uma única e verdadeira entidade. Esta vertente funcionalista da Arquitetura Organicista distingue-se da Arquitetura Funcionalista por defender que a forma e função são uma só, facilitando assim a inserção do edificado na paisagem. Este facto confere ao arquiteto organicista uma dimensão mais complexa, já que enquanto o projeto funcionalista define a função como principal reagente na composição arquitetónica, na Arquitetura Organicista a forma e função conjugam-se, inserindo a função e a composição arquitetónica na paisagem, formando um todo indivisível. (Sacriste, 1976, pp. 96-97). Segundo o antropólogo Edward T. Hall, o sucesso da arquitetura de Frank Lloyd Wright deve-se à sua diversidade sensorial e espacial, levando o indivíduo a uma experiência visual, cinestésica e tátil, transportando-o para um mundo diferente ou reconhecível, mas em ambas as situações sempre representado e "visível". (T.Hall, 1989, pp. 65-68).

"Wright visava apenas magnificar a experiência do espaço provocando uma relação direta e pessoal direta do visitante com as superfícies do seu edifício" Edward T.Hall – referente ao Hotel Imperial de Tóquio. (T.Hall, 1989, p. 65).

Este envolvimento cinestésico, visual e tátil deriva da essência arquitetónica oriental, quer a relação com a identidade e paisagem, quer o envolvimento por parte do indivíduo. Tal como referido por Juhani Pallasma, esta fenomenologia dos sentidos confere outra dimensão sensorial à arquitetura, transformando um elemento estático num elemento "orgânico" que permite o envolvimento do indivíduo e a sua descoberta por parte do mesmo, abordando a arquitetura como "uma extensão do indivíduo" enquanto parte integrante da sua identidade.

8. Projeto

8.1. Albergue de Juventude - Unidade Hoteleira

O Albergue e Clube Naval pretendem a reinterpretação da arquitetura vernacular, tendo como ponto de partida a estruturação das aldeias rurais, bem como alguns elementos construtivos e materiais. A aldeia rural “nasce” perto das suas matérias-primas e paralelamente às suas atividades económicas e de subsistência. Consequentemente o conceito passa por fomentar o aproveitamento das dinâmicas naturais e económicas existentes na Ria de Alvor e tal como os princípios fundiários da ocupação Humana na Mexilhoeira Grande, tirar partido do seu posicionamento numa zona de charneira entre a Ria e a Península da Rocha, interligando as zonas e suas atividades.

O Albergue localiza-se numa zona desprovida de dinâmicas urbanas, logo o princípio de projeto passa por fazer com que o Albergue e Clube Naval atuem como catalisadores, oferecendo novas dinâmicas enquadradas com as características do local. Por esse motivo torna-se essencial relacionar os diferentes sistemas, estabelecendo uma interconectividade espacial entre estes mesmos sistemas e suas atividades.

A nível da circulação o Albergue é composto por três zonas distintas:

1. O acesso viário em gravilha reinterpreta a eira rural (fig.80) a vermelho (3) (com o intuito de evitar impermeabilização do solo e a utilização excessiva de materiais prejudiciais ao meio ambiente), encontra-se a uma cota mais baixa do que o Albergue e deque de circulação pedonal, evitando a “infiltração” visual destes agentes e dá acesso ao parque automóvel com capacidade para 32 veículos ligeiros.
2. O deque em madeira forma uma transição entre a zona rural da Quinta da Rocha (fig.80) a azul (2). Este permite a circulação pedonal, o acesso ao Albergue/receção e restaurante e o acesso ao Clube Naval. O deque permite também uma deslocação fluida e permite a observação da Ria de Alvor a Oeste, ao mesmo tempo (devido à cota mais elevada) omite o estacionamento automóvel, minimizando assim o impacto visual dos veículos na paisagem circundante.
3. O deque em madeira de circulação e acesso aos quartos (fig.80) a verde (1). Serve os ocupantes do Albergue, permitindo o acesso aos quartos e às duas salas comuns. O

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

de que assume uma forma contínua circunscrevendo uma “praça natural” (composta por pomares, hortas, etc.) privada. Esta para além de conferir à zona de quartos uma maior privacidade, atua também como *buffer*, minimizando o impacto sonoro das atividades próximas à Ria.

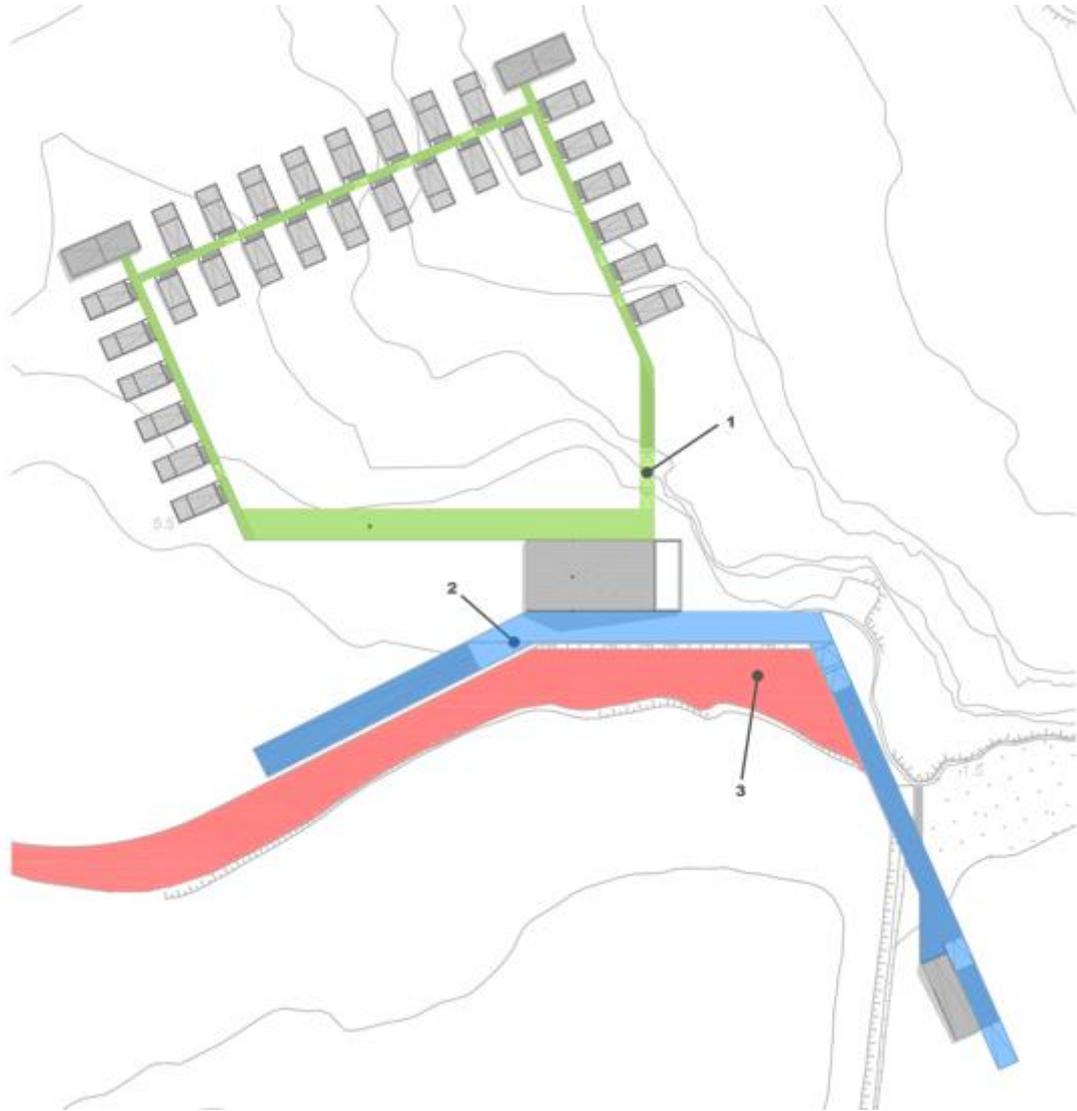


Fig. 80 Acessos e circulação. Acesso viária e estacionamento (1), deque de transição e acesso Albergue (2), deque acesso privado aos quartos (3).

Tal como na arquitetura vernácula, o edificado situa-se próximo das “matérias-primas” com o intuito de otimizar a funcionalidade dos mesmos. Por esse motivo o edificado que compõe o Albergue desenvolve-se tirando partido das características naturais oferecidas pelo território

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

e assimilando as pré-existências Humanas (fig.81), com o intuito de mais uma vez minimizar o impacto. O edifício restaurante/recepção ocupa a pré existência da Quinta Santa Isabel (composta por uma casa rural com telhado de duas águas e palheiro com telhado de uma água) (4), a zona de quartos ocupa uma zona mais recatada a Oeste, tirando partido da topografia para evitar os possíveis constrangimentos visuais provocados pelos restantes equipamentos (7), já o edificado comum (salas polivalentes) situam-se nas extremidades da zona dos quartos, facilitando o acesso por parte dos hospedes (6) e finalmente o Clube Naval situado na própria Ria estabelecendo uma relação visual e física com a ria. (5).

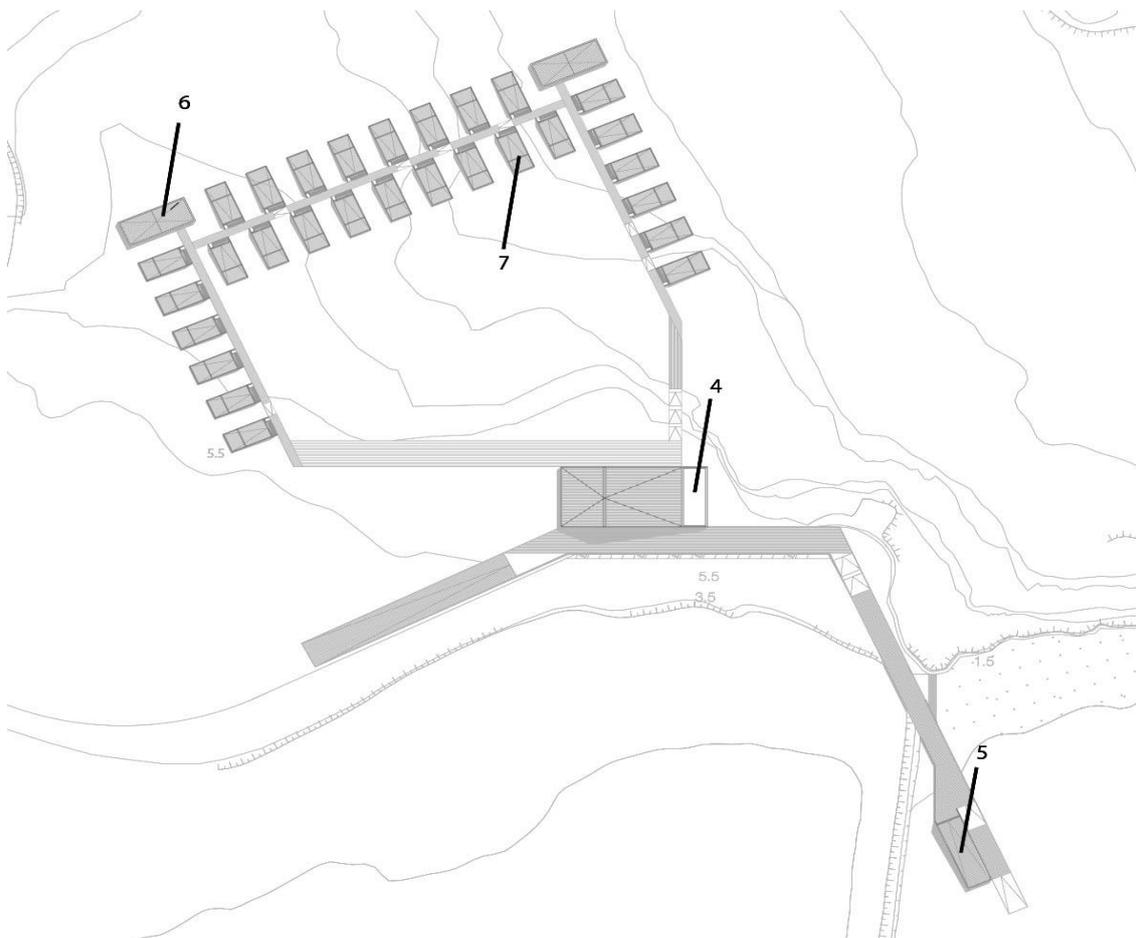


Fig. 81 Edificado de Albergue de Juventude. Sala Comum (6), Quarto tipo (7), restaurante /recepção (4) e Clube Naval (5).

Edifício restaurante/recepção

O edifício restaurante/recepção (fig.81 – 4) apresenta-se como ponto marcante do Albergue. Ocupando a pré-existência da Quinta Santa Isabel, nomeadamente as áreas correspondentes à habitação e palheiro. Como reinterpretação deste edificado, optou-se por desenvolver um “híbrido de três águas”, definido pela agregação dos dois edifícios e originando uma cobertura de duas águas aparente complementada por uma parte acessível (plana) enquanto reinterpretação do sobrado das casa rural (sobrado comunica com a sala de refeições do restaurante e serve como varanda/miradouro). A cobertura “híbrida” contém dois edifícios que interagem e pertencem à mesma forma, ou seja, um único volume aparente que alberga dois edifícios distintos, com um carácter distinto (restaurante e recepção) e que funcionam de forma independente. Do edificado pré-existente, foi mantida apenas a fachada principal, que será utilizada como parede interior do restaurante, definindo a separação entre zonas de serviço e sala de refeições. Esta fachada atua assim como elemento simbólico do *Locí*. A parede original situa-se na parte central do restaurante e simboliza a relação interior/exterior identificada na casa rural a partir dos elementos “casa de fora” e “casa de dentro”. O restaurante possui uma área útil de 280m² e capacidade para 120 pessoas.



Fig. 82 Imagem 3d de edifício Restaurante/recepção.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

A entrada principal é feita a Sul a partir do percurso pedonal que divide os usos do edificado (restaurante recepção) e acede diretamente à sala de refeições do restaurante. O projeto foi definido com o intuito de possibilitar o usufruto das excelentes panorâmicas sobre a Ria, o sapal e as hortas, pelo que o restaurante, varanda e a esplanada têm as aberturas orientadas nessa direção. O espaço interior com 60m², alberga um balcão de atendimento, instalação sanitária, escritório, vestiário para funcionários e zona técnica

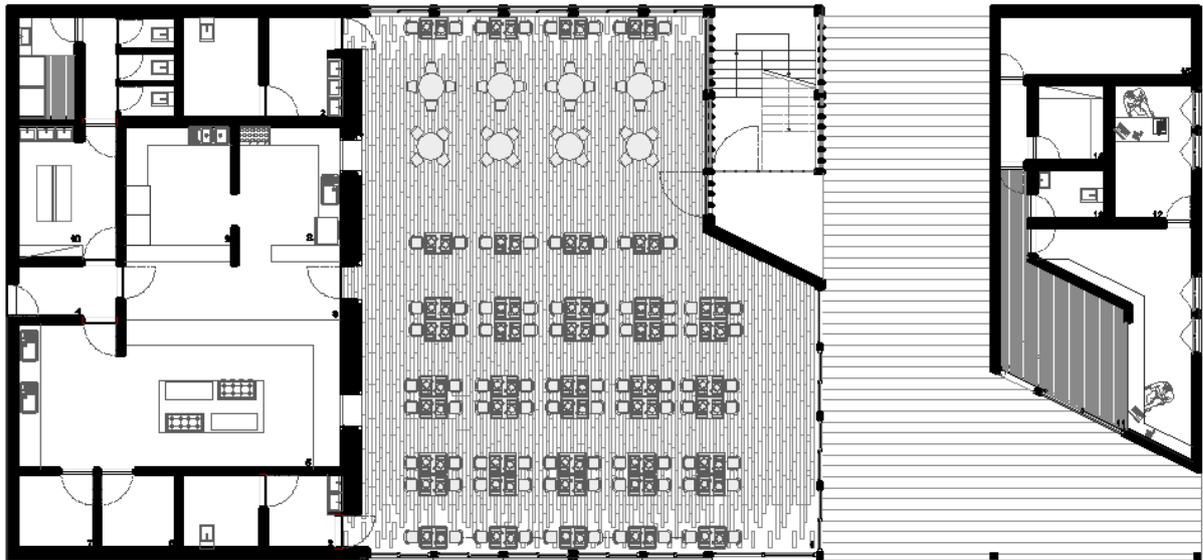


Fig. 83 Planta de piso térreo - Restaurante e recepção.

Materiais:

1. Lajetas de barro “armado” com ripas de madeira de castanheiro (10cmx50cm, 10cmx100cm e 20cmx150cm). Pretende-se a utilização do barro de uma forma semelhante aos pavimentos de madeira, conferindo assim uma maior “profundidade”. O desenho do pavimento pretende simbolizar a desmaterialização do “velho”, ou seja, é o elemento de união entre as duas linguagens (vernacular e contemporânea).
2. Madeira de Azinheira - utilizada para a estrutura e revestimento e madeira de Pinheiro.
3. Cana Vulgar- utilizada entre a cobertura e as asnas e como “moldura” da fachada pré-existente.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

4. Telhas de canudo de barro cozido com forro em caniço - utilizados na cobertura de duas águas (sobrado com pavimento em madeira de Pinheiro).
5. Madeira de Eucalipto – utilizado no Deque exterior (revestimento e estrutura).
6. Granito amaciado preto – utilizado nos pavimentos de zona técnica.

Zona técnica

Situa-se em local estratégico a Norte, facilitando o acesso de mercadorias e evitando assim a passagem pela zona de refeições, com uma antecâmara para receção de mercadorias. A cozinha ocupa a zona Noroeste com uma área de preparação dos alimentos, bancadas diferenciadas para carne, peixe e legumes e zona de lavagem (circuito limpo). Contém duas câmaras frigoríficas, com o propósito de evitar a contaminação por absorção de odores. Possui uma bancada central onde encontra-se embutido o fogão, forno e fritadeira (toda esta zona está protegida com sistemas de extração e filtragem de odores e fumos). A zona técnica é dividida ao centro por um corredor de acesso à sala de refeições. Este corredor permite a circulação entre zona técnica e sala de refeições e comunica com a zona de bar, copa (circuito sujo) e bancada de empratamento da cozinha. A zona técnica compreende também um vestiário para os funcionários. A restante área destina-se a sala de refeições no piso térreo e uma varanda (sobrado).

Módulo/Quarto

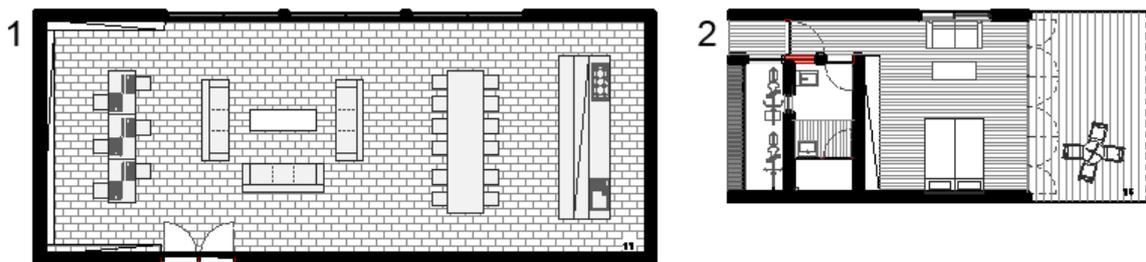


Fig. 84 Plantas de Sala comum de Albergue e quarto tipo. Sala comum (1), quarto tipo (2).

Os quartos estão desenvolvidos a partir da base da aldeia rural. A separação entre habitações e edifícios agrícolas de apoio, embora modulares surgem como construções separadas. O intuito passa por conferir ao hóspede/s um sentido de independência e privacidade e tal como

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

na aldeia rural, ocupar um edifício “seu” agregado a uma estrutura complexa (Albergue), personificando o viver em comunidade. O módulo/quarto possui uma área útil de 55 m², podendo ser ocupado por vários hóspedes simultaneamente, ou seja, o número de ocupantes varia de acordo com a vontade do seu ocupante, mais uma vez remetendo para a habitação rural e para a sua adequação às necessidades diárias (adição de quartos, etc.). Cada módulo/quarto possui uma instalação sanitária privada, armário e zona de arrumos exterior para bicicletas.

Materiais

1. Pavimentos de madeira de Pinheiro
2. Madeira de Azinheira - utilizada para a estrutura e revestimento e madeira de Pinheiro.
3. Telhas de canudo de barro cozido com forro em caniço - utilizados na cobertura de duas águas (sobrado com pavimento em madeira de Pinheiro).

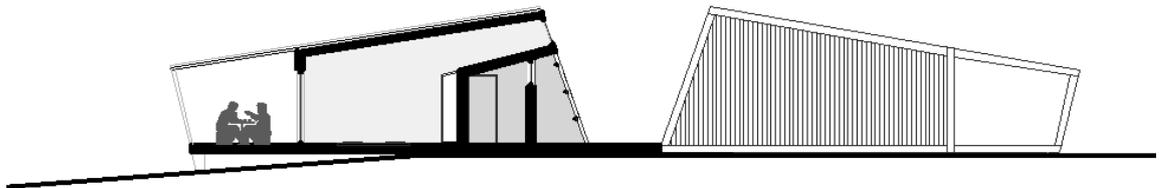


Fig. 85 Corte de módulo/quarto.

Clube Naval

A Ria de Alvor apresenta condições únicas para a prática de desportos náuticos de recreio. O edifício que se propõe como Clube Naval deverá servir para formação de atletas e promover a prática de desportos náuticos, nomeadamente a canoagem, Kitesurf e windsurf, assim como o desenvolvimento do turismo desportivo, complementar às restantes estruturas do Parque Agro-Patrimonial.

O projeto possui uma área útil de 195m² e 195m² destinados ao armazenamento de embarcações e material logístico. Inclui um espaço que permitirá a prestação de um conjunto integrado de serviços aos atletas e turistas, ao nível da assistência às embarcações e

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

disponibilizará de condições logísticas para a permanência de embarcações), recepção, vestiários (masculino e feminino), sala de arrumos e sala de *briefing*. A nível da fachada procura a reinterpretação da métrica utilizada nos *tabiques simples* de cana tradicionais.

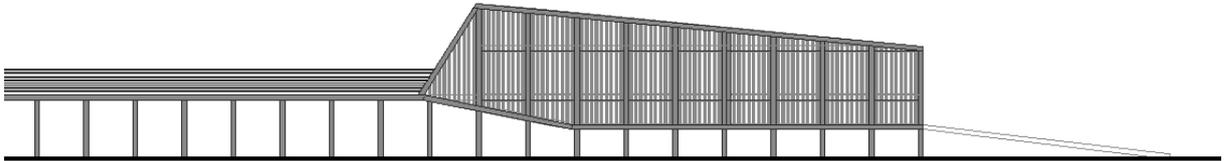


Fig. 86 Alçado de Clube Naval (alçado Q).

8.2. Centro de Interpretação e Conservação de Património Rural

O Centro de Interpretação de Património Rural, ao contrário do Albergue de Juventude, surge com um contexto maioritariamente cultural, com o propósito de promover a preservação do património natural e cultural, bem como a dinamização da Freguesia da Mexilhoeira Grande, afirmando-se como a maior referencia edificada dentro do Parque Agro-Patrimonial. A sua linguagem arquitetónica debruça-se sobre a transparência na arquitetura vernacular, ou seja, na sua materialidade e percepção da mesma. A natureza dos materiais, suas várias camadas compositivas, quer à escala da aldeia rural, quer à escala habitacional, definem a arquitetura vernacular. Consequentemente a arquitetura vernácula é mais do que uma arquitetura de “desenho”, é uma arquitetura de materiais, que nos mostra camada após camada a sua constituição e estrutura fundiária. Tendo esta premissa como ponto de partida, o projeto foi primeiramente desenvolvido com intuito de interligar o território tornando-o “transparente” ao visitante, ou seja, “tornar o território visível” a partir das relações visuais e dinâmicas de proximidade e de uso com a paisagem, servindo sempre a estrutura geral do Parque Agro-Patrimonial (fig.87).

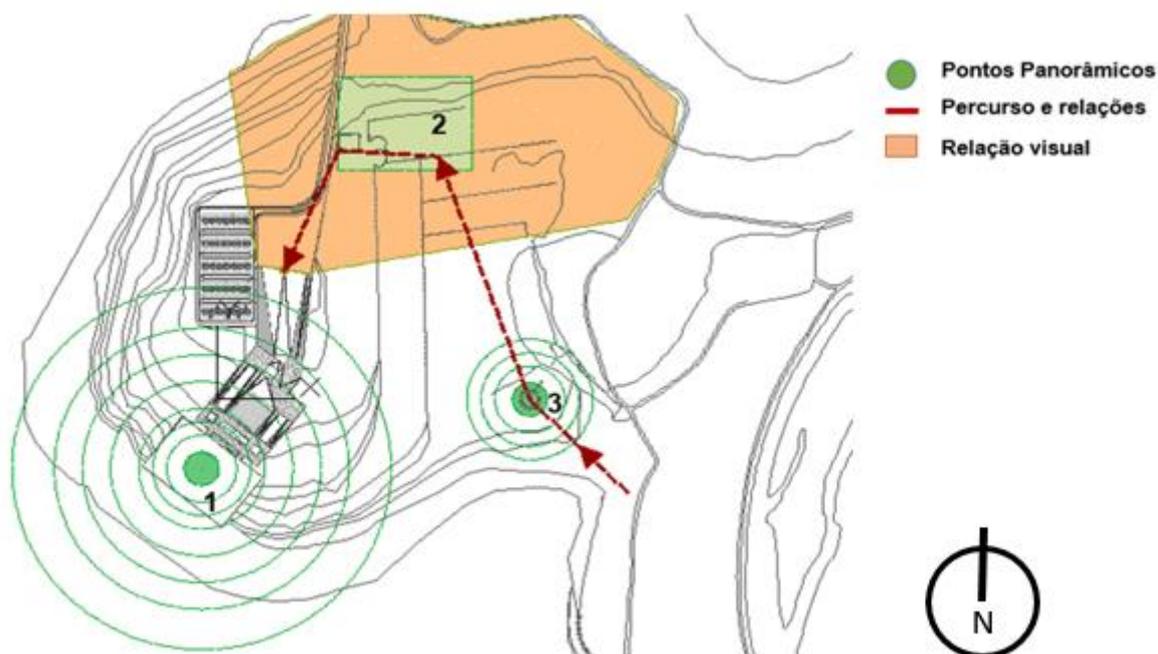


Fig. 87 Dinâmicas visuais e percurso. Centro de Interpretação e Conservação de Património Rural (1), Parque de Merendas (2) e Observatório de Avifauna (3).

O edifício ocupa a pré existência da vacaria da Abicada, com o intuito de mais uma vez minimizar o impacto ambiental e devido à sua proximidade com as ruínas da *Villa Romana* da Abicada. O edifício situa-se numa zona central, atuando como ponto marcante e referência visual na estrutura do Parque Agro-Patrimonial (1), para além disso esta interrelaciona-se com duas estruturas complementares, o Parque de Merendas da Abicada (com o tanque para banhos, nora e zona de refeições e confeção de alimentos ao ar livre – 2) e com o Observatório de Avifauna, tirando partido da estrutura pré existente – da nora – (3). O Centro de Interpretação desenvolve-se como um percurso contemplativo, tirando partido da topografia, minimizando o impacto visual do mesmo e permitindo a contemplação da paisagem. Paralelamente insere-se na dinâmica de percursos e relações de proximidades promovidas na estrutura geral do Parque Agro-Patrimonial.

Objeto na paisagem

O edifício germina a partir do contexto em que se insere, atuando como polarizador socioeconómico. Naturalmente o lugar assume uma importância imprescindível, enquanto génese arquitetónica, definindo a implantação, relações e aproximação ao edificado. A aproximação ao objeto pode ser feita por Este (acesso pedonal e ciclo viário) e Norte (acesso pedonal, ciclo viário e único acesso automóvel). A aproximação por Este, relaciona o Parque com a Vila de Alvor (importante polo turístico litoral). Esta aproximação permite percorrer a paisagem, tendo sempre como referência o objeto ao qual nos dirigimos, sem no entanto se sobrepor à enorme beleza paisagística. Esta aproximação define uma hierarquia a nível de edificado (fig. 85 – 3,2,1) correspondente à zona 3 (observatório de avifauna), zona 2 (parque de merendas) e culminando na zona 1 (lugar arqueológico). A axialidade Norte-Sul do edifício é facilmente perceptível influenciando acesso, percursos, disposição volumétrica, como forma de explorar a dualidade entre campo e ria, encontrada na paisagem. Explorando essa dualidade paisagística, o volume foi dividido em dois, o primeiro a Norte apresenta uma volumetria sólida, quase que megalítica, enquanto o segundo a Sul, surge enquanto um elemento estrutural ligeiro, uma

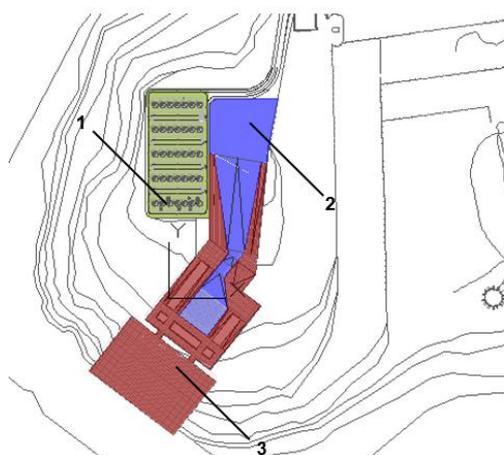


Fig. 88 Circulação exterior. Parque de estacionamento (1), acesso(2), edifício (3).

membrana. Estes volumes relacionam-se por uma “ponte” de comunicação. O intuito passa por realçar o edificado e mais uma vez a sua relação com a dualidade paisagística, ou seja, utilizar o objeto para formalizar o diálogo entre o campo e o mar, apostando-se na individualidade formal, enquanto partes compositivas de um todo. Enquanto o volume Norte, exprime a relação com a terra, apresentando-se como um “afloramento rochoso”, maciço e intemporal, definindo a aproximação ao mar a Sul, a falésia, o ponto panorâmico de observação e contemplação. O volume Sul exprime a relação com a Ria, leve e “flutuante”. Este volume compreende a transparência, anulando o seu peso a partir da desmaterialização da fachada com um quebra-sol contínuo em madeira, formando uma membrana que visa acompanhar a horizontalidade da paisagem a Norte.

Circulação

A Norte situa-se o estacionamento automóvel (fig.88 – 1), este dá acesso ao jardim (fig. 88 – 2) e permite o acesso a cobertura do edifício (fig. 88 – 3).

A aproximação ao edifício é feita a Norte a partir de uma rampa, dando acesso a uma praça central (núcleo distribuidor fig. 89 – 1). Este núcleo para além de permitir o acesso ao Centro de Interpretação (fig.89 – 2) ao Mercado (fig. 89 - 3), e a Receção do Museu (fig. 89 – 4) define uma zona exterior para iluminação natural e para desenvolvimento de atividades complementares ao edificado. O Centro de Interpretação dá acesso ao centro de formações, localizado no primeiro piso (fig.89 – 6), enquanto a receção comunica com a Sala da Jazida Arqueológica (fig. 89 -5) localizada também no piso térreo, com a sala de exposições permanentes (fig. 89 – 8) e com a biblioteca/arquivo (fig. 89 – 7) ambas no piso superior.

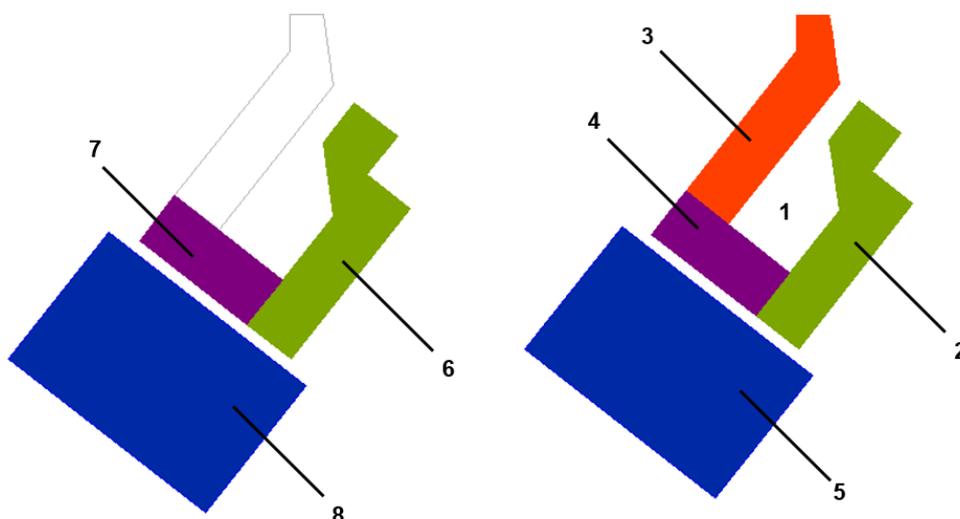


Fig. 89 Zonamento. Praça (1), Centro de Interpretação (2), Mercado (3), Receção (4), Sala da Jazida (5), Centro de formação (6), biblioteca/arquivo (7) e Sala de exposições permanentes (8).

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

A partir da praça (fig.90) é feita a comunicação com as três zonas distintas do edificado, no entanto a receção surge como o agregador do espaço, ocupando uma zona central e comunicando com o Mercado e Centro de Interpretação. Na receção estão situados os acessos verticais e a entrada do Museu. A partir da receção uma passagem dá acesso a sala da ruína, composta por um deque de circulação periférico que permite a observação da Jazida arqueológica da *Villa* romana da Abicada. Desta sala dois acessos verticais possibilitam o acesso a sala de exposições no piso superior, garantindo a continuidade da visita. Os diversos ambientes presentes no edifício encontram-se separados com recurso a painéis de madeira de Pinheiro, estes possibilitam o encerramento parcial do espaço, ou seja, o acesso pode ser vedado, mas os sentidos, esses permanecem ativos, oferecendo ao utente uma panóplia de sensações enquanto resultado direto das atividades desempenhadas e da envolvente.

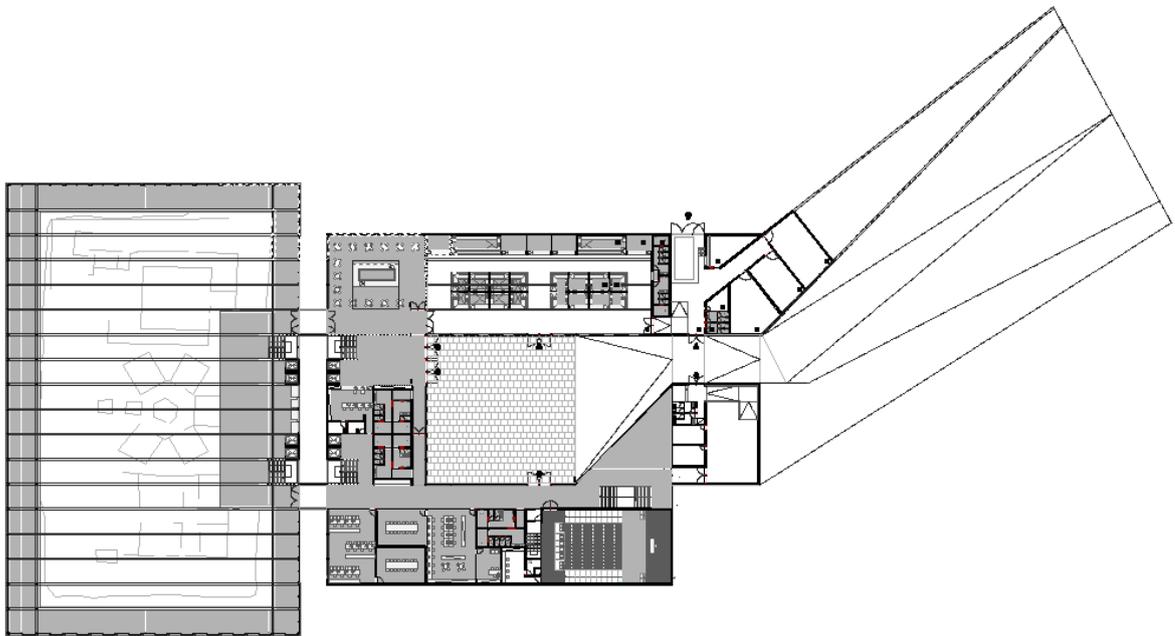


Fig. 90 Planta de Centro de interpretação e Conservação de Património Rural, piso térreo.

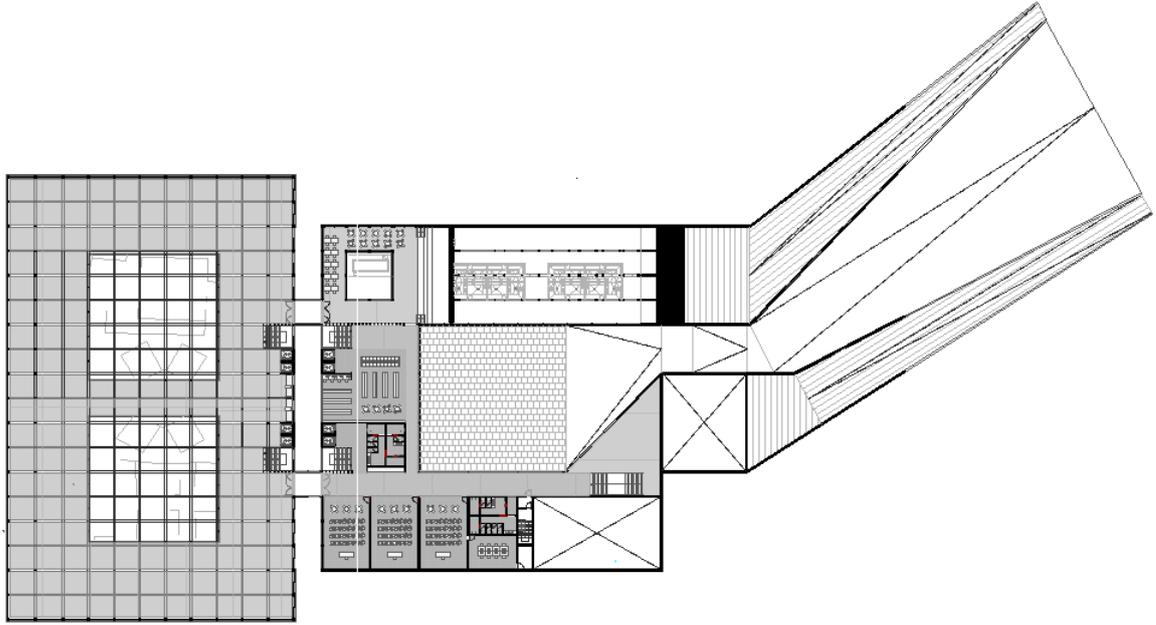


Fig. 91 Planta de Centro de interpretação e Conservação de Património Rural, piso superior.

Materiais

1. Calçada irregular de xisto – pavimento na rampa de acesso à praça;
2. Deque de madeira de eucalipto – pavimento de cobertura acessível;
3. Calçada de laje de xisto – biblioteca/arquivo e mercado.
4. Lajeta de barro cozido policolorido com pigmento – Instalações sanitárias (revestimento de paredes e pavimentos).
5. Madeira de Pinheiro – quebra sol de volume Sul, ripados exteriores, painéis divisórios e restantes pavimentos;
6. Xisto azul (pedra irregular corrigida a fiada argamassada – Revestimento exterior de volume Norte.

9. Conclusão

O território Algarvio sofreu alterações significativas durante a segunda metade do séc. XX, metamorfoseando-se de uma região fundamentalmente rural para uma sociedade urbanizada, que gradualmente foi ocupando toda a linha de costa. Esta mudança de paradigma económico e social, levou inevitavelmente ao abandono das atividades económicas e de subsistência seculares e condicionou efetivamente a perceção identitária da população Algarvia. Entender as principais razões do abandono destas matrizes culturais e económicas é definir uma plataforma futura que irá permitir um desenvolvimento estruturado, efetivo e dinamizador das matrizes culturais e socioeconómicas a partir de intervenções com uma base de desenvolvimento pluridisciplinar, também ela fundamental para o desenvolvimento da presente dissertação.

Torna-se urgente repensar o território, encontrando outros modelos de inovação, contrariando os modelos convencionais, inadequados as necessidades atuais. A transformação económica, cultural e social, prendem-se à revalorização do património rural e de todos os seus sistemas constituintes. Este embora seja apenas um dos vários modelos possíveis para a inovação e sustentabilidade das matrizes culturais e económicas, é sem dúvida alguma um dos mais importantes. Urge a necessidade de revalorização do espólio rural, protegendo os cada vez mais delapidados territórios agrícolas, complementando-os com os sistemas urbanos enquanto resposta eficaz às necessidades vigentes.

A recuperação da Abicada e Quinta da Rocha define-se primeiramente como uma proposta de consolidação económica, no entanto e segundo Norberg Shultz “[...carácter do lugar é em alta medida determinado pela forma como este se mantém, eleva e concretiza.]” (Norberg-Shultz, 1980, p. 63). Consequentemente constata-se que a forma como este se revaloriza e sua linguagem, são fatores fundamentais para a manutenção do carácter do território e sua subsistência, definindo o lugar através de uma arquitetura que nasce da sua própria essência.

10. Bibliografia

(org), A. (2007). *Fauna*. Obtido em 18 de Maio de 2014, de Ria de Alvor.org: <http://www.riadealvor.org/ria-pt/valores/fauna.html>

(org), A. (2007). *Habitats e espécies de ria de Alvor*. Obtido em 18 de Maio de 2014, de Ria de Alvor.org: <http://www.riadealvor.org/ria-pt/index.html?branch=main&language=pt>

A. Dwight Baldwin, J. J. (1993). *Beyond Restoration - Restoring and Inventing Landscapes*. Minneapolis: University of Minnesota Press .

Aalto, A. e. (1977). *La Humanizacion De La Arquitectura*. Barcelona: Tusquets Editores.

Aguar, C. e. (2002). *Wrightscapes*. New York: McGraw-Hill.

Alarcão, J. (1995). *O Domínio Romano em Portugal*. Europa-América.

Alexander, C. (1965). *A cidade não é uma árvore*, *Architectural Forum*, vol. 122, nº 1, abril de 1965, pp. 58-62 (Parte I) e vol. 122, nº 2, maio de 1965, pp. 58-62 (Parte II).

Alvor, R. d. (2008). <http://www.riadealvor.org/ria-pt/valores/valores.html>. Obtido em 13 de 02 de 2014, de www.Riadealvor.org.

Architecture 07 of 23 Frank Lloyd Wright Johnson Wax Administration (s.d.). [Filme].

Boladeras, R. (2004). *Pla de gestió i desenvolupament del Parc Agrari del Baix Llobregat*. Barcelona: Carnero & garcia.

Bougdah, H. e. (2005). *Integrated Strategies in Design*. Taylor & Francis.

Burns, k. (Realizador). (1998). *Frank Lloyd Wright- El arte de construir* [Filme].

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Carlson, A. (2000). *Aesthetics and the Environment_ The Appreciation of Nature, Art and Architecture*. New York: Routledge.

Corboz, A. (2004). El territorio como palimpsesto (1983). Em Á. M. Ramos, *Lo Urbano* (pp. 25-34). Barcelona: Upc.

Corbusier, L. (2008). *Maneira de Pensar o Urbanismo*. Lisboa: Europa-América.

Coutinho, E. (s.d.). *Monumentos Mégalíticos de Alcalar*. Obtido em 16 de Fevereiro de 2014, de Direcção Regional de Cultura do Algarve: [Http://www.cultalg.pt/alcalar/?subpagina=alcalar3.html](http://www.cultalg.pt/alcalar/?subpagina=alcalar3.html)

Cultalg. (2008). [Http://www.cultalg.pt/alcalar/?subpagina=alcalar3.html](http://www.cultalg.pt/alcalar/?subpagina=alcalar3.html). Obtido em 21 de 01 de 2014, de [Http://www.cultalg.pt](http://www.cultalg.pt).

Dias, A. (1988). Aspectos geologicos do litoral algarvio. *génovas/Lisboa, Volto*, 113 a 128.

Dias, M. G. (2010). “Mobilidade, Densificação e Transformação” in RODRIGUES, José et al, *Teoria e Critica de Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Caleidoscópio.

Dominguez, L. Á. (2003). *ARQUITECTONICS-ALVAR AALTO UNA ARQUITECTURA DIALOGICA*. Barcelona: Edicions de la Universitat Politècnica de Catalunya,.

Dunnett, N. (2004). *The dynamic Landscape*. London: 2004.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil.

Fisher, T. R. (2000). *In the Scheme of Things_ Alternative Thinking on the Practice of Architecture*. Minneapolis: Minesota.

Fishman, R. (2004). Más allá del suburbio: el tecnoburbio (1987). Em Á. M. Ramos, *Lo Urbano* (pp. 35-48). Barcelona: Upc.

Formosinho, J. (1940). *Abicada interessante estação da época Romana*. Portimão: Boletim da Junta de Província do Algarve.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

France, R. (2008). *Handbook of Regenerative Landscape Design*. Boca Raton: CRC Press.

Garcia, C. &. (2004). *Pla especial de protecció i millora del parc agrari del baix Llobregat*. Barcelona: Edicions La Terra.

Gregotti, V. (1996). *On Atopia, em Inside Architecture, trad. Peter Wong and Francesca Zaccheo*. London: The Mit Press.

Hain, W. (2006). *Laboratories_ A Briefing and Design Guide*. London: E&FN Spon.

Hartoonian, G. (s.d.). *Crisis of the object_ The Architecture of the Atricality, Routledge*. New York: 2006.

Heidegger, M. (1993). *Basic rigthings - Building Dwelling Thinking*. Washington: Washington University.

Heidegger, M. (1996). *Being and Time*. New York: State University of New York.

<http://www.saylor.org/>. (2013). <http://www.saylor.org/site/wp-content/uploads/2011/05/Frank-Lloyd-Wright.pdf>. Obtido em 04 de 03 de 2014, de <http://www.saylor.org/>.

Inaji, T. (1998). *The Garden as Architecture*. Londre: Kodansha International.

Jalander, Y. (Realizador). (1996). *Alvar Aalto - Technology and Nature* [Filme].

Keil do Amaral, F. (1980). *Arquitetura Popular Portuguesa*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Koolhas, R. (2010). *A Cidade Genérica*. Barcelona: Gustavo Gili.

Martins, A. C. (2004). *Arquitetura Popular em Portugal Vol. II*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Montaner, J. M. (2011). *La Modernidade Superada*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

More, T. (1972). *Utopia*. Mem Martins: Europa America.

Natureza., I. D. (2000). *plano sectorial rede natura 2000*. ICN.

Norberg-Shultz, C. (1980). *Genius loci - towards the Phenomenology of architecture*. Londres: Academy edition.

Pallasmaa, J. (2011). *Os Olhos da Pele-A arquitetura e os sentidos*. Bookman.

Parreira, R. (1989). *Abicada (Portimão) Projecto de Salvaguarda e Reabilitação*. Portimão.

Patrick, J. B. (2004). *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM.

Pavia, R. (2004). El miedo al crecimiento urbano (1996). Em Á. M. Ramos, *Lo Urbano* (pp. 105-116). barcelona: Upc.

Pfeiffer, B. B. (1994). *Frank Lloyd Wrigth*. Lisboa: Taschen.

Pimenta, E. D. (1999). *"Teleantropos, desmaterialização da cultura material"*. Editorial Estampa.

Portas, N. (1998). *Cidades e frentes de água - Cities & waterfronts*. Porto: CE/FAU.

Portas, N. (2004). De una ciudad a otra: perspectivas periféricas (2003). Em Á. M. Ramos, *Lo Urbano* (pp. 221-229). Barcelona: Upc.

Puig, T. (2012). *Comuniquemos la marca de la ciudad a los ciudadanos con pasión compartida*. Barcelona: www.Tonipuig.com.

Rabaça, A. (2005). *"Entre o Corpo e paisagem"*. Coimbra: EDARQ.

Rattenbury, J. (2000). *A Living Architecture-Frank Lloyd Wrigth and Taliesin Architects*. Toronto: Pomegranate.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Ribeiro, V. (. (2008). *MATERIAIS, SISTEMAS E TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO TRADICIONAIS-Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão*. Edições afrontamento.

Rigth, F. L. (1936). *Frank Lloyd Righth on Architecture:Organic Architecture from the Architects Journal 1935*.

Robert, B. K. (2003). *Landscapes of settlement - Prehistory to the present*. London: Taylor & Francis.

Robert, M. (2005). *Frank Lloyd Wright*. Phaidon.

Robert, M. (2005). *Frank Lloyd Wright*. Phaidon.

Robert, M. (2005). *Frank Lloyd Wright*. Phaidon.

Rojo, M. S. (2009). *Creando juntos el Parque de la Piana en la Toscana (Italia)*. Obtido em 02 de Março de 2014, de Biblioteca CF+S: <http://habitat.aq.upm.es/eacc/atoscana.html>

Rossi, A. (n. e. 2011). *A arquitetura da cidade , Marsilio, Pádua 1966*. n. e.Itália: n. e. Quodlibet.

Sabaté (Coord.)e Schuster, J. M. (2001). *Designing the Llobregat Corridor, Cultural Landscape and regional Development*. Barcelona: Impresiones Generales S.A.

Sabaté, J. (2004). *De la preservación del patrimonio a la ordenación del paisaje*. barcelona: Universidade politécnica da Catalunha, Revista Ambiente Digital.

Sabaté, J. (2004). *Patrimonio y proyecto territorial, Colonias, Sèquia de Manresa y Delta del Llobregat (Heritage and territorial project, Colonies, Manresa Ditch and Llobregat Delta River)*. Barcelona: Diputació de Barcelona.

Sacriste, E. (1976). *Frank Lloyd Wriighth- Usonia*. San Miguel de Tucuman: CP67.

Santos, M. (2006). *A natureza do espaço*. São Paulo, Brasil.: Editora da universidade de São paulo.

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Santos, M. L. (1971). *Arqueologia Romana do Algarve* (Vol. II). (A, Ed.)

Santos, M. L., & Da Veiga, E. (1971). *Arqueologia Romana do Algarve, Vol.II*. Portimão: Boletim da junta da provincia do Algarve.

Scott, A. (1998). *Dimensions of sustainability*. New York: E&FN SPON.

Sennet, R. (2004). El capitalismo y la ciudad (2001). Em Á. M. Ramos, *Lo Urbano* (pp. 213-220). Barcelona: Upc.

Simões, J. M. (2007). *História da Mexilhoeira Grande*. Edições Colibri.

Sintra, F. e. (2004). *PATRIMÓNIO RURAL CONSTRUÍDO DO BAIXO GUADIANA*. Associação ODINA.

Sotavento, C. A. (2008). *GTAA SOTAVENTO - SÍNTESE DOS TRABALHOS 2001-2007*. GTAA. Edições Afrontamento.

Stell, C. (2009). *Hungry City- how food shapes our lives*. Londres: Vintage Books.

T.Hall, E. (1989). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D`agua.

Tanizaki, J. (2010). *Elogio da Sombra*. Relógio D`água.

Tcheiner, F. (2007). Subsídios para a restituição virtual da Villa Romana da Abicada (Mexilhoeira grande, Portimão, Algarve). *Estudos nº 10b-Gd*, p.99 a 103.

Thompson, C. W. (2007). *Open Space People space*. Oxon: Taylor & Francis.

Thompson, W. J. (2008). *A Guide to Green Building Outdoors, Washington*. Washington: Islandpress.

Tilzey, P. (Realizador). (2005). *Frank Lloyd Wriqth-Murder, Myth and Modernism* [Filme].

INFRAESTRUTURAS DE APOIO PARA PARQUE AGRO-PATRIMONIAL DA RIA DE ALVOR

Viana, F. F. (1953). *De lo pre-romano a lo anase en el museu municipal de Lagos, nº26, p.128-130*. Madrid: Archivo Espanol de Arqueologia.

Wachtmeister, J. (Realizador). (2003). *Kochuu* [Filme].

Watson, G. B. (2007). *Identity By design*. Burlington: Elsevier.

Wright, F. L. (1935). Broadacre City: A New Community Plan. *Architectural Record*, 344-349.

Zevi, B. (1979). *Frank Lloyd Wright- A cura di Bruno Zevi*. Bolonha: Zanichelli Editore Bologna.

Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili.